



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Cíntia Beñák de Abreu

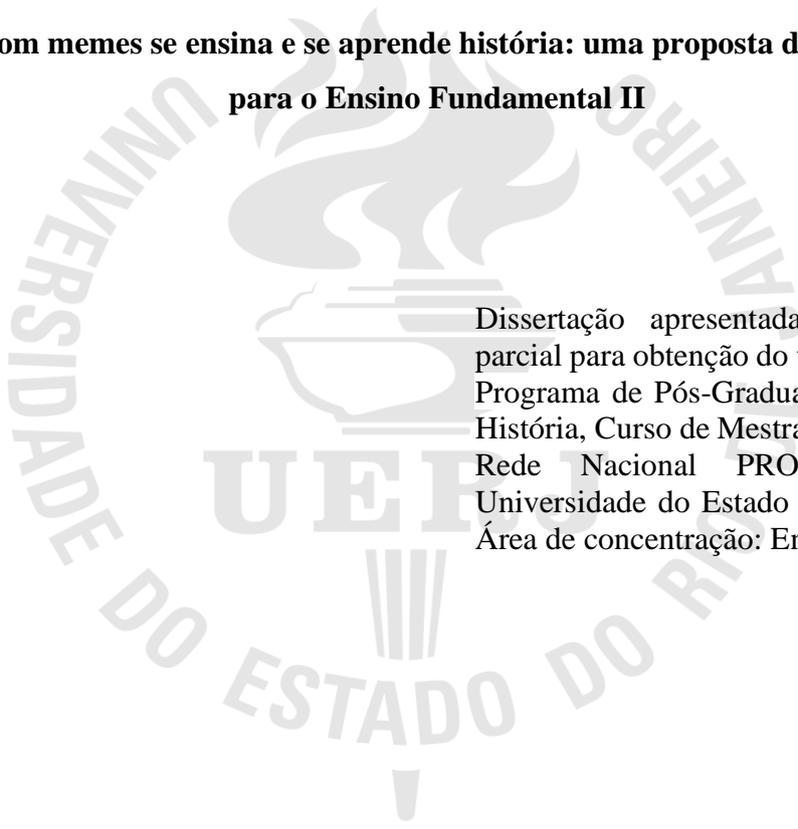
**Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta
didático-histórica para o Ensino Fundamental II**

São Gonçalo

2020

Cíntia Beňák de Abreu

Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sonia Wanderley

São Gonçalo

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

A162 Abreu, Cíntia Beňák de.
TESE Também com memes se ensina e se aprende história: uma
Proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II / Cíntia
Beňák de Abreu. – 2020.
185f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia Maria de Almeida Ignatiuk
Wanderley.
Dissertação (Mestrado Profissional em História em Rede Nacional
- PROFHISTÓRIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino - Teses. 2. Memes – Teses. 3. Mídia
digital. I. Wanderley, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

CDU 93/94 **CRB7/4924**

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

**Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica
para o Ensino Fundamental II**

Cíntia Beňák de Abreu

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 14 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Sonia Wanderley (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Ana Maria Monteiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho
Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Vivian Zampa (suplente)
Universidade Salgado de Oliveira

São Gonçalo

2020

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as mulheres, em especial às professoras, que em tempos difíceis, resistem.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação de mestrado é um grande desafio para o professor, em especial, para as mulheres. Estamos em muitos espaços: na sala de aula, em casa, com os filhos, na pesquisa, e, diariamente lutamos para vencer as adversidades de uma sociedade que insiste em manter em suas raízes um machismo que tenta nos limitar e silenciar. Agradeço a todas as mulheres que, diariamente, enfrentam as diversas batalhas que nos são impostas, mas que as resistem bravamente.

Agradeço aos anjos de luz que sempre estiveram ao meu lado, que me fizeram resistir e prosseguir todos os dias.

Agradeço a minha mãe, Lucy Santos, uma mulher exemplar, que lutou bravamente para me dar o impossível. Professora da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e de escolas particulares até recentemente, resistiu bravamente, na intenção de me proporcionar uma boa escolarização, no Ensino Médio e na Universidade pública. Esta conquista é resultado dos seus exemplos diários que me tornaram uma mulher mais forte. Agradeço por ela ser mãe e avó do meu Caduzinho. Sem ela, esse mestrado não teria sido possível.

Agradeço ao meu pai, José Carlos, por se fazer presente sempre que necessário, em especial, nas minhas ausências com o meu filho.

Agradeço ao meu filho, Carlos Eduardo, que, embora tenha apenas sete anos, demonstrou ser um grande rapaz, ao entender minhas ausências nas suas brincadeiras, na escola e nos passeios de domingo. Que esta pesquisa seja uma inspiração para seus estudos e que eu possa ser uma mulher que o inspire.

Agradeço ao meu amigo/companheiro, Eduardo Brito, por entender que o lugar da mulher é onde ela quiser. Agradeço a paciência e o apoio nas decisões mais difíceis durante esses anos de estudos. Que sorte o ter ao meu lado!

Agradeço ao meu amado irmão, Victor Beňák. Ser humano incrível que sempre se fez presente na minha caminhada, inclusive neste momento, sendo tão disponível em me ajudar nesta pesquisa.

Agradeço a minha admirável orientadora, Sonia Wanderley. Que mulher incrível! No meio dos meus desesperos, sempre teve uma palavra, um incentivo, um sorriso. Obrigada por fazer deste momento tão solitário um espaço de companheirismo e trocas. Gratidão a essa professora marcante.

Agradeço a duas grandes educadoras que admiro imensamente: Ana Maria Monteiro e Marcella Albaine. Vocês são inspiradoras! Agradeço ao professor Bruno, Leal pelo incentivo na banca de qualificação. Seu trabalho é admirável.

Agradeço a minha amiga/parceira, minha gramática preferida, Cristiane Barbalho. Sua inteligência admirável foi fundamental em todas as etapas de construção desta dissertação. Obrigada pelas sugestões, pelos parágrafos compartilhados e pela energia positiva nos momentos mais difíceis deste processo.

Agradeço as minhas amigas, Carine Câmara e Aline Silva, pelas leituras e pelas trocas compartilhadas ao longo da trajetória do mestrado.

Agradeço a minha irmã de alma, Luciana Sposito, por tornar os meus dias mais leves com muitas palavras de incentivo e força. Mesmo do outro lado do Oceano Atlântico, ela consegue estar presente em minha vida. Amo-te!

Agradeço a minha amiga, Andréa Macena, por dividir comigo a minha ansiedade nos tempos de escrita e por me divertir nas horas de descanso.

Agradeço à UERJ, pela resistência e pela excelência de seu corpo docente.

Agradeço aos meus amigos professores, que resistem bravamente ao governo Bolsonaro. Por mais resistências sempre em busca de uma educação pública de qualidade, #elenao.

Agradeço à equipe de professores e aos estudantes do #MUSEUdeMEMES, em especial, ao professor Viktor Chagas.

Agradeço aos meus alunos, por me inspirarem a ser uma professora melhor.

Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar, estou mudando as coisas que eu não posso aceitar.

Ângela Davis

RESUMO

ABREU, Cíntia Beňák de. *Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II*. 2020. 185f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

A História e seu ensino vêm atravessando nas últimas décadas um processo de mudanças que, de certa forma, relacionam-se à afirmação de novas formas de se ler e comunicar histórias e memórias do homem no tempo. Essas novas formas têm possibilitado um acesso ampliado de narrativas de sentido histórico em diferentes suportes, especialmente os digitais, que, produzidas em ambientes públicos, rompem os muros escolares e constituem sentidos na sala de aula. Esta pesquisa busca refletir aspectos das exigências que essas mudanças provocam no ensino escolar de História e se propõe a discutir o uso didático do meme, entendido como uma narrativa digital que circula pelo ciberespaço e com alto potencial de produzir narrativas históricas. O objetivo é apresentar reflexões que surgiram de experiências didáticas com a apropriação desse artefato cultural midiático em turmas do 6º e 8º anos do Ensino Fundamental II, de uma instituição privada do município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro, visando promover uma aprendizagem histórica significativa. Na construção das experiências didáticas, a pesquisa fundamentou-se na Didática da História, em especial Rüsen e Cerri, em diálogo com outros pesquisadores do campo do Ensino de História no Brasil, como Caimi, Cainelli e Monteiro. A metodologia das aulas-oficina, a partir de Alves, Antunes e Barca, atendeu às perspectivas pretendidas pela pesquisa, pois possibilitou, apesar da condição excepcional de aulas remotas, a construção de espaços de trocas e diálogos com os alunos e a promoção da maximização da aprendizagem por meio da interligação entre teoria aplicada com a prática. Os resultados alcançados serviram de base para a elaboração de um Guia Didático *on-line*, artefato didático escolar, que objetiva orientar e motivar outros professores do Ensino Fundamental II a experimentarem os memes em suas aulas.

Palavras-chave: Ensino de História. Aprendizagem histórica. Memes da Internet.

ABSTRACT

ABREU, Cíntia Beňák de. *History is also taught and learned with memes: a didactic-historical proposal for elementary education*. 2020. 185f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

History and its teaching have been going through a process of changes in the last decades. These changes, in a way, are related to the affirmation of new ways of reading and communicating stories and memories of humans in time. These new forms have enabled expanded access of narratives of historical sense in different supports, especially digital ones, produced in public environments, breakthrough school walls and constitute meanings in the classroom. This research seeks to reflect aspects of the demands that these changes cause in history school education and aims to discuss the didactic use of the meme, understood as a digital narrative that circulates in cyberspace and with a high potential to produce historical anecdotes. The objective is to present reflections that emerged from didactic experiences with the appropriation of this cultural media artifact in classes of the Grade 6 and Grade 8 of Elementary School, from a private institution in the municipality of Nova Iguaçu, state of Rio de Janeiro, aiming to promote significant historical learning. In the construction of didactic experiences, Didactics of History was the base of this research, especially with Rüsen and Cerri, in dialogue with other researchers in the field of History Teaching in Brazil, such as Caimi, Cainelli and Monteiro. The methodology of the workshop classes, from Alves, Antunes and Barca, met the perspectives intended by the research because it made possible, despite the exceptional condition of *on-line-learning*, the construction of spaces for exchanges and dialogues with students and the promotion of the maximization of learning through the interconnection between applied theory and practice. The results achieved served as a basis for the elaboration of an *on-line Didactic Guide*, a school didactic artifact, which aims to guide and motivate other elementary school teachers to experiment with memes in their classes.

Keywords: History Teaching. Historical Learning. Internet Memes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Redes sociais dos anos 2000	34
Figura 2 – Localização do Município de Nova Iguaçu	94
Figura 3 – Local de armazenamento dos celulares.....	98
Figura 4 – Slide apresentado na reunião dos Responsáveis	101
Figura 5 – Ensino de História e a BNCC.....	102
Figura 6 – Objetivos das metodologias ativas	102
Figura 7 – Pontos positivos das metodologias ativas	103
Figura 8 – Exemplificação do projeto	103
Figura 9 – Conta Instagram	104
Figura 10 – Exposição de memes 01	108
Figura 11 – Exposição de memes 02	108
Figura 12 – Exposição dos slides - Oficina #MUSEUdeMEMES	110
Figura 13 – Etapa de produção dos memes	111
Figura 14 – Certificação na oficina dos memes	112
Figura 15 – Meme projetado no quadro	114
Figura 16 – Memes em lista de exercícios	116
Figura 17 – Memes em lista de exercícios 2	117
Figura 18 – Meme elaborado por aluno do oitavo ano.....	118
Figura 19 – Meme elaborado por aluno do oitavo ano.....	119
Figura 20 – Meme elaborado pelos alunos para compor o perfil da conta do Instagram @memes_na_historia	122
Figura 21 – Organização da conta do Instagram @memes_na_historia	123
Figura 22 – Exemplos de postagens de incentivo aos discentes.....	126
Figura 23- Exemplos de postagens de incentivo aos discentes	126
Figura 24 – Meme elaborado por aluno do 6º ano	127
Figura 25 – Meme elaborado por aluno do 6º ano	128
Figura 26 – Meme elaborado por aluno do 8º ano.....	129
Figura 27 – Meme elaborado por aluno do 8º ano.....	129
Figura 28 – Sugestões de modelos de camisetas	134
Figura 29 – Confecção das camisetas virtuais da aula-oficina – Varal de memes.....	135
Figura 30 – Confecção das camisetas virtuais da aula-oficina – Varal de memes.....	136

Figura 31 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram	137
Figura 32 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram	137
Figura 33 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram	138
Figura 34 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram	138
Figura 35 – Meme em ambiente colaborativo	139
Figura 36 – Resultado da proposta 3	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Leciona como professor de História?.....	66
Gráfico 2 – Leciona em qual região do Brasil?.....	67
Gráfico 3 – Atualmente atua como professor em escola pública?	68
Gráfico 4 – Apresenta experiência de ensino em escolas privadas?	68
Gráfico 5 – Já fez uso dos memes em suas aulas de História?.....	69
Gráfico 6 – Sua experiência foi positiva?.....	78
Gráfico 7 – O retorno dos alunos foi positivo?	79
Gráfico 8 – Obteve alguma experiência negativa com memes em suas aulas?.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados da questão 7.....	71
Quadro 2 – Planejamento das propostas didático-históricas	89
Quadro 3 – Planejamento das propostas didático-históricas/2019	90
Quadro 4 – Planejamento das propostas didático-históricas/2020	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPERJ	–	Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
CESPEB	–	Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica
coLAB	–	Laboratório de Pesquisa de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração
ENEM	–	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNAI	–	Fundação Nacional do Índio
PIB	–	Produto Interno Bruto
RMRJ	–	Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	–	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	–	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	–	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UHF	–	Estrutura Histórica Utilizável

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	MEMES COMO ARTEFATO CULTURAL DIGITAL	22
1.1	Meme: de ciência à narrativa digital	22
1.2	O meme como um elemento da cultura juvenil	27
1.3	Meme: estrutura narrativa do ambiente digital	34
1.4	Memos no universo da Histórica pública	41
1.5	Memos e os aprendizados históricos	44
2	O MEME COMO OBJETO DE ESTUDO NO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	53
2.1	Experiências didáticas com os usos dos memes	54
2.2	Memos na Educação Básica: relatos docentes não publicados	64
3	MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA: AULAS-OFICINA	87
3.1	Trajetória da pesquisa	87
3.2	Planejamento do projeto	88
3.3	A cultura escolar	93
3.4	O projeto em prática	105
3.4.1	<u>Propostas didático-históricas – 2019</u>	106
3.4.2	<u>Propostas didático-históricas – 2020</u>	120
3.4.2.1	Proposta 1 – Aula-oficina: Memos contam Histórias? Coronavírus: O presente por meio dos memes	124
3.4.2.2	Proposta 2 – Aula-oficina Varal de memes	132
3.4.2.3	Proposta 3 – Aula-oficina Memos em ambientes colaborativos	139
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	148
	APÊNDICES A	156
	APÊNDICES B	158
	APÊNDICES C	159
	APÊNDICES D	162

INTRODUÇÃO

“Não faz meme, professora!”

Uma voz ecoou do fundo da sala de aula. Lá estava um aluno do 8º ano do Ensino Fundamental II, com seu tom de voz bem alto, esbravejando sua fala. Era um jovem estudante no seu 3º tempo de aula, que demandava por algo que de imediato não ficou bem esclarecido devido à linguagem utilizada. Sabia que ele desejava algo, mas o diálogo que foi estabelecido estava distante de ser compreendido por mim.

Inicialmente parecia ser uma simples expressão, mas ao contrário do que eu imaginei, esse quase dialeto, proferido por aquele jovem, resultou em grandes reflexões. Por uns instantes, paralisada, embarquei em uma profunda viagem acerca da pesquisa sobre memes que realizei em um curso de pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e nas diversas vezes que fui motivada a utilizá-los em sala de aula. De volta à realidade, minha imediata reação foi tentar compreender o que eu tinha feito ou falado que pudesse despertar naquele jovem este tipo de narrativa. Diante da minha cara de espanto, fui surpreendida, com a seguinte fala: Calma, professora! Você faz memes sempre.

De imediato, minha reação foi questionar o porquê daquela expressão e os motivos que o levaram a entender que meu comportamento era um meme. Com muita tranquilidade e firmeza, o jovem aluno me respondeu que dos dois tempos de aulas de História, o primeiro era o pior, porque eu sempre organizava um esquema no quadro e solicitava à turma que copiasse no caderno. Este comportamento constante de sintetizar no quadro branco os temas de maior destaque da aula também era utilizado por mais dois outros professores. Nesse contexto, o jovem estudante explicou que o ambiente escolar se tornava enfadonho e desestimulante com essas rotinas diárias. Copiar era um martírio não só para ele, mas para todos os outros que se encontravam no ambiente de aprendizagem.

Inquieta com o sentido da frase, tornei a questioná-lo a respeito da expressão utilizada, e ele respondeu que não fazer memes era não repetir algo que todos já faziam. Diante, do meu interesse, o que pareceu a todos muito estranho, outros jovens (re)significaram a expressão, afirmando ser comum entre eles definir dessa forma aquelas narrativas ou comportamentos repetitivos, fossem eles considerados bons ou ruins. Em poucos minutos, a aula que estava direcionada para a temática do Primeiro Reinado no Brasil, tornou-se um ambiente de trocas e

informações a respeito do digital na vida dessa juventude escolar. Neste instante eram muitas cabeças pensantes teorizando e criando analogias *entre* vida *on-line* e a cultura escolar.

De fato, é uma prática comum entre professores, em especial os de História, registrar sob a forma de esquemas resumos os temas que serão desenvolvidos na aula, assim, como é comum o uso do livro didático, de documentários e listas de exercícios. Diante desse hábito cotidiano, educadores repetem comportamentos em prol de atender as diversas demandas exigidas pelo extenso programa de história escolar e porque quando frequentaram a escola foram expostos a rotinas semelhantes como parte do cotidiano docente na sala de aula.

Embora esse costume ainda se mantenha ativo, nota-se que nos últimos tempos, a influência das novas tecnologias na vida dos jovens assim como a mudanças sociais e culturais estão refletindo na forma como a juventude e as suas famílias enxergam o papel da escola em suas vidas e com isso determinados hábitos escolares vem perdendo espaço e credibilidade neste meio, levando a cultura escolar a aprender a lidar como novos comportamentos, novas tendências, novos modos de ser e agir da “vida *on-line* dos alunos”.

A partir das pesquisas Leal-Toledo (2009), toda a cultura – comportamentos sociais, ideias e teorias –, ou seja, todos os comportamentos não geneticamente transmitidos, tudo o que uma pessoa pode imitar ou aprender com uma outra pessoa é um meme. Ora, determinadas práticas rotineiras do cotidiano escolar utilizadas pelos docentes, tais como, escrever no quadro, aplicar listas de exercícios, organizar a sala de aula em um formato linear, entre outros comportamentos típicos da cultura escolar são comportamentos que se perpetuam e, certamente por essa razão, foram rapidamente comparadas pelos alunos aos memes.

Então, não fazer memes, considerando o que foi exposto pelos alunos, seria simplesmente não reproduzir um determinado comportamento ou ato visto pelos discentes como repetitivo entre os professores. De fato, a expressão em destaque recebeu um significado negativo para o aluno, pois para ele, o ato de escrever no quadro para ser copiado pela turma não o atraia ao ponto de desmotivá-lo no processo de aprendizagem. Contudo, como veremos, a compreensão de um meme depende de os seus leitores participarem de um mesmo contexto de interpretação, caso contrário, esta expressão ou ação pode apresentar variáveis e significados diferentes ou mesmo se tornar ininteligível como o foi para mim, a princípio, a fala de meu aluno.

Como professora de História, há dezesseis anos sempre procurei seguir na íntegra o programa curricular de História. Tinha acesso a ele, a partir de minhas memórias, sendo raros os momentos de consulta ao planejamento escolar proposto para o ano letivo. Livro embaixo do braço, oralidade na ponta da língua, folhinhas de atividades para fixar os conteúdos e caneta

marca texto de reserva para emprestar aos alunos eram itens de sobrevivência para as longas jornadas de aulas. Embora eu lecionasse no automático, muitas questões me inquietavam, tendo em vista, as inúmeras propostas de trabalhos sugeridas aos alunos que não eram cumpridas ou realizadas de qualquer forma, a forte presença dos responsáveis atuando diretamente no controle dos usos do livro didático, em outras palavras, a minha passividade diante de tudo isso. Faltava algo a mais, faltava sentido no processo de aprendizagem.

Esse cenário começou a mudar quando me tornei aluna do curso de especialização de Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, via Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB), Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica. Esta experiência me oportunizou, pelas palavras de Cerri (2010), um abrir de novas portas, (re) construir minha capacidade de pensar, definir e atribuir sentido aos novos objetos de estudos do ensino de história.

Minha reflexão e proposta pedagógica emergem nestes cenários de inquietudes e de ressignificação, me levando à busca por novos sentidos na aprendizagem, por respostas que não foram dadas aos alunos, por questões que ficaram para trás, pelos muitos memes praticados, por novas formas de ensinar e aprender. Tarefa difícil, mas não impossível a partir das motivadoras pesquisas e estudos no campo do Ensino de História com as perspectivas da História Pública e da Didática da História.

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver, a partir de propostas didático-históricas, organizadas como aulas-oficina, uma aprendizagem histórica significativa em diálogo com os memes da Internet produtores de narrativas de sentido histórico. Pensada com a finalidade de dar complexidade à consciência histórica dos alunos, ou seja, dar complexidade à sua competência narrativa, estimulando o pensamento histórico por meio da leitura crítica dos memes veiculados na Internet e criações de memes didáticos a partir dos objetivos da história escolar. Parto da ideia inicial, de que estas peças digitais apresentam um enorme potencial para se constituírem como narrativas históricas públicas que, quando apropriados pelo ensino de História, podem produzir sentido para a experiência acumulada da humanidade, conduzindo o aluno a pensar a si e ao outro, criando a sua própria identidade e respeitando a alteridade. Para além disso, a partir das experiências das aulas-oficina, esta pesquisa se propõe à elaboração de um Guia Didático *on-line* voltado aos professores do Ensino Fundamental II que queiram dialogar com as narrativas meméticas em suas aulas. Não se trata de um manual com fórmulas prontas e já definidas, mas sim de práticas didático-históricas já desenvolvidas que podem contribuir com aprendizagens históricas significativas para além do espaço de atuação deste projeto.

As experiências didático-históricas foram realizadas em uma instituição escolar privada, localizada na Baixada Fluminense, especificamente no município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. Por razões administrativas, o nome da escola não será revelado, e receberá a nomenclatura de Escola X. As atividades foram desenvolvidas com os grupos do 6º e 8º anos do Ensino Fundamental II e organizado para ocorrer nos anos letivos de 2019 e 2020.

O projeto *Memés no Ensino de História* foi estruturado para ocorrer em duas etapas, sendo a primeira a ser realizada no ano letivo de 2019, a partir de diferentes atividades que tinham o objetivo geral de ambientar alunos e outros sujeitos da cultura escolar ao universo dos memés e a segunda etapa, proposta para o ano de 2020, realizada por meio de três aulas-oficina com memés. O objetivo do projeto foi promover uma aprendizagem histórico escolar que produzisse sentido para a vida prática dos alunos, estimulando-os a pensar o aprendizado de história escolar como uma ferramenta que auxilia sua orientação temporal, a promoção de identidades com maior autonomia, bem como a prevenção de identidades não-razoáveis (CERRI, 2010).

A escolha metodológica das aulas-oficina se deu por ser um método capaz de colaborar com a construção de uma maior autonomia intelectual do aluno, produzindo oportunidades de se relacionar reflexão teórica (em nosso caso, envolvimento dos conceitos de 2ª ordem ou epistemológicos) à prática (aplicação aos conteúdos históricos ou de primeira ordem) e produzirem narrativas – no caso, por meio dos memés - que demonstrem essa competência adquirida. Por tratar-se de um método que possibilita à interação mais densamente significada entre professor, aluno e ferramentas didáticas, acredita-se que reflita em maiores trocas, diálogos e uma aprendizagem significativa, em outras palavras, de sentido para o aluno.

Esta pesquisa entende o meme como um artefato cultural digital que se articula como uma linguagem com alto potencial comunicativo e que se manifesta a partir de *gifs*, links, palavras, imagens legendadas com figuras famosas da cultura popular, vídeos e sons que se popularizam a partir de um formato próprio de se propagar na rede. Os memés da Internet selecionados para serem utilizados no projeto são aqueles que se constituem como narrativas históricas, ou seja, que estabelecem sentido para o estar no tempo.

A origem do termo meme está relacionada a Richard Dawkins, que em 1976, publicou o livro “O Gene Egoísta”. Com uma abordagem evolucionista, o autor compara a evolução cultural com a evolução da genética sob a perspectiva de que as leis que regem a seleção e reprodução dos genes, por uma forma ainda não identificada, orientam a produção e reprodução da cultura (ZACHER, 2019, p. 29). A partir de Chagas (2020), os memés são replicadores, tal como um gene, de uma unidade de transmissão, que transporta informações, no caso dos genes,

biológicas e dos memes, cultural, de um lado a outro que se replica entre as pessoas como se as contaminasse. Como replicadores, são naturalmente selecionados, de maneira que as crenças ou ideias mais bem aceitas são as que se propagam com maior êxito. Logo, sob esse ponto de vista, as ideias, bordões, modos de vestir, pensar, cozinhar, construir e fazer que competiram entre si para se afirmar no caldo cultural humano são os memes que se propagaram com mais êxito e com mais eficácia pelas pessoas.

Com a definição de Dawkins (2001), considera-se que os memes são ideias que se espalham pela sociedade por meio da *web*, que atendem a determinados hábitos e padrões culturais. Contudo, somente a partir da década de 1990 e início dos anos 2000, com a evolução da Internet, especificamente das redes digitais, que os memes ganharam o formato, tal como hoje é conhecido. Gradativamente, eles foram ganhando espaços nas mídias, com um jeito quase remixado e irônico de se expressar com o alcance rápido próprio da Internet, chegando a muitas curtidas e compartilhamentos

Os memes da cultura digital, enquanto gênero textual, trabalham com diferentes linguagens e semioses, exigindo do interlocutor uma complexa rede de inferências. Isso se deve, especialmente, por exigir nesse gênero textual a utilização de uma imagem já existente na sociedade, ancorando-se no processo de intertextualidade, o qual consiste em um texto que, de forma implícita ou explícita, remete-se a um outro texto já existente. A escolha dessas imagens que vai desde a personagens infantis, a personagens criados em obras ficcionais, como filmes ou séries, até personalidades públicas tem, geralmente, uma íntima relação com a intencionalidade que se pretende criar, ao inserir nessa imagem escolhida e já dada na sociedade uma linguagem verbal. Embora o meme seja um texto curto, aparentemente breve, ele mobiliza vários conhecimentos do leitor para a construção de seu sentido. Isso nos permite afirmar o quão complexo pode ser a análise de memes, uma vez que trabalha com diferentes semioses e com diferentes recursos de linguagem, como, às vezes, a ironia, a intertextualidade, as construções conotativas, mesmo sendo um texto curto e aparentemente direto.

Para além dessas potencialidades, acredita-se que este objeto de estudo tenha uma relação muito próxima com a juventude, haja vista estarem cercados de *gadgets* tecnológicos, como consumidores ou produtores, imersos em um caldo cultural midiático. Por estes motivos, torna-se pertinente apropriar a linguagem dos memes, a partir de uma reflexão didática no espaço escolar, que se proponha a pensar as narrativas históricas produzidas em ambientes públicos e sem a metódica historiográfica, mas que produzam orientação aos alunos, tendo como propósito o desenvolvimento do seu pensamento histórico.

A partir de Rüsen (2010), compreende-se como narrativa histórica o sistema de operações mentais que determina o campo da consciência histórica e que permite a constituição de sentido da experiência do tempo para o homem. Pelo olhar do autor, sem essa orientação, o indivíduo não consegue formar uma identidade tão pouco situar-se no tempo e refletir sobre a alteridade. Estas narrativas históricas podem ser encontradas nos memes e, quando compartilhadas em espaços públicos destinados a grandes audiências, produzem significados variados, que podem e devem serem apropriados criticamente pelo ensino de história.

A pesquisa dialoga com o campo do Ensino de História, em especial no recorte da Didática da História e dois de seus objetos – o ensino escolar e os usos públicos da história. As reflexões propostas por Rüsen, Cerri, Cainelli, Caimi, Monteiro e Wanderley, no primeiro recorte, e por Santhiago, Almeida e Rovai, Lucchesi e Carvalho, no tocante à História Pública e História Digital, formam a base de nosso diálogo teórico. Quanto aos estudos específicos do meme, as contribuições de Chagas (2020) e as pesquisas realizadas pelo #MUSEUdeMEMES foram importantes para situar esse universo. Além destes, outros trabalhos no âmbito da aprendizagem com memes, que foram desenvolvidos por professores/pesquisadores, serão analisados nesta pesquisa, por tratar-se de experiências didáticas positivas tanto para o meio acadêmico quanto para as práticas escolares.

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução, considerações finais e do apêndice com a apresentação do Guia Didático. No primeiro capítulo, estabeleço uma breve discussão quanto aos estudos sobre memes a partir do olhar da ciência da Memética, na proposição de compreender a origem deste termo e sua respectiva relação com a cultura e como este foi apropriado pelo meio digital. Entendendo-o como um gênero textual da Internet de grande potencial educativo, faço uma relação dessa linguagem como um artefato da cultura juvenil, na finalidade de compreender as relações e interações que ocorrem entre as mídias e os jovens dentro e fora do espaço escolar. Ainda nesse capítulo, discuto o significado de narrativa histórica; a fim de identificar no meme a possibilidade de carrear esse tipo de narrativas, relaciono-as ao campo da História pública na intenção de apresentar uma perspectiva de reflexão que ocorre para além dos pares da operação historiográfica. Finalizo, tecendo considerações relevantes acerca das possibilidades de construção de aprendizado histórico escolar significativo a partir dos memes.

No capítulo dois, desenvolvo, a partir da perspectiva do meme como objeto de estudo do campo do Ensino de História, uma revisão bibliográfica com o objetivo de dialogar com os textos e ideias que estão sendo construídos nesta área dentro do ambiente acadêmico e por professores da Educação Básica que apresentam experiências de trabalhos em sala de aula com

memes, mas, até o presente momento desta pesquisa, não publicados. Para conhecer as experiências didáticas dos professores, foi elaborado um formulário na plataforma Google destinado a todos aqueles que lecionam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e se interessaram em participar da enquete que foi compartilhada em redes sociais.

No terceiro capítulo, apresento as trajetórias da pesquisa que me levaram à escolha da escola e às razões que me fizeram desenvolver o projeto *Memos no Ensino de História*, com as turmas do 6º e 8º anos. Esclareço os objetivos pretendidos para as atividades desenvolvidas nos anos letivos de 2019 e 2020 e relaciono os motivos condicionados à cultura escolar que me fizeram colocar essa proposta em prática. Por fim, esclareço como elas se desenvolveram, os objetivos pretendidos e os resultados alcançados, tendo em mente a produção do Guia Didático on-line para os professores.

Em seguida, nas Considerações Finais, desenvolvo um balanço do aprendizado a partir dos resultados do Projeto e do contexto no qual as atividades foram desenvolvidas, incluo um apêndice, onde explico, rapidamente, como o Guia Didático foi pensado como artefato didático da pesquisa, além dos apêndices com diferentes instrumentos utilizados e da reprodução em PDF do Guia e de como ele será compartilhado entre os professores.

1 MEMES COMO ARTEFATO CULTURAL DIGITAL

Neste primeiro capítulo nos propomos pensar a respeito dos diálogos possíveis dos memes com o campo do Ensino de História. A partir desta área de estudos, pretende-se refletir acerca do surgimento do conceito, uma analogia do biólogo Richard Dawkins em relação à teoria do gene, como nível fundamental de seleção, e dos múltiplos significados atribuídos ao conceito, dando origem à ciência dos memes, a Memética. Vamos dialogar com os estudos sobre os memes na Internet e sua respectiva apropriação pelas mídias digitais contemporâneas. Neste mesmo propósito, será apresentada uma análise das relações da juventude com o meio digital, a fim de compreender as relações sociais criadas no ciberespaço e sua respectiva relação com a escola. Em seguida, uma reflexão a respeito dos memes como uma estrutura narrativa do ambiente digital e sua ligação com a História pública e, por fim, uma verificação das relações do meme com a aprendizagem histórica.

1.1 Meme: de ciência à narrativa digital

O que nos faz escolher um programa de televisão e não o outro, um livro e não o outro, uma calça e não a outra. A resposta imediata é “porque gostamos mais deste do que do outro”. Mas isso não responde coisa alguma, pois a nossa capacidade de gostar precisa, ela mesma, de uma explicação. O conceito de meme surge aqui para dizer algo bem simples: “a programação de televisão muda tendo em vista uma melhor adequação ao nosso gosto. O que parece óbvio é, na verdade, um modo novo de explicar a mudança cultural (LEAL-TOLEDO, 2009, p. 14).

Comemoramos aniversários com bolo, doces e velinhas porque desde cedo aprendemos com nossa família. Nos reunimos em torno da mesa, cantamos parabéns e sopramos a vela com direito a um pedido a ser realizado. Vestimos uma roupa nova, tiramos uma *selfie* e postamos nas redes sociais. Por que agimos assim? Compramos, vendemos, sonhamos, estudamos, acreditamos, sem se quer saber os reais motivos que nos levam a isso tudo, porém, mesmo assim, seguimos mudando hábitos e adquirindo novos, perpetuando costumes ou aprendendo outros.

Todos esses comportamentos que parecem comuns aos nossos olhos e a nossa mente, são na verdade mudanças de hábitos culturais. Para Leal-Toledo (2009), a cultura é que se modifica, não é o homem que vai decidir o que será transformado ou mantido, simplesmente porque um comportamento, ideia ou conceito de uma pessoa nunca é igual a da outra. O que existe é a variação, e esta, assim com a cultura, será passada de pessoa para pessoa. A partir

destas variações surgem novas concepções, ideias, comportamentos, conceitos que se agregam a determinados meios e a outros não. A partir disto, as mais belas, as mais interessantes ou quem sabe, as mais fáceis serão as mais prováveis de serem repassadas e mantidas, enquanto as variações ruins não serão propagadas. E no decorrer do tempo, essas variações terão sido tão intensas que será difícil compreender a sua origem ou os reais motivos de um traço cultural. Todavia, para que se tenha essa resposta, será necessário verificar a história das variações que surgiram durante o seu desenvolvimento, aquelas que se apresentaram mais adaptadas as mentes humanas e seus propagadores. Para o autor, esses traços culturais foram chamados de memes.

De acordo com o autor, os nossos antepassados “memetizaram” informações importantes para a evolução da espécie humana e assim como os genes significam a evolução biológica dos organismos vivos, os memes seriam os responsáveis pela transmissão da cultura (CHAGAS, 2016). Por meio desse raciocínio, o meme é o “gene” da cultura que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas.

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même* (DAWKINS, 1978 apud LEAL_TOLEDO, 2013, p. 191).

Desde que Dawkins concebeu o termo e o definiu como “ideias, bordões, modos de vestir, de cozinhar ou de construir” (CHAGAS, 2020. p. 25), os estudos sobre os memes estiveram ligados à memética, pelo qual foi compreendida como uma disciplina que estuda os memes e as suas respectivas ligações com os seres humanos e seus outros potenciais hospedeiros (HOFSTADTER, apud Chagas, 2020) ou como uma “ciência teórica e empírica que estuda a replicação, a disseminação e a evolução dos memes” (HEYLIGHEN; CHIELENS apud CHAGAS, 2020. p. 24).

Nos estudos de Leal-Toledo (2009), a memética¹ é uma ciência capacitada a aplicar a perspectiva do meme. Esta perspectiva é semelhante às narrativas adaptacionistas, comuns na

¹ Richard Dawkins (1978), na tentativa de explicar a universalidade do darwinismo, cunhou o termo meme. Um meme seria uma unidade de cultura passada de pessoa para pessoa de forma não genética. A partir disso iniciou-se o debate sobre a possibilidade de uma ciência dos memes, a Memética, que usaria modelos da biologia evolutiva e da epidemiologia para estudar a transmissão da cultura. No entanto, tal nova ciência encontrou muitas críticas: o problema ontológico e o problema lamarckista (LEAL-TOLEDO e SILVA, 2014). Em outras palavras, é a ciência que estuda como as ideias e crenças passam a se comportar como “coisas vivas”, dotadas da capacidade de

biologia evolutiva. Quando se estuda um meme, deve-se apresentar o que o torna um bom replicador, isto é, o que o faz adaptado a uma determinada mente. É neste sentido que a memética se diferencia de outras teorias, como o Darwinismo social, a Sociobiologia, a Psicologia evolutiva e o efeito Baldwin. Para o autor, a única relação que a memética apresenta com estas teorias é o fato de que todas estão inclusas no panorama geral do Darwinismo Universal, que visa aplicar a estrutura da seleção natural a outros campos fora da Biologia. A memética é oposta ao determinismo genético exatamente por mostrar que muitos comportamentos são passados por transmissão cultural e não pelos genes. Pela perspectiva dos memes, significa que são os memes, assim como os genes, que querem ser passados e não as pessoas que os querem passar.

Os estudos de Dawkins explicam que o meme se propaga a partir da imitação e da replicação. Eles carregam informações culturais de um lado para outro e se espalham entre as pessoas como se as contaminassem. Esse processo, a partir dos estudos de Chagas (2020), espelha uma batalha da sobrevivência do meme mais adaptado e que se replica com mais facilidade. De acordo com estes pensamentos, torna-se considerável pensar que alguns métodos de aprendizagem, tais como a fala, os gestos e a escrita são memes por terem sido replicados e copiados por diversos indivíduos.

Neste sentido, a partir de Dawkins,

É por meio da imitação que uma criança aprende sua língua particular e não outra língua. É também devido à imitação que as pessoas têm um modo de falar mais parecido com o de seus pais do que com os pais de outras pessoas. Essa é a razão por que existem os sotaques regionais e, numa escala de tempo mais longa, as diferentes línguas. É ainda a razão por que as religiões persistem ao longo das linhagens familiares em vez de serem escolhidas do zero em cada nova geração (DAWKINS, 2005, p. 214 apud TREVISAN; PRÁ; GOETHEL, p. 280).

Se na perspectiva da memética, memes significavam qualquer ideia ou comportamento cultural, atualmente o termo meme ou mais especificamente o meme da Internet apresenta um novo sentido. Considerado como um fenômeno típico da Internet, próprio do mundo das comunidades virtuais, caracteriza-se como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões propagadas pelas mídias (#MUSEUdeMEMES, on-line)². Apropriado pela *web*, o termo passou a significar “a junção de imagens da cultura popular com frases que refletem pensamentos individuais ou coletivos, sejam eles com fins cômicos, políticos etc.” (TREVISAN; PRÁ;

passar de um cérebro para outro como se fossem um vírus. Memética é a ciência que estuda como eles se propagam, suas particularidades e suas propriedades.

² Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>

GOETHEL, 2020, p. 281). Para Shifman (2014), um meme de Internet é um grupo de itens digitais que compartilham características em comum de conteúdos e formas, que foram criados em associação da consciência uns dos outros e são imitados e transformados na Internet por muitos usuários

O universo dos memes de Internet ainda é pouco difundido no Brasil, muito embora os jovens que fazem uso das mídias sociais convivam intensamente com este fenômeno. Imagens legendadas com figuras da cultura popular como o herói-pícaro Chapolin, fotos de gatos e outros animais, e tirinhas com piadas satíricas, personagens mal desenhados e linguagem propositadamente repleta de erros ortográficos e gramaticais são alguns dos exemplos possíveis para a presença deste tipo de expressão comunicativa (#MUSEUdeMEMES).

Existem numerosas fontes on-line que tentam explicar a definição de memes da Internet a partir de como o público o compreende, mas o termo vem ganhando intensidade de estudos desde 2010. Alguns países da Europa Ocidental, Estados Unidos, Hungria, Nova Zelândia e China estão produzindo a respeito do tema. Seja a partir de palestras, eventos, publicações e dissertações, estudos sobre memes vêm ganhando espaço de reflexão em diversas áreas de pesquisas, tais como o marketing, a política, a filosofia, a sociobiologia, a psicologia, a educação, entre outras que estão contribuindo para a proeminência da temática.

No Brasil, afirma Chagas (2020), os memes de Internet estão sendo objeto de pesquisa apenas há duas décadas. Estudos como os de Monica Rebecca Ferrari Nunes (2001) e de Raquel Recuero (2006, 2007), na área da Comunicação, assim como os de Gustavo Leal-Toledo (2009), na Filosofia, estão contribuindo de forma bastante relevante para a consolidação do tema. Associados a estes, outros autores estão se apropriando deste universo de indagações concernentes aos memes com a finalidade de consolidar o campo a partir de um tratamento empírico sobre o objeto. Dentre estes, considera-se que os estudos do grupo do Laboratório de Pesquisa de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB) da Universidade Federal Fluminense têm produzido conhecimento, possibilitando a divulgação científica do tema através da publicação de artigos, capítulos de livros e com a organização do #MUSEUdeMEMES³, que consiste num espaço virtual para discussão da cultura dos memes e o desenvolvimento da pesquisa acadêmica. Como um *web*museu, reúne e coleciona dinâmicas que estão se desenvolvendo na universidade e os disponibiliza para o público na Internet. Este meio de divulgação torna-se bastante funcional para diversos públicos, inclusive o escolar, por

³ Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>.

tratar-se de uma plataforma on-line que agrega o universo dos memes de Internet aos conteúdos de pesquisa, permitindo que o visitante possa interagir com suas contribuições.

Existem vários tipos de memes de Internet nos tempos atuais. Os mais frequentes são as montagens feitas no computador a partir dos *softwares* de edição de imagens ou através dos geradores/criadores⁴ de memes. Com apenas uma imagem e um texto, estes dois elementos que o compõem, normalmente, seguem padrões comuns, tais como uma imagem, que neste caso pode ser uma fotografia ou um desenho conhecido do mundo virtual ou físico e um texto de caráter reflexivo, humorístico, crítico, entre outros.

Davison (2020), em seu artigo “A linguagem dos memes de Internet”⁵, afirma que as peças digitais do ciberespaço são capazes de existir em camadas e apresentam a mesma disposição dos memes de linguagem. Para o autor, esse tipo de meme é a comunicação através da fala. Como existem várias linguagens, cada uma no individual é um meme, aninhado no interior de um meme de linguagem mais ampla. Somado a esta estrutura, existem na linguagem individual mais submemes, podendo ser gírias, dialetos e jargões. Como exemplo comum do ambiente virtual, há os memes *image macro*, que consistem em um conjunto de regras estilísticas próprias para adição de textos e imagens. Sua variação é bastante ampla, podendo ser adicionado a uma mesma imagem vários textos ou um mesmo texto para imagens diversas. Este tipo de meme normalmente é muito compartilhado, por estar prontamente disponível na *web* e pelo software necessário à sua criação estar disponível.

Além deste tipo, os memes da *web* podem apresentar uma diversidade de formatos⁶, pois são criados sem uma preocupação quanto à qualidade estética ou imagética e são envoltos em uma retórica propositalmente inculta, mas que concentra uma mensagem vinculada pelo humor. Essas produções associam elementos que carregam um significado subjetivo que possibilitam novas experiências de aprendizagens para os que se apropriam do seu conteúdo, posto que são compreendidos a partir de interpretações e traduções do seu significado que ocorrem através da aproximação e ligação a outros contextos (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019, p. 3).

⁴ Os geradores de memes são sites que disponibilizam um banco de imagens ao usuário, em que para elaborar um meme precisa apenas acrescentar um texto ou uma imagem própria de seus arquivos. Nas propostas didáticas com memes desenvolvidas nesta pesquisa, os alunos foram orientados a elaborar seus memes pelo site: <https://www.gerarmemes.com.br/>.

⁵ O artigo apresenta uma versão atualizada do capítulo “The language of Internet memes”. A tradução foi realizada por Viktor Chagas e se encontra na seguinte referência bibliográfica: Chagas, Viktor. A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

⁶ Para Oliveira; Porto e Alves (2019), o meme enquanto gênero digital resultante de uma produção típica da cibercultura apresenta produções em diversos formatos: imagens, *hashtags*, vídeos, emoticons, gifs e outros.

Os memes são divertidos, carregam humor e são atrativos por apresentarem estas características e algumas outras, mas esta pesquisa pretende ir além deste potencial de divertir, justamente por compreender que estas produções digitais carregam junto a si uma enorme capacidade narrativa capaz de fomentar grandes trocas e reflexões em sala de aula. Por acreditar que, de alguma forma, os memes exemplificam significados sintéticos de crítica, desdém, ironia, ou, simplesmente, de algum evento, pessoa ou atitude que se quer valorizar, criticar ou negar no comportamento social, por estes e outros sentidos, podem vir a ser excelentes objetos de aprendizagens nas aulas de História, em função de “sua intertextualidade, autoria visual online, e da produção colaborativa e discursiva em redes sociais digitais” (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019, p. 3)

A cultura digital apropriou-se da concepção de meme compreendida pela memética, moldando as peças digitais a partir de novos formatos e significados para quem se apropria de seu discurso, distinguindo-se quanto à evolução e transmissão nas redes. Através dessa nova roupagem, os memes *on-line* desenvolvem-se no plano subjetivo do inconsciente e da cultura e com isto abrem possibilidades para pensar que a expressão “Não faz meme!”, proferida pelo aluno, está de acordo com esse novo dialeto característico do digital e muito comum no cotidiano juvenil. Na tentativa de expressar um sentimento transcrito a partir da ideia de repetição chata, o jovem atribuiu ao meme um significado de acordo com a sua realidade.

Presume-se que a Internet a cada ano seja mais veloz, e espera-se que seja um espaço de acesso mais igualitário a fim de que se possa pensar na construção de novos sentidos, significados, trocas, vivências e, claro, novas formas de aprendizagens (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019).

1.2 O meme como um elemento da cultura juvenil

Levar uma vida *on-line* tornou-se um hábito comum, cotidiano de muitas pessoas nos últimos tempos. O acesso à *web* vem se tornando algo cada vez mais natural e corriqueiro nas relações humanas. Uma vez que o ciberespaço foi inserido nas relações sociais de inúmeras pessoas, viver conectado tornou-se um estilo de vida. Nessa realidade, uma boa parte dos indivíduos, salvo exceções, querem conhecer e desfrutar dos novos espaços virtuais, a fim de buscar interatividade com tudo que a Internet é capaz de proporcionar. Mudanças como essas estão provocando o desenvolvimento de novos estilos de vida com transformações significativas na linguagem, nos meios de comunicação e nas interações sociais (VITÓRIA, 2019, p. 28), inclusive no ambiente escolar.

Os novos tempos estão gerando novas demandas às instituições de ensino, ao professor, ao aluno, assim como para as famílias. Cada vez mais, nossos alunos “não definem suas identidades apenas nos livros que leem, mas também nos programas de televisão que assistem, nos textos multimídia em que navegam, nas músicas que escutam e nos filmes que elegem” (CAIMI e NICOLA, 2015, p. 66). Especificamente após a segunda metade do século XX, o ciberespaço foi gradativamente naturalizado por esta geração. Consideramos, portanto, que para continuar a ser uma instituição relevante na produção de significados para a sociedade, a escola deve reconfigurar-se diante do novo cenário.

Dialogar com o universo cultural dos jovens, aproximar-se de seus consumos, entender a cultura juvenil e incorporar suas experiências cotidianas no contexto escolar são fortes demandas que se colocam aos professores. Nossos jovens, segundo Morduchowicz (2004), têm experimentado uma nova sensibilidade, com algum déficit, mas também com alta potencialidade para a aprendizagem; são jovens que lidam de modo diferente das gerações precedentes com os conceitos de tempo e espaço, que apresentam maior rapidez de reflexos e capacidade de integrar elementos visuais e sonoros; são jovens que, frente às novas tecnologias de informação e comunicação, têm desenvolvido uma atenção flutuante, descontínua e dispersa (CAIMI e NICOLA, 2015, p. 66).

No texto, “Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação”, Caimi e Nicola (2015) informam que Veen e Wrakking (2009) atribuíram à geração da Era do Digital a nomenclatura de *homo zappiens* com a finalidade de designar uma “nova espécie que atua em cultura cibernética global com base na multimídia” e se diferencia em função do crescimento em torno dos múltiplos recursos tecnológicos. Para os autores, o contato com estes aparatos proporcionou às crianças um controle sobre o fluxo de informações, o contato com informações descontinuadas, o excesso de informações e até a navegação por comunidades virtuais e reais.

É justamente essa juventude que está cercada de *gadgets* tecnológicos e imersa em um caldo cultural midiático que vai necessariamente ter uma relação com o espaço escolar tradicional, bastante diferente das gerações que a antecederam (COELHO; COSTA; NETO, 2018). A partir desta perspectiva Veen e Wrakking (2009) afirmam que a geração *homo zappiens*, com seu comportamento até hiperativo, vê a escola como apenas um de seus interesses, não o mais importante necessariamente; além disso, considera essa instituição descolada de sua vida real. O aluno aprendendo por meio de jogos, atividades de descobertas e investigação colaborativa e criatividade confere ao professor uma atenção relativa.

Por estes motivos, considerando o papel ativo dos jovens no consumo de artefatos culturais midiáticos, principalmente os da *web*, considera-se pertinente a reflexão didática

acerca desses artefatos e seu modo de produção. Acredita-se que, quando criticamente incorporados à sala de aula, seja como estratégia ou como linguagem, os memes possam auxiliar à constituição de sentido para o aprendizado da História escolar.

Entra em cena, o grande choque geracional – de um lado estão os professores, pouco ou nada preparados para trabalhar pedagogicamente com esses artefatos midiáticos, mas, lutando, em prol de uma aprendizagem significativa, pela atenção dos alunos; e do outro, o ciberespaço fornecendo informação de forma acelerada, com maior interatividade e utilizando linguagens que se aproximam muito mais da cultura juvenil. Essa dicotomia separa os sujeitos que fazem parte do processo de aprender e ensinar; e, quando a busca por mudanças não se efetiva, gera desigualdades entre as diferentes gerações que dele fazem parte.

No ano de 2001, Marc Prensky publicou um artigo com o tema: “Nativos digitais, Imigrantes digitais” no qual problematiza essa dicotomia entre alunos e professores. Ele apresenta o educando da era tecnológica e suas respectivas habilidades virtuais diante de educadores oriundos de uma época, na qual esse recurso não existia.

Na perspectiva do autor, existe um grande impasse entre essas duas gerações que convivem lado a lado no espaço escolar: “Nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado” (PRENSKY, 2001, p.1); são os “nativos digitais”, “falantes nativos” da linguagem digital dos artefatos tecnológicos. Porém os nascidos antes desse período, os “imigrantes digitais”, por terem adentrado tardiamente neste mundo digital, necessitam passar por um processo de adaptação, levando alguns a aprenderem mais que os outros. Para o autor, ao adaptar-se em ambiente novo, muitos mantêm seu “sotaque”, ou seja, a sua ligação com o passado.

Há centenas de exemplos de sotaque de imigrante digital. Entre eles estão a impressão de seu e-mail (ou pedir a secretária que o imprima para você – um sotaque ainda “mais marcante”); a necessidade de se imprimir um documento escrito do computador para editá-lo (ao invés de editá-lo na tela; e trazer as pessoas pessoalmente ao seu escritório para ver um *web* site interessante (ao invés de enviar a eles a URL). Tenho certeza de que você consegue pensar em um ou dois exemplos sem muito esforço. Meu exemplo favorito é “Você recebeu meu e-mail” pelo telefone. Aqueles de nós que são Imigrantes Digitais podem, e devem, rir de nós mesmos e de nosso “sotaque” (PRENSKY, 2001, p. 2).

Sobre essa oposição, Prensky (2001) aponta que uma das maiores problemáticas que a educação enfrenta hoje trata-se exatamente das diferenças entre os imigrantes digitais, que ensinam através de uma linguagem ultrapassada, e um público aprendiz que domina a linguagem nova da era digital. Para o autor, existe um grande choque de gerações, de um lado está o grupo imerso nos hipertextos, nas imagens, nas redes sociais; do outro, um grupo mais

velho e mais lento que ainda não está inserido neste mundo virtual. Prensky (2001) fala acerca da ausência de apreciação por parte dos imigrantes quanto a essa desenvoltura tecnológica dos “nativos” e reforça a insistência que existe por parte dos “imigrantes” em permanecer com aulas semelhantes aos períodos em que eles mesmo eram estudantes.

Isto é óbvio aos Nativos Digitais – as escolas frequentemente sentem como se nós tivéssemos criado uma população de sotaque forte, estrangeiros incompreensíveis para ensiná-los. Eles geralmente não podem entender o que os Imigrantes estão dizendo. O que “dispar” um número significa mesmo? (PRENSKY, 2001, p. 2).

Como proposta para sanar essas diferenças, o autor sugere mudanças nas metodologias de ensino dos “imigrantes”, não desconsiderando aquilo que é importante, mas se possível, ir mais rápido, com menos linearidade. Então, ratifica a necessidade da aprendizagem direcionada à linguagem dos “nativos”, a fim de que estes aprendam com mais familiaridade e se identifiquem com o que está sendo ensinado. Diante desta realidade, Prensky (2001) afirma que para existir mais conectividade entre “nativos” e “imigrantes” é necessário que os professores busquem mudanças mais significativas, ao invés de permanecerem com discursos de lamentações acerca da falta de interesse dos alunos com a aprendizagem.

Nós precisamos inventar metodologias para Nativos Digitais para todas as matérias, e todos os níveis, usando nossos estudantes para nos guiar. O processo já começou – eu conheço professores universitários inventando jogos para ensinar matérias que vão desde matemática até engenharia ou até a Inquisição Espanhola. Nós precisamos achar maneiras de publicar e espalhar o sucesso deles. (PRENSKY, 2001, p. 6).

No ano de 2012, Prensky reconsidera seu conceito de nativo digital, relativizando a questão de uma “data de nascimento” que por si só explicasse esse “letramento natural digital” para os mais jovens. Propõe então o conceito de sabedoria digital, referenciando uma autonomia em relação à data de nascimento. Para o autor, essa sabedoria é resultado das semelhanças que compreendem os nativos e os imigrantes digitais. Em vista destas similitudes, ressalta que as duas gerações compartilham saberes, mas o imigrante, para estar inserido neste novo meio, necessita percorrer uma trajetória com mais dificuldades, enquanto o nativo já se encontra imerso nesse mundo tecnológico digital desde o nascimento.

Em algum momento, é claro, todos terão nascido na era digital. Estamos a caminho de algo novo: a era do *Homo sapiens* digital ou a era do indivíduo com sabedoria digital. Para compreender o mundo será preciso usar ferramentas digitais para articular o que a mente humana faz bem com o que as máquinas fazem melhor. Nesse futuro, a diferença de idade e as diferenças entre nativos e imigrantes certamente serão menos relevantes (PRENSKY, 2012 apud GUIMARÃES, 2010, n.p).

Na concepção de Coelho, Costa e Neto (2018), o conceito de sabedoria digital de Prensky (2001) pode ser compreendido como um saber digital seguindo uma tradição semiótica. Isto significa que embora agrupe uma variedade de conhecimentos e habilidades comum ao eixo inteligível, o saber digital não se encontra fora do eixo sensível (semioticamente, extensidade), porque ao inserir-se na cultura digital, o indivíduo envolve-se sensivelmente com os conhecimentos que adquire. Em prol disto, os autores afirmam emergir desta concepção, a gradação de sentido, enfatizando que quanto maior for a atração pelo saber digital, mais adaptado pela cultura o sujeito estará e quanto menor for o interesse, mais distante estará o indivíduo da cultura digital.

Para dialogar com as ideias de Prensky, o historiador e jornalista brasileiro Bruno Leal de Carvalho (2016) escreve um artigo, após quinze anos da publicação do autor norte americano, a fim de repensar suas propostas e analisar se as perspectivas apresentadas ainda estariam condizentes com o sistema educacional. Analisando a tipologia geracional de Prensky que estabelece distintas gerações tecnológicas, Carvalho (2016) enfatiza que em qualquer sociedade, em tempos distintos, os jovens sempre se portam de forma diferente dos adultos. Ressalta que as distâncias geracionais atualmente estão mais perceptíveis do que no passado e questiona o termo “nativos digitais”, afirmando que as potencialidades tecnológicas estão cada vez mais diferenciadas entre as gerações, logo, torna-se ineficaz agrupar todos os nascidos após 1980 com apenas um único termo de definição.

Meus colegas de geração, nascidos no início dos anos 1980, continuam usando amplamente o e-mail como uma das principais ferramentas de comunicação, sobretudo para trabalho. Acessam suas caixas de correio eletrônico praticamente todos os dias, inclusive em casa e fora do horário de expediente. Aqueles nascidos uma década depois, já olham para o e-mail como algo ultrapassado, demorado, chato, — coisa de velho. Para estes, o *Facebook* Messenger, por exemplo, funciona muito melhor, inclusive para o trabalho. Entre os mais jovens ainda, nascidos no início dos anos 2000 e que agora estão na adolescência, o próprio *Facebook* se tornou uma ferramenta démodé — para os mais jovens, o prazo de validade do *Facebook* expirou quando seus pais também passaram a estar presentes nele (CARVALHO, 2016, p. 39).

Outro apontamento relevante levantado pelo autor, diz respeito ao comportamento dos professores jovens, nascidos após a década de 80, portanto, dentro da definição de nativos digitais. Estes indivíduos, embora estejam inclusos neste grupo, lecionam a partir de práticas vivenciadas em suas experiências escolares, ou seja, reproduzem os mesmos comportamentos que os seus professores com aulas expositivas, avaliações sistematizadas e metodologias pouco interativas. Com base nessas conclusões, Carvalho (2016, p. 40) observa contradições na afirmativa de Prensky quando direciona que “as crianças nascidas em qualquer nova cultura

aprendem a nova linguagem facilmente, e resistem com vigor a usar a velha”. Então, mesmo após uma década e meia, o autor considera que Prensky subestimou a força de alguns paradigmas que não foram rompidos.

De fato, essa observação é bastante pertinente, como comprovado pela experiência retratada no início deste capítulo, quando o aluno menciona que a prática de escrita no quadro para formalizar uma síntese dos temas apresentados não era atrativa. Dos docentes relacionados por ele, dois são enquadrados na terminologia “nativos digitais” e, mesmo assim, continuam se utilizando de práticas que lhes soam familiares e eficientes, considerando as suas próprias experiências como alunos. Diante disso, ratifica-se a informação apontada por Carvalho (2016, p.40):

Boa parte das aulas ainda são demasiadamente expositivas, com poucos recursos visuais, por exemplo. Apesar da inovação de parte dos livros didáticos, muitos professores – e aí me refiro sempre ao universo do ensino de história, do qual faço parte – ainda se sentem impelidos a um ritmo linear de ensino. Sentem-se mais seguros usando antigas fórmulas. As avaliações pouco ou nada tem de inovadoras. A maioria ainda lança mão apenas de trabalhos mais mecânicos, fichamentos, resumos e congêneres mnemônicos que pouco estimulam o senso de investigação dos alunos – que hoje dispõem de tantos recursos e alguma predisposição para o trabalho investigativo, criativo e colaborativo.

Todavia, para Carvalho (2016), Prensky acertou quando solicitou que professores se comuniquem na “língua” e no “estilo” de seus alunos e com isso compreendam os novos formatos de se relacionar no mundo. Sem culpabilizar o docente, Carvalho (2016) sugere que as mudanças na educação ocorram de “dentro para fora, mas também “de fora para dentro”, com propostas de mais políticas públicas que direcionem recursos para investir em ciência e tecnologia. Menciona o quanto o equilíbrio dessas áreas, somado a uma perspectiva humanista, é essencial para que não haja exclusão e imposição entre os diferentes grupos, professores e alunos.

Se umas das possíveis soluções para Prensky, assim como para Carvalho, está na adoção de novos métodos e novas linguagens, Morán (2015) também apresenta, como proposta para ultrapassar essa dicotomia, a inserção de metodologias ativas para sanar as desigualdades na aprendizagem escolar. Defende o uso das tecnologias no processo educacional, apostando que elas são capazes de integrar os espaços e tempos, conectando o mundo físico e o mundo digital. O autor ratifica que esses dois mundos não são inseparáveis, pois compreendem um espaço estendido, ou seja, uma sala de aula ampliada, que se mescla e hibridiza.

Morán (2015) define as mudanças nos métodos de ensino que começam a ser implementadas nas escolas em dois níveis, a partir de quando se faz a opção mais branda com

a manutenção do currículo, mas ocorre a inserção de metodologias ativas com o ensino por projetos com formatos *blended*⁷ e a sala de aula invertida⁸, e, a outra, quando escolhem a formatação mais arrojada, com foco no aluno ativo e não passivo, com envolvimento profundo e não burocrático e com professor orientador e não transmissor.

Ambos os processos gerariam resultados positivos, pois direcionariam a escola a repensar sua prática com a finalidade de obter resultados melhores no que tange à proatividade, colaboração e personalização do aluno. Independente da estrutura adotada, o autor propõe que haja nos espaços escolares uma maior conexão entre a sala de aula e os ambientes virtuais, para “abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola” (MORÁN, 2015, p. 16). Direciona possibilidades quanto à articulação entre meios de comunicação mais formais com outros mais abertos, tal como as redes sociais, e afirma que estas são capazes de gerar uma comunicabilidade mais pessoal e natural com a circulação de imagens e vídeos.

É possível manter a “sala de aula” se o projeto educativo é inovador, - currículo, gestão competente, metodologias ativas, ambientes físicos e digitais atraentes - se a escola tem professores muito bem preparados para saber orientar alunos e onde estes se sentem protagonistas de uma aprendizagem rica e estimulante. Sabemos que, no Brasil, temos inúmeras deficiências históricas, estruturais, mas os desafios são muito maiores porque insistimos em atualizar-nos dentro de modelos previsíveis, industriais, em caixinhas. Poderemos ter melhores resultados, sem dúvida, e mesmo assim não estarmos preparados para este mundo que está exigindo pessoas e profissionais capazes de enfrentar escolhas complexas, situações diferentes, capazes de empreender, criar e conviver em cenários em rápida transformação (MORÁN, 2015, p. 30).

Pensar nesses cenários que se modificam rapidamente é um grande desafio para todos os indivíduos que estão envolvidos no espaço de aprendizagem escolar. E, sem dúvida, é dar visibilidade às diferentes variáveis que acabam por influenciar, muitas vezes, de forma a castrar as possibilidades de mudanças – falta de estrutura, condições salariais e de formação continuada para professores, perspectivas tradicionais de currículos, desigualdades sociais que impedem o acesso mais igualitário à tecnologia digital nas escolas e nas famílias.

Apostar em metodologias mais inovadoras através dos usos de novas tecnologias é, de fato, uma alternativa para se refletir acerca de um aprendizado mais significativo para os

⁷ Morán (2015) conceitua que na educação ocorrem vários tipos de *blended*: de saberes e valores, com a integração de várias áreas do conhecimento, disciplinar ou não; *blended* de metodologias, com desafios, atividades, projetos e games. *Blended* relacionado à tecnologia, quando se trata de integrar as atividades da sala de aula com as digitais e as presenciais com as virtuais. *Blended* quanto ao currículo, para que seja flexível e atenda às necessidades de cada aluno, e *blended* quanto à articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os não formais; de educação aberta e em rede.

⁸ Morán (2015) chama de aula invertida, quando a aprendizagem se concentra no ambiente virtual com informações básicas e na sala de aula com atividades mais criativas e supervisionadas.

estudantes. Não ignorando o espaço que eles ocupam no mundo virtual, aposta-se que um dos possíveis caminhos seja estimular a aprendizagem por meio de jogos, de atividades de descoberta e investigação, de maneira colaborativa e criativa, tal como afirmaram Veen e Wracking (apud CAIMI e NICOLA, 2015, p. 63). Diante disto, por que não a partir dos memes veiculados na *Web*?

1.3 Meme: estrutura narrativa do ambiente digital

Figura 1 – Redes sociais dos anos 2000



Fonte: A autora, 2020.

Fazer uma retrospectiva no tempo para mensurar como os jovens se comunicavam e se relacionavam em outros momentos é um enorme desafio, principalmente quando esse resgate é feito pelos próprios adolescentes que já nasceram mergulhados no ciberespaço (Figura 1). Relembrar os modismos juvenis das décadas passadas, muitas vezes, é sinônimo de meme para os membros da era do digital. Se para eles a vida sem a Internet é algo inimaginável, não fica difícil compreender os porquês de a vida *off-line* virar humor nas redes.

Ter uma agenda no final da década de 90 e início dos anos 2000 representava para os grupos mais jovens, em especial o grupo feminino, um sinal de status entre os amigos da classe. Quanto mais anexos – os famosos clipes com inúmeros lembretes e confissões – melhor seria, pois, quanto mais grossa e pesada, mais segredos eram revelados nas inúmeras folhas. As narrativas eram experienciadas e descritas em inúmeras páginas com diversos formatos, mas era com os amigos que essas histórias eram compartilhadas. O escrever ganhava forma e significado através dos ingressos anexados, do papel de bombom amassado e devidamente

adicionado ou nas fotos reveladas. O status máximo era dividir com um grupo seletivo o seu diário de vida, afinal, eram eles os verdadeiros tradutores dos códigos secretos escritos ao longo de variadas páginas de papel. Para os “teens” do início dos anos 2000, lembrar o modo como eram feitos os seus diários e agendas é bastante interessante e imbuído de muitas lembranças e significados, mas para os jovens da era digital, não passa de coisa antiga.

Com os anos 2000, as configurações das narrativas ganharam espaço no mundo virtual, embora o acesso à Internet tenha se restringido a um público socialmente mais favorecido. Apesar disso, os seus usos permitiram uma ressignificação do ato de resenhar, favorecendo a redução dos espaços e conseqüentemente do tempo. O que era individual foi perdendo espaço para o público e a privacidade foi substituída pelo compartilhamento entre vários grupos ou pessoas.

Gradativamente os espaços virtuais foram ganhando importância e com isso os registros foram aos poucos estendendo os seus domínios para campos variados do recém-universo digital. Da prática das enquetes elaboradas nos famosos “caderninhos de perguntas”⁹ aos famosos *chats*¹⁰ de conversas como *mIRC*¹¹, *ICQ*¹² e o *MSN*¹³, representados pelos mais variados “*Nicks*¹⁴”, as narrativas foram se reconfigurando e se espalhando por territórios distintos, já que a prática do momento era teclar. Afinal, a expressão “Quer *TC*?” ganhou vida nas mais variadas salas de bate-papo.

Com uma conexão de modo discado, o atrativo era navegar, mesmo na condição de esperar os horários especiais, sempre após a meia-noite ou aos sábados, depois das 14:00 horas, pois era nesse período o acesso de menor custo financeiro e, claro, da não interrupção da linha telefônica. Depois de inúmeras estratégias, a espera era pelo “cântico milenar”, aqueles sons desordenados que antecediam a conexão e os conduzia ao espaço ilimitado, o mundo virtual.

⁹ Consistiu em uma prática comum dos adolescentes dos anos 2000 que costumava registrar em um caderno uma variedade de perguntas para serem respondidas pelos amigos. Cada página tinha apenas uma pergunta e logo na primeira, colocava-se o nome ao lado de um número: o primeiro a responder era o número 1, o segundo era o 2 e assim por diante. A seguir, era só responder as várias perguntas, como “Qual sua banda favorita?”, ou “Quem é o mais bonito da turma?”.

¹⁰ Salas de bate-papo pela Internet. Podem ser acessadas através de programas ou sites que oferecem esse serviço. É uma sala virtual onde as pessoas podem conversar umas com as outras.

¹¹ Foi desenvolvido com o objetivo de ser um programa de *chat* onde seria possível conversar com milhares de pessoas ao mesmo tempo sobre um assunto específico. Bastava entrar em alguma sala de seu interesse e ficar horas conversando *on-line* com um grupo de pessoas.

¹² Um dos primeiros *softwares* de mensagens instantâneas do mundo.

¹³ O principal serviço de mensagens instantâneas dos anos 2000.

¹⁴ Abreviação para **nickname**, que são os apelidos utilizados pelos usuários de Internet.

O tempo reconfigurou o comunicar e este ganhou espaço na “blogosfera”¹⁵, com registros em páginas de todos os tipos. O que era escrito em papéis passou a ser teclado em contas individuais, concedendo relatos diários em *blogs* pessoais. Deste modo, as narrativas adquiriam novos formatos, seja em fóruns organizados de bandas, jogos ou até mesmo filmes. O importante era se manter na rede e contemplar os diferentes gostos, ramificando os grupos de acordo com a identidade de cada um. Através dessas reuniões era possível trocar, conversar, debater e até formar novas amizades. Não muito diferente são os *e-mails*, com anexos de vídeos engraçados que invadiam as caixas dos endereços eletrônicos com muita rapidez que se espalhavam como um viral¹⁶.

A abundância dessas novas narrativas tem a ver com as transformações pelas quais a Internet passou em meados da década de 2000. Ao adotar uma arquitetura da informação mais social, mais intuitiva e caracterizada por um alto grau de convergência digital, a Internet tornou possível que seus usuários deixassem seus tradicionais papéis de consumidores de conteúdos e se tornassem produtores. (CARVALHO, 2011, p. 171).

No entanto, a revolução da comunicação para o público juvenil veio com a popularização das redes sociais, provocando um certo status aos que estavam integrados a essa nova tecnologia da linguagem. Do *Fotologger* à expansão do *Orkut*, os seus inúmeros usuários, especificamente os mais *teens*, se reconfiguravam com as fotos publicadas e com os depoimentos escritos nas comunidades das páginas sociais. Nessa perspectiva, tornou-se meme badalar nas redes e replicar esta ação para outros organismos. Virou meme estar conectado ao *Orkut* e se comunicar através dele?

Posto este questionamento, abre-se caminho para avaliar o modo de replicação deste meme, ou melhor, deste hábito que passa a se incorporar no dia a dia dos indivíduos, e avaliar o seu modo de replicação que ocorre no fluxo bastante acelerado e se espalha pelas pessoas e as contaminam (CHAGAS, 2020).

Depois de uma rápida replicação, o memear pelas redes sociais tornou-se algo cada vez mais comum ao ponto de transformar o comportamento dos organismos num “pisar de olhos”.

¹⁵ Considera-se que os anos 2000 foi o período de ouro dos blogs. Muitas pessoas adquiriram o hábito de criar diários abertos no mundo virtual.

¹⁶ Para Burgess (In: Chagas, 2020, p. 128), o termo vídeo viral é utilizado para se referir simplesmente àqueles vídeos que são assistidos por um grande número de pessoas, geralmente como resultado de se ouvir dizer que o vídeo se espalhou rapidamente através do boca a boca da Internet.

Se uma das virtudes do meme é a sua velocidade de transmissão, é inegável que o avanço das redes se deu de forma acelerada, do *Orkut* ao *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*, *Twitter* e inúmeras outras, que surgem frequentemente no dia a dia da geração internauta.

O ciberespaço, antes tido como algo paralelo às relações sociais, hoje está inserido no cotidiano de inúmeras pessoas a partir da utilização da *web* como um todo e, talvez com maior vivacidade, na frequência de uso de mídias sociais como WhatsApp, Twitter e *Facebook*. Por meio delas, sujeitos e grupos criam e compartilham opiniões, informações. Tal espaço, cada vez mais distante de ser meramente virtual, tendo em vista sua influência na vida prática das pessoas, por contar com a participação de inúmeros jovens (CADENA, 2018, p. 19).

“Um giro de 20 anos e o digital tornou-se uma promessa infalível” (...) (LUCCHESI, 2019, p. 179). A frase de Anita Lucchesi é bastante significativa para caracterizar as transformações ocorridas com a inserção do digital na vida humana. É evidente que essa nova cultura emergiu com bastante potencialidade e reconfigurou as noções de tempo e espaço, alterando significativamente os padrões de comunicação e de expressividade humana. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial, as TMSF¹⁷, possibilitaram uma conexão mais ampla sem limite do espaço físico, permitindo às pessoas estarem conectadas à Internet com maior frequência. A intensificação dos seus usos acelerou a maximização da computação ubíqua e reconfigurou o espaço para uma economia de “desterritorialização” ou da “virtualização” (LÉVY, 1996 apud LUCCHESI, 2012, p. 3).

Transitar e imergir na ubiquidade das redes gera mudanças significativas na cultura, nas relações sociais, nos modos de buscar e gerar informações, de expressar o pensamento e a afetividade, na atribuição de significados e sentidos ao conhecimento e à própria vida. Tais práticas estão integradas ao cotidiano, aos espaços de trabalho e aos relacionamentos, adentrando as salas de aula e interferindo nas relações educativas mais pelos novos modos de pensar, representar, aprender e se relacionar do que propriamente pelos equipamentos que os estudantes carregam consigo e são muitas vezes proibidos de utilizar nos espaços de educação formal (ALMEIDA, 2016, p. 527).

Para a historiadora Lucchesi (2012), os jovens de hoje não dizem mais, como as gerações precedentes, “entrar na Internet”, justamente devido a essa ubiquidade¹⁸ que os

¹⁷ Tecnologia Móvel sem fio – Uso de variados dispositivos tais como telefone celular, notebook, laptop, Ipad, tablet e outros equipamentos emergentes, que oferecem as funcionalidades intrínsecas das TDIC de navegação entre informações disponíveis na Internet, comunicação multidirecional, produção e publicação de informações. (Almeida, 2016, p. 527).

¹⁸ O termo ubíquo tem origem no latim ubique e significa estar em diferentes lugares ao mesmo tempo. Com a vinda da Internet, o termo passa a significar a presença e o uso das mídias e tecnologias digitais em toda parte e ao mesmo tempo, isto é, de modo onipresente, global, pervasivo (ALMEIDA, 2016, p. 528).

permite ocupar vários espaços ao mesmo tempo. Não é preciso estar diante do computador ou com o telefone ligado para existir no ciberespaço¹⁹.

Responder um *e-mail*, publicar um *tweet*, postar uma foto ou um texto ou realizar uma vídeo-chamada via *Skype* a partir do vagão de um trem ou de um aeroporto tornou-se viável. Diante dessa nova composição, a humanidade mergulhou no efeito *Google*²⁰ de acesso imediato a informações tópicas e, com isso, novos hábitos foram surgindo diante de uma vasta rede de informações gerando uma sociedade imbuída em novos mecanismos de proferir e disseminar a comunicação. É justamente nesse novo universo, que se prolifera esta geração que tudo compartilha, tudo salva, tudo pesquisa, tudo posta (LUCCHESI, 2012). Como então lidar com esses grupos nos espaços escolares? Quais mudanças podem ocorrer no ensino da História com a proliferação dessa cultura digital entre os alunos?

Se para os profissionais da História, os novos tempos da cultura digital os levaram a pensar diferentes escritas da história²¹, no espaço escolar também não foi diferente. Escrever essa nova História, pensada para o público do/no digital, é um enorme desafio, seja para o historiador que se depara com novas fontes oriundas do ciberespaço, e para o professor, que apresenta a responsabilidade de dialogar com conhecimento histórico, mobilizando saberes²² a fim de dar sentido à aprendizagem.

No que tange à pesquisa acadêmica, Lucchesi (2012) atenta para as novas demandas e ressalta as transformações gradativas que estão sendo necessárias ao pesquisador dos novos tempos da *Web*. Levado a ressignificar seus métodos de trabalho, os historiadores substituem as fichas cartáceas, gavetas organizadoras e os catálogos por bancos de dados *on-line* gerados por este espaço virtual. Imbuídos por um novo fazer historiográfico, que o leva a apropriar-se de novas fontes, nascidas do/no ciberespaço, a fim de decodificar, analisar e divulgar a História. “Estamos aprendendo a *googlar* toda coisa”, afirma Lucchesi.

Sem dúvida, o ato de “googlar” nos últimos tempos tem provocado, também para o professor, grandes mudanças na sua prática escolar. O uso contínuo da Internet tem propiciado aos docentes novas relações com o processo de ensinar e aprender. Com a *Web*, geram-se

¹⁹ “Espaço enquanto ambiente (ainda que digital), lugar de registro de experiências novas, terreno onde se deixam os traços do tráfego digital, suporte de memórias (LUCCHESI, 2012, p. 4)

²⁰ Lucchesi (2012, p. 3) faz referência ao historiador da Era Google e enfatiza ser uma expressão utilizada pelo historiador Carlos Ginzburg durante uma comunicação ao evento Fronteiras do Pensamento 2011, ao tratar da relação entre Internet e História no século XXI.

²¹ Lucchesi (2012, n.p) afirma ser a escrita da História uma operação historiográfica dotada de procedimentos e métodos específicos que podem variar segundo pressupostos teóricos e ideológicos do pesquisados, sem jamais perder seu caráter operacional.

²² De acordo com Monteiro (2003, p. 11), a produção do saber escolar envolve a interlocução com o saber científico, mas também com outros saberes presentes e que circulam no contexto sociocultural de referência.

possibilidades variadas, desde conectar os múltiplos espaços produtores de conhecimentos criados pelo mundo virtual ao espaço formal de ensino, além de propiciar aos professores uma diversidade de trocas, sejam elas afetivas, na relação aluno/professor, estreitando desta forma as relações e aproximando-os na intenção de tornar a aprendizagem mais significativa. Bem como possibilita a troca de materiais, de experiências, de dúvidas, de ideias com outros professores da mesma área ou ciências afins, estimulando à pesquisa e à investigação. Com estas e outras possibilidades, abrem-se novas perspectivas e novos campos para a educação dos tempos digitais.

Sob esta nova época, sabe-se que a cultura juvenil do ciberespaço tem se tornado muito presente na cultura escolar. A sala de aula vem absorvendo, seja a partir dos filmes, séries, vídeos, games, novelas, revistas eletrônicas ou memes, os aprendizados e significados para muitos conteúdos/conceitos escolares que foram definidos a partir de outras instâncias, tais como as midiáticas.

Fechar os olhos para esse novo letramento dos jovens da era digital é isolar o espaço escolar da realidade cotidiana dos alunos. O que se espera é que a interação entre esses diferentes territórios produtores de conhecimento facilite o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, na medida em que são estabelecidos espaços de diálogo com formas de produção de sentido para as quais esses alunos já estão alfabetizados.

No que se refere ao ensino escolar de história, o professor necessita se apropriar das formas de produção das narrativas midiáticas, muitas delas com capacidade de produzir sentido para o estar no tempo, portanto, históricas. Essas redes, além de produzirem tais narrativas, são capazes de fazer circular com extrema rapidez e eficiência narrativas e sentidos originários de outras instâncias sociais. Cabe ao currículo escolar trazê-las para a sala de aula, como já fazemos com outras fontes documentais e narrativas, no intuito de promover uma aprendizagem, se possível, com imaginação e criatividade – dimensões formativas junto com o cognitivo, do aprendizado histórico. De forma sintética, significa que o ensino escolar de história deverá, a partir da epistemologia da ciência histórica e do apoio de outros conhecimentos relacionados ao processo de ensinar, dar significado prático ao aprendizado ali construído.

Essas diferentes formas de mídias que se dedicam a divulgação do conhecimento histórico para o público não especialista, e que são também utilizadas no ensino da disciplina, permitem sua análise sob o ponto de vista da história pública. Bem elas mobilizam o conhecimento histórico produzido academicamente e o reorientam para o consumo (FONSECA, 2016, p. 191).

Os memes podem ser produtores/divulgadores de narrativas históricas, muitas delas produzidas fora da metódica historiográfica. Mas, se produzem orientação para os alunos, podem ser levados para a sala de aula e ter seus significados analisados e questionados tendo em vista o desenvolvimento do pensamento histórico destes. Da mesma forma, a gramática narrativa dos memes, tão próxima à cultura juvenil, pode ser explorada como forma de narrativa histórica escolar e demonstrar para o processo de avaliação a complexidade com que os alunos utilizam as ferramentas da produção do conhecimento histórico para conhecer a si e ao seu tempo.

Rüsen (2010) define narrativa histórica como um sistema de operações mentais que determina o campo da consciência histórica e que permite a constituição de sentido da experiência do tempo para o homem. Para o autor, sem essa orientação torna-se impossível para o ser humano formar uma identidade, situar-se no tempo, refletir sobre a alteridade.

Sabe-se que grande parte dos memes apresentam um código textual e imagético imbuído de sentidos e significados marcados pelo senso comum, mas nem toda narrativa do mundo público, em especial, as das peças digitais, poderão ser potencialmente exploradas em sala de aula, visto que estas não impulsionam ao aluno pensar historicamente²³, pois não apresentam elementos que permitam ao mesmo criar identidades, construir relações temporais e desenvolver empatia histórica ao modo que o possibilite organizar o seu pensamento. Caberá ao professor identificar a complexidade destas narrativas e averiguar se elas são capazes de contribuir para uma educação histórica. Para Cerri (2011, p. 49):

As formas pelas quais as narrativas são usadas (e não apenas feitas) vão demonstrar a incorporação de determinados padrões normativos da consciência histórica. E não se trata de uma narrativa qualquer, mas de narrativas que se refiram a processos reais (e não fictícios), que tenham por objetivo e finalidade o estabelecimento de uma “moral da história”, uma conclusão necessária (mesmo que subjacente) que oriente/justifique a ação dos sujeitos, tanto na história narrada quanto na história vivida no presente.

Uma vez, compreendendo-as como de sentido histórico, será preciso, a partir do diálogo que se estabelece entre a metódica historiográfica e os demais conhecimentos que fundamentam a especificidade do saber histórico escolar, oferecer ferramentas ao aluno para que ele possa dar complexidade à sua consciência histórica²⁴ e decodificar os signos que compõem um meme

²³ De acordo com Cerri (2011, p. 61) pensar historicamente é a capacidade de beneficiar-se das características do raciocínio da ciência histórica para pensar a vida prática.

²⁴ Para Rüsen (2006, p. 14), a consciência histórica pode ser analisada como um conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana.

a partir dos fundamentos da ciência histórica e não apenas com base nos saberes que circulam pela *Web* em formato de informação.

1.4 Memes no universo da Histórica pública

Os códigos textuais e imagéticos de um meme, quando tratam de temas relacionados à história, não são criados necessariamente por historiadores, mas carregam narrativas que pertencem aos usos da história pública, que circulam pelo ciberespaço e se tornam acessíveis a grandes audiências. Neste sentido, como a proposta desta pesquisa é apropriar-se dos usos dos memes no processo de aprendizagem histórica escolar, torna-se essencial dialogar com o campo da história pública, a fim de se pensar como os saberes históricos estão sendo compreendidos e significados nos espaços públicos e como estes estão promovendo aprendizados históricos públicos que podem ser refletidos criticamente/apropriados pelo ensino de história escolar. Esta perspectiva de reflexão articula uma discussão pública para além dos pares estabelecidos pela operação historiográfica, visto que os saberes se articulam por diversos meios e públicos.

Embora não seja o objetivo desse trabalho discutir o significado da expressão História Pública, cabe aqui apresentar como essa discussão está sendo desenvolvida por acadêmicos brasileiros, em especial, pelos historiadores, que a enxergam mais como uma práxis colaborativa na produção de conhecimento histórico - reflexão intrinsecamente relacionada a formas específicas de pensar a função social da produção deste conhecimento.

Para Santhiago (2016), a emergência das mídias, dos inúmeros escritores, jornalistas, cineastas, artistas têm difundido o verbo, o som e a imagem do passado para públicos não acadêmicos. Com isso, aguça-se as demandas sociais por história e memória, pela disseminação de recursos tecnológicos e pela popularização da Internet, levando as formas adquiridas pelo “espaço público da história” a se multiplicar. Para o autor, a história pública é uma área de estudo e ação que engloba quatro engajamentos essenciais, passíveis de entrecruzamentos: “a história feita para o público”, que privilegia o aumento das audiências; a “história feita com o público, uma história colaborativa”, no qual centraliza-se a ideia de “autoridade compartilhada”; a “história feita pelo público”, que insere formas não institucionais de história e memória; e “história e público”, que envolve “a reflexividade e a autorreflexividade do campo”. (SANTHIAGO, 2016, p.28).

Como dito por Almeida e Rovai (2011), o conceito de história pública não é algo recente, contudo, a reflexão sobre sua importância no universo acadêmico vem se ampliando.

O termo surgiu na Inglaterra, nos anos de 1970, e propagou-se pelo Canadá, Austrália, Itália, África do Sul e Estados Unidos. Nos países europeus, surgiu como prática de uso público da história com finalidade política-ideológica, relacionada à busca de justiça social. Porém, os historiadores ingleses desenvolveram uma ideia de história voltada para a relação entre memória e narrativa, a partir da valorização das identidades coletivas. Fundamentada inicialmente nessas ideias, o fazer história pública foi ganhando, em espaços e tempos diferentes, novos significados e construindo novas relações com o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

a história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros” (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p.7).

Na concepção de Albieri (2011), a expressão história pública remete “a ideia de acesso irrestrito, isto é, de um conhecimento histórico franqueado a todos”. Para a autora, embora existam diferentes maneiras de se compreender a história pública, é posto que ela seja analisada como um processo contínuo de publicação, seja em movimento, ampliado ou acelerado, nos mais variados modos que podem levar ao termo educação histórica. A relação educação histórica e história pública pode ser percebida a partir da comunicação da história por vários meios, seja em livros didáticos, lugares de memórias, ou associada à divulgação científica por meio de documentários, filmes de caráter históricos, história em quadrinhos ambientadas historicamente etc. Por que não também através dos memes?

Lucchesi (2014, p. 53) analisa os projetos da história digital como uma prática da história pública, que “na acepção americana [seria] uma história aplicada, divulgada por diversas vias e dirigida a grandes audiências”. A autora analisa que alguns estudiosos da história digital discutem sobre a ampliação do acesso às informações ao grande público via *web*, a partir de *sites*, *blogs*, redes sociais e aplicativos que permitem a obtenção de fotos, textos, músicas, vídeos e possíveis outros dados facilmente encontrados. Portanto, se as mídias que estão alcance de todos e são públicas fazem parte da história, torna-se importante pensar que a divulgação das narrativas do passado está sendo feita através de vários formatos e meios.

A ideia de que “Todos podem ter voz na Internet” (CARVALHO, 2018), tem provocado o redimensionamento de consideráveis possibilidades de se produzir História. Com os anos 2000, a Internet passou a propiciar às pessoas o papel de produtores de conteúdo, ao invés de

apenas consumidores, promovendo uma variedade de discursos do passado que entraram em disputa com os espaços tradicionais de produção do saber. Ao olhar de Carvalho (2018), nem todos atravessaram essa linha, mas, os que fizeram isso, colaboraram com uma mudança aparentemente irreversível da *web*. Esse ensejo dá início aos *blogs*, depois às redes sociais, Orkut e o *Facebook*, além das plataformas colaborativas como o Youtube e a Wikipédia. Todas as produções oriundas desses espaços levam os sujeitos-autores a gerar conteúdos de todos os tipos e formatos, inclusive com conteúdo histórico.

Carvalho (2018) afirma que esse cenário de muitos discursos do passado na *web* tem levado à produção de muitas vozes que estão entrando em disputa com os historiadores profissionais, antes uma voz hegemônica nesse processo, em função da capacidade de alcance que essas narrativas possuem, promovendo credibilidade ao produtor no espaço público e o poder de comunicação dessa linguagem que fala e produz sentido para uma ampla audiência.

Em recente publicação, Carvalho (2019) afirma que passados os 40 anos do “triunfo da história”, expressão usada por Jacques Le Goff em 1980 para caracterizar o olhar do grande público para a História, a partir dos livros, rádio e televisão, o momento permanece, inclusive se ampliou para tantos outros objetos que estão sendo consumidos pelo meio social como *blogs*, *podcasts*, jogos, aplicativos, vídeos e muitos outros produtos de características históricas. Para o autor, o consumo por temas históricos tem se ampliado muito, porém isso não significa que estejam sendo produzidos por historiadores, já que a maior parte dessa divulgação é feita por indivíduos ou setores de comunicação que possuem recursos e habilidades para falar para grandes audiências. Embora já existam historiadores que estão na área de divulgação do conhecimento científico, o número ainda é pequeno. Em prol disso, a fim de que se modifique esse quadro, o autor propõe que profissionais da área de História façam valer suas habilidades e competências como historiadores com o objetivo de encontrar outros meios que possam ampliar a comunicação com os diferentes públicos e com isso tornar o debate público de mais qualidade.

Ora, essas narrativas produzidas/divulgadas nas mídias de comunicação, especialmente nas digitais, põem em relevo significados nem sempre de acordo com aqueles referenciados pelas pesquisas históricas e pela história escolar, mas constituem sentido para o estar no tempo e estabelecem bases para a vida prática, para as identidades individuais e sociais. Ou seja, por meio delas também se ensina e aprende história. Essa é uma premissa importante para nossa reflexão. Parte-se do princípio de que o trabalho aqui desenvolvido dialoga com a perspectiva de uma Didática da História, que tem como objeto de estudo o aprendizado de história em diferentes instâncias sociais.

Neste sentido, encontrar possibilidades de se pensar as narrativas históricas produzidas pelos memes, linguagem que não é produzida pelo campo historiográfico e que são fundamentadas pelo senso comum, podem colaborar no processo de aprendizagem na escola. Precisamos pensar, com certeza, como a metódica historiográfica, aliada aos modos e objetivos da história escolar, pode realizar uma “transposição didática” dessas narrativas a fim de contribuir na formação de sujeitos capazes de pensar de forma crítica e com autonomia a sua relação com o mundo atual.

É no espaço público, replicando narrativas a grandes audiências que o meme nasce, cresce, se reproduz e, às vezes, morre. Quando isso não ocorre, ele se multiplica, se transforma e se propaga. Sua trajetória é tão grande que se faz presente mesmo quando está ausente do universo digital. E na escola, não é diferente. Tornam-se onipresentes, já que estão vivos na mente humana, fazendo-se presentes na hora do recreio, no momento da explicação e até no bate-papo informal nos intervalos das aulas. Então, não há dúvidas, “os memes são sempre uma coleção de textos!” (SHIFMAN apud #MUSEUdosMEMES) que podem ser reinterpretados e por que não apropriados ao ensino da História.

1.5 Memes e os aprendizados históricos

Estar nos espaços escolares em tempos nos quais significados são marcadamente produzidos/divulgados pelas mídias digitais é um grande desafio para todos que integram estes ambientes. Não há dúvidas de que os novos formatos de comportamentos gerados pela era digital adentraram a escola de maneira muito veloz e estão interferindo na organização e na composição dos processos de ensino e aprendizagem.

Caimi e Nicola (2015) referenciam que o século XX, mais especificamente nas últimas décadas, tem provocado na sociedade uma espécie de “obesidade informativa”²⁵ (POZO, 2002 apud CAIMI e NICOLA, 2015) em função de uma revolução nos suportes de informações. Com essas mudanças, as sociedades estão sendo cada vez mais capazes de armazenar e distribuir de forma instantânea o que absorvem, e, com isso, estão alterando significativamente as relações sociais, impondo desta forma, uma série de transformações essenciais a este novo modo de vida.

²⁵ Expressão atribuída por Pozo (2002 apud Caimi e Nicola, 2015, p. 62), no qual refere-se à imensa capacidade que têm diversas sociedades de armazenar e distribuir a informação, com acesso instantâneo a grandes bancos de dados de caráter textual e audiovisual.

Habitados a uma linguagem digital, os jovens estão a cada dia criando e exigindo da escola novas relações, pois, estão dentro de um grupo que fala e opera a tecnologia desde que nasceu, tal como já mencionado. Com isso, diante desse novo cenário, o espaço escolar encontra-se em um caminho que requer uma série de reflexões, de modo a tentar encontrar trajetórias alternativas para guiar os processos educativos. Aquelas velhas práticas, como memorização ou reprodução, quando associadas a uma concepção histórica linear e de tempo cronológico, estão cada vez mais distantes do real interesse dos jovens, ou sejam, não são práticas significativas e, portanto, não produzem aprendizado de verdade.

Por isso, não há dúvidas, de que diante dessa nova relação dos jovens com a tecnologia, professores e escola foram levados a pensar e ressignificar o processo de aprendizagem para dar conta dessas novas demandas, traçando novos objetivos diante desses desafios. Contudo, para além do como, é necessário refletir também que História ensinar? De que forma a aprendizagem histórica escolar pode ter sentido se a juventude a todo tempo está sendo estimulada por narrativas de sentidos históricos que circulam pelo meio público? Ensinar História com auxílio dos memes pode ser viável à aprendizagem histórica? Todos esses questionamentos e alguns outros estão cada vez mais presentes na realidade escolar.

A fim de compreender as possibilidades de construção de diálogos entre os memes digitais e o processo de ensino e aprendizagem de História é preciso considerar o potencial destas peças digitais enquanto produtores de narrativas de sentido histórico, que podem representar a orientação temporal de quem produziu ou compartilhou o meme. Assim, em meio às novas demandas do tempo presente, buscar possibilidades de estimular o aprendizado histórico, a partir de atividades que obtenham sentido para o aluno, pode vir a ser uma trajetória pertinente para o ensino e aprendizagem nos novos tempos. Mas, afinal, o que estamos compreendendo como aprendizagem histórica escolar?

Para Cainelli (2011), o objeto da história escolar no Ensino Fundamental é desenvolver o pensamento histórico, estimular o pensar historicamente a partir da compreensão de como o indivíduo entende o conhecimento histórico. E para que este conhecimento tenha significado histórico, é necessário pensar em formas de aprendizagem da História que possam estimular uma maior complexidade da consciência histórica.

Quanto a isso, Rüsen (1993 apud CAINELLI, 2011) afirma que ensinar História como algo pronto e acabado, com conteúdo pré-estabelecido e sem priorizar o contexto no qual se ensina e os sujeitos que se relacionam neste processo pode levar a uma não orientação dos problemas da vida prática. Para Rüsen (1993), aprender História deve ser compreendido como “um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa

histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem (apud FREITAS, 2016, p. 252). Dialogando com essa perspectiva de Rüsen, Freitas (2016, p. 252) afirma que o “aprendizado histórico permite ao sujeito o trato com o saber histórico de forma consciente, possibilita a interpretação e a problematização deste saber, para finalmente utilizá-lo”.

Neste viés, compreender a potencialidade de os memes constituírem-se como narrativas históricas públicas significa afirmar que se pode aprender história por meio deles. Mas, como esse aprendizado possibilita a seus usuários “a interpretação e a problematização deste saber” ao utilizá-lo para sua orientação? Rüsen (2006) menciona que o aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica e para colocá-lo em prática, objetivando historicidade, não é preciso associá-lo unicamente a uma disciplina acadêmica ou escolar, pois todas as formas de diálogos que os homens realizam com o que lhes cerca são estímulos ao desenvolvimento dessa consciência. Essa noção, apesar de complexa, é potente para a discussão que estamos desenvolvendo. Ela é, de forma sintética, entendida por Rüsen (2006, p. 14) “como um conjunto de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana”.

No desenvolvimento de sua vida, a consciência histórica dos indivíduos torna-se mais complexa quando estimulada por uma aprendizagem significativa, ou seja, capaz de orientar a vida prática em “um processo de mudança de formas estruturais pelas quais tratamos e utilizamos a experiência e conhecimento da realidade passada” (RÜSEN, 2010). E, para que isto ocorra, é relevante considerar a narrativa como o caminho para se ter acesso a este processo de aprender.

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana. (...) O aprendizado histórico seria, no entanto, parcial, quando considerado somente como processo cognitivo. Ele é também determinado através de pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses. (...) O aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem (RÜSEN, 2010, p. 43-44).

A partir desse raciocínio, os memes da Internet, vistos como narrativas carregadas, muitas vezes, de sentidos do senso comum, estereótipos e preconceitos podem levar à formação de consciências históricas não democráticas, indivíduos não empáticos por carregarem ideologias negacionistas, niilistas, simplismos, racistas ou preconceituosas. A partir desta realidade, pensa-se: como o aprendizado histórico escolar pode se diferenciar destes e, usando

o meme, produzir uma maior complexidade da competência narrativa dos alunos, ajudando-os a fazerem a crítica dessas narrativas e de suas condições de produção?

Sob essa perspectiva, e fundamentado nos objetivos da Didática da História, a complexidade da aprendizagem histórica perante a memes desta tipologia poderá ocorrer, se houver um estímulo ao desenvolvimento do pensamento histórico com a finalidade de construir sujeitos capazes de criticidade diante de informações, ideias, dados e imagens. E qual o papel do professor no desenvolvimento do aprendizado histórico aqui propugnado?

Vitória (2019) defende que os professores devem explorar o repertório de memes encontrados na *Web* a fim de capacitar os alunos sobre os usos da história e suas intencionalidades, estimulando-os ao processo de letramento histórico que os conscientize sobre suas responsabilidades *on-line*, coloque-os como consumidores e produtores críticos de mídia, chamando a atenção sobre como as informações que se consome das mídias alteram as crenças individuais, além da percepção sobre os outros e de como estas percepções podem gerar estereótipos.

Esse diálogo com a história e outras narrativas que estão no mundo e que são construídas social e historicamente deve-se ao processo inerente que há nos memes, denominado de intertextualidade. Na construção desse gênero textual, há a reunião de diferentes linguagens que abarcam distintas semioses, como as linguagens verbal e não verbal e que, juntas, ressignificam a realidade, por meio do sujeito que as criam. Em linguagem não há texto neutro desprovido de alguma intencionalidade discursiva; processo apresentado por Bakhtin (1977), em seus estudos sobre linguagem, afirmando haver nos textos um dialogismo com algo já existente no mundo, reproduzindo ideias e valores compartilhados por determinados grupos sociais.

Nos memes, mais especificamente, esse dialogismo pode ser percebido de forma mais direta, pelo processo de intertextualidade que é apresentado por Muniz e Gomes (2018) como o ato de um texto remeter a outro anteriormente já existente no mundo, seja de forma implícita ou explícita. Os autores afirmam que os memes são, por sua própria natureza, intertextuais, dialogando tanto com outros textos, como também com valores sociais presentes na sociedade. De acordo com Koch e Elias (2007, p. 86), por isso,

a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por partes dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

Dessa forma, ao se trabalhar com esse gênero textual em sala de aula, é relevante que o professor entenda essa relação de intertextualidade, tanto para a escolha do material que será

utilizado quanto para a abordagem necessária e o encaminhamento das propostas de problematização. Muitas vezes, a não compreensão de um meme se deve justamente pela falta de conhecimento de mundo do aluno, pela falta do referente em que se apoia a construção desse novo texto. É claro que esse processo também é algo encontrado em outros gêneros, como as piadas, as charges, as tirinhas, por exemplo. E, muitas vezes, a falta do conhecimento prévio do texto anterior que promove essa intertextualidade dificulta a compreensão, podendo promover um ruído no processo comunicativo e o não entendimento completo da mensagem expressa.

Outro fator que pode trazer dificuldade no entendimento é que essa intertextualidade pode ser construída, como afirmam Kock e Elias (2007), de forma mais direta – explícita – como em um texto acadêmico, por exemplo, onde há a citação direta ou indireta do referencial teórico ou de forma mais implícita e, neste caso, caberá “ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia em certos tipos de paráfrases e ironias” (KOCH, 2004, p. 37). De acordo com os estudos feitos sobre intertextualidade por Muniz e Gomes (2018, p. 336),

Considerando que os memes comumente são produzidos a partir de uma situação em destaque na mídia na qual circula, pressupõe-se que a forma implícita de intertexto seja mais comum, tendo em vista que o produtor considere que o leitor tenha conhecimentos do texto-fonte ao qual o intertexto remete Muniz e Gomes.

Assim, os memes são construídos nessa relação intertextual com valores sociais e outros textos já existentes na sociedade, em que prevalece a forma implícita, sendo necessário que essas questões sejam pensadas pelo professor ao trazer esse gênero para sua prática na educação básica. Isso é importante para orientar as escolhas dos textos que serão trabalhados, ampliar o conhecimento de mundo do aluno e entender que, em muitos casos, a falta do entendimento do aluno não se deve obrigatoriamente à falta do conhecimento acadêmico histórico propriamente dito, mas a esse contexto anterior em que esses outros textos foram criados e concebidos.

Portanto, se a finalidade é dar criticidade à leitura dos memes, objetivando uma aprendizagem significativa, o professor terá que verificar, através da competência narrativa demonstrada pelo aluno, de que forma ele foi capaz de dar significado para a experiência histórica acumulada da humanidade para pensar a si e ao outro, sendo, assim, capaz de criar a sua própria identidade e respeitar a alteridade.

Considerando que o processo de aprendizagem leve a uma maior complexidade da consciência histórica, é a partir da narrativa produzida pelo aluno, ou de sua competência narrativa, que o professor poderá verificar quais significados e experiências temporais foram construídas diante das produções imagéticas e textuais expostas nos memes. Em outras

palavras, caberá ao professor orientar aos seus alunos que para qualquer narrativa histórica replicada pelo meme, será necessário levar em consideração o “contexto em que foram produzidas, seu tempo, suas peculiaridades culturais, seus vínculos com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu” (CERRI, 2011, p. 59).

A aprendizagem histórica só ocorre quando conseguimos processar a experiência da mudança temporal do mundo humano, produzindo o sentido histórico. Para que aconteça a aprendizagem histórica da produção de sentido histórico, a partir do processamento da experiência temporal, alguns desafios devem ser assumidos porque o processo de passar por essa experiência inclui as dimensões da interpretação, ou seja, o que se aprende tem que fazer um sentido para o aprendiz (SCHMIDT, 2017, p. 67).

Com isto, conclui-se que as narrativas históricas estão presentes em diferentes espaços e podem se manifestar nos mais variados contextos sociais e culturais, inclusive nos memes, e são contadas a partir de seleção de alguns fatos e exclusão de outros, privilegiando estabelecidas perspectivas e interesses, preservando ou esquecendo determinadas ações, sujeitos ou grupos.

Em função disto, em busca de uma aprendizagem histórica significativa para o aluno, espera-se que o educando possa estabelecer conexões para além das informações novas e dos fatos históricos mencionados na narrativa histórica memética. Em outras palavras, objetiva-se que ele estabeleça uma orientação temporal que possa desenvolver novos significados para além dos apresentados. Ao olhar de Silva (2011), este estado em que se encontra o sujeito de dominar a leitura e a escrita de forma crítica e consistente, fazendo projeções para o futuro ou ressignificando o conhecimento sobre o passado nas mais variadas situações contidas nas narrativas históricas é entendido como letramento em história. Para o autor, o conceito de letramento em história encontra na consciência histórica uma forte aliada em virtude da ação interativa que pode ser construída quando o leitor recorre aos seus conhecimentos prévios para dialogar e interagir com o texto, imagem ou som estabelecendo sentido e significado.

Na concepção de Peter Lee (2006), o letramento histórico ocorre quando o conhecimento histórico do passado não se limita a decorar uma sequência de fatos objetivos, mas sim a construção de uma regra nos arranjos mentais, que possibilitam aos sujeitos construir relações com as temporalidades do passado, presente e futuro. Esta ferramenta de orientação do passado é denominada pelo autor de Estrutura Histórica Utilizável (UHF). Na perspectiva de Silva (2011), são os conhecimentos prévios mobilizados pelos sujeitos durante a leitura de um texto histórico.

Quando essa leitura é feita a partir dos memes, em especial aqueles que retratam a História, por associarem seu código imagético e textual a personagens ou eventos históricos, espera-se que os alunos construam um pensamento crítico ao mobilizar ideias históricas com a finalidade de compreender que para além das narrativas existem muitos outros conhecimentos que podem ser significados para se alcançar a aprendizagem histórica.

Utilizando o conceito de UHF de Lee (2006), caso esse aluno já possua um conhecimento prévio do tema, maior será a sua possibilidade de se relacionar e compreender as relações entre as temporalidades produzindo sentido ao meme. Outra questão relevante é trabalhar com os alunos as condições de produção daquele artefato cultural. Ou seja, que por detrás do meme existe uma contextualização importante de se fazer quanto à sua criação e à intenção ao ser propagado, conscientizando-os que a mensagem replicada não é uma verdade histórica e nem uma recriação do passado. Nesta perspectiva de análise, mostrar que a linguagem memética carrega uma infinidade de significados relacionados a determinados momentos históricos. Esses significados devem ser conhecidos para uma interpretação histórica pautada na metódica historiográfica.

Ao encontro destas propostas, objetivando a aprendizagem nos tempos digitais, os pesquisadores Colin Lankshear e Michele Knobel (2007-2018 apud Chagas, 2020), especialistas em letramentos no contexto digital, analisam os estudos dos memes *on-line*²⁶ como uma nova perspectiva de letramento, compreendidas como práticas mais amplas que ler e escrever, mas que só podem ser compreendidas a partir da distinção entre letramentos com um “L maiúsculo” e letramento com “l minúsculo”. Para os autores, Letramento, com “L maiúsculo”, refere-se à prática de significação e produção de sentido que fazem parte da experiência de viver e ser no mundo. Neste propósito, o uso da linguagem escrita mobiliza a existência ou a descoberta de algum elemento de viver no mundo, seja através do memear, remixar ou desenhar. Enquanto o letramento com “l minúsculo” associa-se aos processos materiais específicos, tais como: escrever, enxergar, escutar, manipular imagens e sons, ou seja, fazer conexões entre ideias divergentes e fazer uso de palavras e símbolos que são parte dessas práticas incorporadas de Letramento.

Dentro dessa proposta, torna-se relevante para esta pesquisa a experiência de letramento com “L maiúsculo” com os memes, por se tratar da proposta de se produzir sentido, construir significados sociais e fabricar identidades na vida do aluno e no mundo no qual ele vive,

²⁶ Na concepção dos autores, meme é um termo popular para descrever a rápida consolidação e disseminação de uma ideia particular, apresentada como um texto escrito, imagem. “movimento” de linguagem ou alguma outra unidade de “material” cultural.

corroborando as propostas da Didática da História antes apresentadas. Por isso, o estudo dos memes *on-line* são oportunos para promover crítica social, levando à ressignificação de diversas abordagens convencionais do letramento crítico que operam no nível da análise textual.

Engajar-se com memes on-line como exemplos de novos L/letramentos pode ajudar estudantes a adquirirem importantes estratégias para identificar os memes que infectam suas mentes, e para avaliar os efeitos desses memes sobre sua tomada de decisão, ações sociais e relações com os outros (sob um prisma ético). A memIALIZAÇÃO on-line bem informada e esclarecida pode oferecer aos estudantes uma prática acessível e frutífera, capaz de trazer mudanças sociais positivas no modo que as pessoas pensam e, talvez, agem em relação às outras (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007-2018 apud CHAGAS, 2020, p. 119).

Compreende-se que os memes transportam narrativas históricas públicas de grande potencial para o processo de aprendizagem, logo, quando analisadas e previamente discutidas no ambiente escolar, podem vir a ser essenciais na construção do conhecimento histórico escolar. Por isto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir de forma significativa para os professores que pretendem significar seu processo de ensinar, visto que, fechar os olhos para esse novo letramento dos nativos digitais é isolar o espaço escolar da realidade cotidiana dos alunos. Espera-se que a interação entre ambos facilite o desenvolvimento de suas consciências históricas, na medida em que são estabelecidos espaços de diálogo com formas de produção de sentido para as quais esses alunos já estão alfabetizados.

O professor necessita dialogar com as formas de produção das narrativas históricas que são produzidas e circulam no ambiente digital, historicizando as fontes digitais que se encontram públicas, trazendo-as para a sala de aula no intuito de promover uma aprendizagem, se possível, com imaginação e criatividade – dimensões formativas junto com o cognitivo, do aprendizado histórico. De forma sintética, significa que o ensino escolar de história deverá, a partir da epistemologia da ciência histórica e do apoio de outros conhecimentos relacionados ao processo de ensinar, dar significado prático ao aprendizado ali construído.

Essas diferentes formas de mídias que se dedicam a divulgação do conhecimento histórico para o público não especialista, e que são também utilizadas no ensino da disciplina, permitem sua análise sob o ponto de vista da história pública. Bem elas mobilizam o conhecimento histórico produzido academicamente e o reorientam para o consumo (FONSECA, 2016, p. 191).

Se memIALIZAR é uma (nova) prática de letramento (KNOBEL e LANKSHEAR, 2007-2018 apud CHAGAS, 2020), por que não a implementar no ensino de história? E assim foi feito, ou melhor, está sendo, já que o processo de pesquisa é longo, variável e plural,

principalmente quando se trata de educação. A inspiração em memearizar na História traduz-se nas palavras de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2016, p. 26-27),

A aula de História, como a de qualquer disciplina, deve implicar para o aluno um sair de si, um confrontar-se com outras possibilidades de ser humano, de ser sujeito, de ser homem, de ser mulher, de ser masculino, de ser feminino, de ser local, de ser político, de ser ético, de ser estético. O aprendizado da variedade e da diversidade humanas no tempo é uma tarefa precípua do professor de História, que está na escola não apenas para ensinar dado conteúdo, cumprir um currículo: a finalidade precípua do ensino de História é a formação de valores, é a produção de subjetividades, é a construção de sujeitos capazes de conviver com a diversidade e a diferença, com o que não é familiar. Por isso o professor de História nem sempre agrada às famílias, o que deve ser tomado como um elogio à sua ação. Não terá valido a pena o curso de História, um ano estudando História, uma aula de História se o aluno não tiver sido minimamente deslocado de seu lugar, abalado em suas certezas, se ele não for minimamente desterritorializado, distanciado do que julgava ser sua identidade, seu si mesmo. O professor de História é um deslocador, e nisso é um educador: ele desloca os alunos de suas temporalidades para que, através da experimentação de outros tempos, eles possam retornar a seus tempos transformados.

2 O MEME COMO OBJETO DE ESTUDO NO CAMPO DO ENSINO DE HISTÓRIA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve discussão bibliográfica acerca dos usos dos memes no ensino de história escolar, a fim de expor diálogos que vêm sendo construídos entre os memes e o campo do Ensino de História, especialmente na perspectiva da Didática da História. Por tratar-se de um assunto ainda carente de bibliografia, mas que se encontra em desenvolvimento, a abordagem desta etapa da pesquisa utilizará duas perspectivas de análises: 1) professores/pesquisadores, que publicaram pesquisas em torno de suas experiências com memes em suas aulas ou apenas propuseram estratégias de usos de caráter relevante; 2) professores da Educação Básica, que apresentam experiências de trabalhos em salas de aula com memes, mas, até o presente momento desta pesquisa, não obtiveram oportunidade de publicação.

Ambas as perspectivas escolhidas visam significar com mais domínio as apropriações dos memes pelo ensino de história, visto que, por tratar-se de experiências didáticas, tornam-se positivas tanto para o âmbito acadêmico quanto para as práticas escolares. Pensa-se que quanto mais contribuições nessa área de conhecimento, mais trocas serão realizadas e, com isso, mais professores poderão significar a aprendizagem histórica através do uso didático dos memes.

Todas as publicações apresentadas nesta pesquisa foram selecionadas a partir da perspectiva teórica da Didática da História, disciplina que congrega os estudos em ensino de História (CERRI, 2017) que “se preocupa(m) com a formação, o conteúdo e os efeitos da consciência histórica” (BERGMANN, 1990 apud CERRI, 2011, p. 53).

Segundo Rüsen (2006), o objetivo da disciplina Didática da História é investigar o aprendizado histórico, uma das manifestações e dimensões da consciência histórica. Como ciência do aprendizado histórico, trata do conhecimento histórico nos mais variados espaços sociais e busca estudar caminhos de conduzir o produto da pesquisa histórica em diversas formas de pensamento/argumentação, sem limitar seu campo de atuação à escola (RÜSEN, 2006).

Sob este viés, esta pesquisa optou em dialogar com esses trabalhos a partir dos objetivos propostos pela Didática da História, visto que o campo se ocupa da aprendizagem histórica, em outras palavras, dos elementos que estão implícitos no conhecimento histórico, que os torna explícitos na narrativa histórica. Como os memes são potencialmente narrativas históricas, por que não construir este conhecimento a partir destas peças digitais?

2.1 Experiências didáticas com os usos dos memes

A preocupação a respeito dos objetivos do ensino de história na Educação Básica brasileira vem crescendo nas últimas décadas. A prática nas escolas durante muito tempo se limitou a uma abordagem conteudista, de análise puramente metalinguística, em que o aluno é colocado de forma passiva diante dos assuntos abordados e o texto é usado, muitas vezes, como pretexto para o ensino de conteúdo em um processo de memorização. Diante de muitas demandas emergentes do tempo presente, o campo do Ensino de História tem reconfigurado seus objetos, seus conceitos, suas narrativas e com isto, surgem as novas urgências e desafios da prática docente oriundos de novas demandas sociais e, mesmo, da era tecnológica. Para Pereira, *et al.*,

Ensinar História hoje consiste numa prática muito diversa em relação a tempos anteriores, uma vez que as demandas que a sociedade tem colocado aos currículos e ao papel dos professores se multiplicam e estão ligados a movimentos sociais, étnicos e culturais muito singulares. De tal forma, pensar o currículo e a docência em História na contemporaneidade, na Escola Básica, se constitui em um movimento que implica considerar, por um lado, o que a legislação e as discussões políticas têm estabelecido sobre temas como a história da África, dos afrodescendentes, dos indígenas, da preservação do patrimônio e do direito à memória e ao passado e, por outro lado, o que o mundo dos jogos, da Internet, do cinema e da televisão têm oferecido como relato sobre o passado e que precisa ser considerado pelo pensamento e pela prática nas aulas de História (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 32).

Nesse sentido, um dos desafios da escola nos dias de hoje é incluir curricularmente a reflexão acerca dessas novas demandas sociais se apropriando, inclusive, dos espaços midiáticos e ferramentas digitais por onde tais questões em grande parte do tempo chegam aos alunos da escola básica. O digital tem atuado como elemento motivacional e de transformação, podendo, com uma intervenção adequada e até mesmo uma adaptação à realidade vivida do professor em sala de aula, estimular a criatividade dos educandos e, conseqüentemente, aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, a busca por diálogos possíveis entre o campo do Ensino de História e os memes tem ganhado espaço na produção acadêmica e nas práticas docentes a fim de direcionar o processo de aprendizagem a um contexto de significação do tempo presente. Nessa perspectiva, apropriar-se de algumas publicações acadêmicas que refletem sobre os usos dos memes no Ensino de História poderá tornar essa pesquisa mais enriquecedora aos seus leitores.

No ano de 2016, Mendes e Costa tornaram-se protagonistas de uma escrita acadêmica relacionando o campo do ensino aos memes com a publicação do artigo: “O sequestro do imaginário e a escrita da História: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo”.

Nesse período, a produção a respeito do tema ainda era muito carente de fontes, logo, o presente artigo contribuiu em demasia para o campo do ensino, especialmente por tratar de experiências empíricas realizadas por docentes da área. A discussão possibilitou o advento de outras produções acadêmicas relacionadas ao tema, estimulando, portanto, outros professores a realizarem atividades com memes em suas aulas.

Com a intenção de problematizar a linguagem dos memes enquanto recurso na divulgação e no ensino da disciplina de História na Educação Básica, foram desenvolvidas atividades que visavam à elaboração de memes com alunos do Ensino Médio no Rio de Janeiro, de modo que, ao término, as peças digitais confeccionadas fossem avaliadas pelos alunos da disciplina de Didática Especial de História da UFRJ, dialogando com produções dos campos da História Pública e da História Contemporânea.

A atividade foi realizada em uma turma de primeiro ano do ensino médio de uma escola da rede particular de ensino. Os alunos foram convidados a criarem memes históricos²⁷ e tiveram uma semana de prazo para elaborarem os seus trabalhos. As produções meméticas foram apresentadas aos futuros professores de História da UFRJ com o intuito de provocar reflexões acerca dos usos de imagens nas aulas de História. Além disso, questionamentos no âmbito da História digital também foram discutidos exatamente por tratar-se de um recurso que tem o poder de viralizar rapidamente pelo ciberespaço.

O objetivo da atividade desenvolvida foi criar uma forma alternativa de escrita da História escolar associada a criatividade dos jovens com o intuito de observar as ideias contidas no imaginário estudantil que ao longo do tempo de escolaridade foram construídas. Quanto à metodologia do trabalho, as autoras refletiram a respeito dos cuidados necessários acerca da elaboração de memes em ambientes escolares, visto que grande parte deles são dotados de humor e de uma linguagem informal com a finalidade de alertar o grupo o quanto é necessário não se posicionar como porta voz de narrativas de visões preconceituosas e estereotipadas.

Abrangendo uma discussão em torno dos memes escolhidos, especificamente os referentes à Segunda Guerra Mundial, o artigo apontou a necessidade de se avaliar as fontes das informações retratadas nos memes, base dos conhecimentos prévios, junto aos alunos e, a partir disso, identificar os meios de veiculação envolvidos na formação dos conceitos. Essa proposta foi pensada justamente na expectativa de se construir, junto ao grupo, um certo questionamento em torno da complexidade necessária que envolve a ressignificação de um fato histórico.

²⁷ Para Mendes e Costa (2016), memes históricos podem ser formas de propagação do conhecimento histórico para um público amplo, tal como a página no *Facebook* “Memes históricos”.

A contribuição deste artigo para esta pesquisa é de extrema importância, visto que, além de colocar em prática a construção de memes históricos, dialoga em favor da construção do conhecimento por vias horizontais, incluindo outras fontes de geração do saber. Sob o viés de uma perspectiva multidisciplinar, pensa-se que o conhecimento possa ser construído e apropriado através de múltiplas linguagens, entre elas, os memes. Além disso, os memes oportunizaram ao grupo, construir junto aos docentes, um diálogo crítico em torno das peças meméticas com a finalidade de refletir acerca das condições e variáveis presentes na constituição do conhecimento histórico.

Um outro olhar sobre memes é apresentado por Cavalcanti e Lepre (2018), no artigo “Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de História”, apresentado ao Congresso Internacional de Educação e Tecnologia. Nele, os autores relataram suas experiências com memes em turmas do Ensino Médio de uma escola de São Paulo.

Entendendo-os como uma ferramenta pedagógica, os professores na intenção de criar aulas mais atrativas e significativas, traçaram um paralelo entre os memes compartilhados nas redes sociais, em especial os do *Facebook* com os conteúdos históricos discutidos e analisados no espaço escolar, no propósito de tornar os estudantes mais comprometidos com a escola e de aproximá-los dos docentes na intenção de construir vínculos sólidos de parceria.

Utilizar os memes como estratégia pedagógica, especificamente em História, conhecida por ser uma disciplina muito conceitual e de difícil assimilação por parte dos alunos, tem contribuído para criar novos significados às percepções de fatos históricos muitas vezes distantes da realidade dos nossos alunos. Além disso, os memes podem ser um instrumento educacional útil para promover o letramento digital e trabalhar temas da atualidade em geral (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p. 3).

O projeto envolveu alunos do Ensino Médio, com idade média entre 14 e 17 anos de uma Escola Pública Estadual de Araçatuba em São Paulo. As autoras realizaram observações das aulas expositivas na finalidade de coletar dados, utilizaram as atividades de forma participante e a elaboração da atividade pedagógica com memes. Todo o processo das aulas foi desenvolvido pela professora do grupo.

A metodologia utilizada pelas autoras abrangeu uma análise documental e de leitura, a partir de teses, dissertações, planos de aulas, divulgações e outros acerca dos desafios do ensino de história e os meios de interações sociais virtuais, além de uma seleção dos memes da rede social *Facebook* que seriam trabalhados em sala de aula e até a escolha dos conteúdos e habilidades que seriam priorizadas na atividade de construção dos memes.

A proposta de trabalho ocorreu a partir dos usos dos memes como recurso didático para estimular a discussão sobre a Segunda Guerra Mundial, partindo de eventos do tempo presente e através da criação das peças digitais pelos alunos. Ambas as propostas objetivavam instigar os estudantes a compreender os fatos históricos abordados nos memes, a fim de significar a aprendizagem e despertar de forma divertida o interesse dos jovens perante os temas estudados.

Como conclusão, entendeu-se que o meme apresenta “uma dialética composicional própria” (CAVALCANTI e LEPRE, 2018, p. 6), que para ser compreendida necessita que se identifique os discursos que são contidos na peça, associando a uma leitura mais aprofundada das imagens. Quanto aos resultados, considerou-se positivo, pois despertou a capacidade colaborativa entre os membros do grupo, assim como oportunizou a construção do conhecimento de forma participativa, solidária e contextualizada. Portanto, esse trabalho aponta para variáveis importantes que devem ser consideradas para tornar a construção do conhecimento histórico escolar um processo menos árido, sem abrir mão da epistemologia da História: mobiliza a imaginação histórica dos alunos, dialoga com o hipertexto digital, por meio da ideia de uma produção coletiva de conhecimento.

Trabalhar conceitos e fatos históricos com o auxílio dos memes é trazer para a sala de aula visões múltiplas de mundo, de realidades, percepções e humor que contribui, de forma inovadora e atual, com a contextualização e assimilação de temas complexos para nossos estudantes (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p. 3).

Outra proposta relevante para esta pesquisa são as análises desenvolvidas por Cadena (2018) em seu artigo “Novos objetos para o Ensino de História: os memes na sala de aula”, publicado nos Anais do XII Encontro Estadual de História da APNPUH/PE com a temática: História e os desafios do tempo presente. O autor faz uma reflexão acerca de alguns memes que se propagaram pela mídia social *Facebook* e objetos de análises de sua dissertação intitulada como: “Narrativas Digitais e a História do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de História” (CADENA, 2018).

No trabalho, Cadena (2018) compreende os memes como fontes históricas dotadas de narrativas históricas capazes de mobilizar saberes históricos que não são produzidas na academia e nem na escola, mas que apresentam características peculiares que são propagadas a um grande público e podem ser utilizadas como ferramentas didáticas nas aulas de História. Estas narrativas exibem um caráter explicativo a respeito das relações temporais assim como transmissores culturais ligados à memória que cooperam na elaboração de identidades. Além disso, apresentam grande potencialidade de discussões públicas que são pertinentes ao ambiente

escolar e propiciam discussões em torno da ampliação da produção historiográfica para além de seus pares.

O autor considera o meme como um documento e constrói uma metodologia, em 4 etapas, para sua análise crítica: 1) Verificar as características da página onde ele foi encontrado; 2) Identificar os elementos imagéticos e textuais e seus possíveis significados; 3) Expor o contexto das imagens e relacioná-las ao tempo presente, como também ao passado a que se referem; 4) Tratar acerca das discussões historiográficas sobre a temática abordada, sejam elas acadêmicas ou escolares.

Este trabalho enfatiza a necessidade de que o uso dos memes nas aulas de História requer um planejamento adequado para que a prática seja significativa na perspectiva didático-histórica. Todo e qualquer objeto, quando levado para sala de aula, torna necessário uma reflexão acerca dos métodos adequados e as possíveis fundamentações teóricas que envolvem sua utilização didática. Em função disso, a problematização e o convite ao debate devem ser o foco principal dos docentes ao implementarem essa proposta em suas aulas. Por fim, Cadena (2018) lembra que suas propostas são apenas possibilidades de se alcançar uma aprendizagem significativa e não uma “tábua de salvação”.

O Mestrado Profissional em Ensino de História tem sido um espaço para apresentação e reflexão teórica de práticas inovadoras, como a apresentada por Bárbara Zacher Vitória em sua dissertação (2019). Vinculada ao ProfHistória de Florianópolis, a professora/pesquisadora defendeu a temática: “Sobre memes e mimimi: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais”.

A autora, em sua pesquisa, entende os memes de Internet a partir de duas percepções de certa forma antagônicas. A primeira, um olhar positivo, caracteriza-o como uma linguagem bastante atrativa e criativa que desperta interesse entre os jovens, porque seus códigos imagéticos e textuais estão imersos na cultura juvenil e podem ser excelentes replicadores de mensagens híbridas com alta intertextualidade que se espalham pela *Web*, mas que são compreendidas apenas por aqueles que decodificam seus símbolos. A segunda esboça uma preocupação quanto ao uso da linguagem do meme, considerando-o um mecanismo capaz de contaminar o mundo da *Web* com informações falsas, preconceitos e violências. No que tange à educação, Vitória (2019) preocupa-se com os significados que alunos estão construindo referentes aos memes que disseminam mensagens racistas, machistas, homofóbicas e xenofóbicas e de que forma estas leituras estão sendo processadas pelos estudantes.

Inquieta com os memes que carregam estes discursos conservadores, o trabalho de pesquisa propôs a construção de um material didático para o ensino de história em formato de

vídeo destinado aos estudantes a partir do 9º ano do Ensino Fundamental, visando desenvolver o letramento midiático com foco na Internet e suas formas típicas de expressão, a partir dos memes intolerantes que circulam pelas redes.

O material didático elaborado voltado para o ensino de história apresentava como objetivo promover o letramento midiático e histórico dos estudantes com ênfase na Internet e nas suas formas típicas de expressão. A partir de uma intervenção crítica, desnaturalizar o olhar sobre as violências presentes nos memes intolerantes, a fim de incentivar a “constituição de identidades sensíveis, empáticas e comprometidas a um posicionamento crítico sobre conteúdos de mídias que ferem a ética e a dignidade de outras identidades” (VITÓRIA, 2019, p. 96). Para os professores, oportunizou o estabelecimento de metodologias de análises que pudessem alinhar “o conhecimento histórico trabalhado nas aulas com a interpretação das diferentes temporalidades e jogos de sentido que estão envolvidos em uma narrativa memética” (2019, p. 108).

O material didático que propomos visa uma intervenção crítica que desnaturalize o olhar sobre as violências presentes nos memes intolerantes, evidencie um vínculo entre a orientação destas mensagens e a História, e acima de tudo, interfira no incentivo a constituição de identidades sensíveis, empáticas e comprometidas a um posicionamento crítico sobre conteúdos de mídias que ferem a ética e dignidade de outras identidades (VITÓRIA, 2019, p. 96).

Considerando pesquisas sobre memes, Alessandra Michele Alves Andrade também contribui de forma significativa com a publicação: “A construção do conhecimento histórico a partir da produção de memes”, em 2017, e a dissertação do mestrado vinculado ao ProfHistória, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 2018, com o título: “Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História”. Ambas as produções são de extrema relevância para esta pesquisa, pois apresentam relatos de experiências em busca do alcance da aprendizagem histórica de forma significativa para o aluno.

Para Andrade (2017), a sociedade digital já é uma realidade, principalmente entre os jovens da Educação Básica. Com isto, novos desafios estão sendo propostos com o objetivo de educar através da apropriação de recursos midiáticos. Nesta perspectiva, a escolha por memes para se alcançar a construção do conhecimento histórico por parte dos alunos é justificada, visto que esses são peças digitais muito utilizadas nas mídias sociais com potencialidades criativas e formadoras de identidade no ensino escolar de história (ANDRADE, 2017).

Na dissertação, a professora realizou com alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola de Natal/RN, nos anos de 2017 e 2018, respectivamente, a elaboração de um

*blog*²⁸ educativo com o objetivo de promover o pensamento crítico e criativo, oportunizando o desenvolvimento da formação cidadã do aluno a partir do uso responsável dos recursos tecnológicos. Na pesquisa, ela analisa a produção de memes, além de armazená-los em um ambiente que pudesse proporcionar informação e interação entre aluno e professor. O *blog* “Só um pouco mais de história” se tornou um espaço de trocas, oportunizando a participação discente e permitindo uma maior ligação entre a sala de aula e o mundo virtual, utilizando-se didaticamente da metodologia do Ensino Híbrido. Para a autora, “o espaço virtual também possibilitou a ampliação de informações referentes aos temas trabalhados em sala de aula, aumentando a curiosidade do aluno e sua participação nas aulas” (ANDRADE, 2019, p. 108).

Os resultados foram bem positivos, levando em consideração que os próprios alunos criaram um grupo no WhatsApp e com isso passaram a compartilhar materiais digitais frutos de dúvidas, curiosidades e reflexões. Esta atitude, para a autora, foi de fato bem relevante, visto que o primordial desse gesto foi a expansão do conhecimento histórico para além dos muros da escola.

Por fim, e não menos relevante, são as contribuições da revista *Periferia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*, do ano de 2019, que publicou, nos meses de janeiro/abril, o volume 11 de sua primeira edição com a seguinte temática: “Memes e Educação: práticas educativas em rede”, e, nos meses maio/agosto, publicou a edição 2 como o tema: “Memetizando: experimentações cotidianas em tempo de cibercultura”. Em âmbito científico, as abordagens realizadas pela revista relacionaram os memes a diversas áreas do campo da educação, contribuindo, desta forma, para o crescimento dos estudos e das pesquisas nestas áreas. Das duas edições, três artigos referenciam o Ensino de História e serão citados brevemente nessa pesquisa, por tratarem de reflexões importantes na área.

No artigo “Os memes como suporte pedagógico no Ensino de História”, Silva (2019) parte das possibilidades de inserção do digital nas práticas escolares e propõe que eles sejam usados como recurso pedagógico e, através dessa prática, transformem-se em um elo entre docentes e discentes.

²⁸ Para a autora, *blog* é uma palavra que deriva do termo ou expressão *weblogs*. Funciona como tipo de diário digital *on-line* exposto em páginas de Internet, onde podem ser publicados vários conteúdos como textos, vídeos, músicas, imagens, *links* sobre assuntos variados. Como importantes instrumentos de comunicação e interação na rede, os *blogs* também podem ser utilizados com fins pedagógicos. A autora referencia ter escolhido o *blog*, pelo fato de ser um sítio digital para depósito de memes de fácil manutenção, simples manuseio e organização, permitindo uma relação de interação entre aluno e professor (ANDRADE, 2018).

Com um breve panorama reflexivo quanto aos memes e a cibercultura, o autor faz referência à página do *Facebook* “*História no Paint*”²⁹ como uma das mais famosas. Com proposta de postar memes de caráter histórico que habitualmente provocam humor, a página se apropria de memes do ciberespaço e os ressignifica com textos alusivos a uma situação histórica. Destinada a um público específico, de maneira geral os que gostam de História, os memes historicizados pela página ganham espaço e se multiplicam via rede. Inclusive, alguns memes desta página serão citados no capítulo 3 deste trabalho e no Guia Didático como sugestão de memes portadores de uma narrativa histórica capaz de promover o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos. Um outro aspecto relevante destacado pelo autor é a necessidade de compreensão dos memes historicizados, visto que “para compreender a piada é necessário saber o que ela trata” (SILVA, 2019, p. 171). Em outras palavras, para que haja entendimento e humor, é necessária uma compreensão mínima sobre o tema que está sendo abordado.

Para justificar os possíveis usos dos memes como suporte pedagógico, o autor faz referência aos conceitos de Prensky³⁰, anteriormente mencionados nesta pesquisa, considerando uma relação conflituosa entre os “nativos digitais” e os “imigrantes digitais” em plena expansão de uma cultura digital. Esse embate é resultado da relação entre alunos, por serem digitais, e professores, por serem analógicos, como consequência, essa realidade é capaz de promover um choque geracional, apontando a necessidade, o quanto mais rápido, da inclusão de recursos digitais no cotidiano escolar. Em prol disto, orienta sobre os usos dos memes em ambientes escolares com a finalidade de promover aulas mais leves e atrativas aos discentes e com um ambiente escolar mais familiar aos estudantes.

Na mesma perspectiva de análise, o artigo “O uso de memes nas aulas de História”, escrito pela professora Luísa Quarti Lamarão (2019) também atribui às peças digitais um novo formato de linguagem de comunicação, capaz de unificar texto e imagem, posicionando-se como uma excelente ferramenta de aprendizagem. Para a autora, os memes são uma das formas de conteúdo que são partilhados pelo mundo virtual que, por terem um caráter bem humorado, e às vezes crítico, são reproduzidos e alcançam milhares de pessoas com grande fluidez. Por isto, a proposta da professora é pensar nos memes como uma nova forma de linguagem e

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/Historianopaint/>. Página que usa memes relacionados a temas históricos em formato bem humorado. O acesso em 30/11/2020 apresenta um registro de 761.128 pessoas que estão seguindo a página. Outras redes: @historianopaintoficial (*Instagram*) e @historianopaint (*Twitter*).

³⁰PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. De *On the Horizon* (NCB University Press, V. 9 N. 5, Out., 2001) Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>.

comunicação entre os alunos com o objetivo de mostrar aos estudantes que o conhecimento histórico pode ser trabalhado a partir de diferentes pontos de vista, inclusive na linguagem viral dos memes.

Nesse viés, ciente das novas configurações do processo de comunicação do ciberespaço, Lamarão (2019) desenvolveu, com as turmas do 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II, atividades com memes nas avaliações escolares. A aplicabilidade dos memes ocorreu com a substituição dos longos enunciados das questões avaliativas por memes que dialogassem com as temáticas propostas. O objetivo desta metodologia de trabalho foi usar o meme como um ponto de partida de discussão do exercício e não apenas como mero instrumento de ilustração a fim de provocar um maior estímulo e envolvimento dos discentes na elaboração da resposta. A presente autora também desenvolveu atividades com memes relacionados à temática da Revolução Industrial no grupo do 9º ano. Desta vez, ela distribuiu imagens referenciadas ao tema e solicitou a criação dos memes a partir das discussões desenvolvidas em sala de aula. A preocupação com este tipo de atividade girou em torno da expectativa da cópia, por tratar-se de um exercício feito em casa, mas os resultados superaram e atenderam aos objetivos propostos pela docente.

Lamarão (2019) avalia que a inserção dos memes nas atividades gerou alegria por parte dos discentes, visto que estes ficavam satisfeitos quando se deparavam com seus memes projetados em avaliações. Além disso, as atividades fluíram como um enorme sentido ao grupo de alunos, em especial, aos que não se identificavam com a disciplina de História. Segundo a autora, “o uso de memes possibilita que os próprios alunos usem sua experiência, seu olhar cibernético para interpretar processos históricos” (LAMARÃO, 2019, p. 191).

Para concluir, o artigo “Memes de Internet e educação: uma sequência didática para as aulas de História e Língua Portuguesa”, escrito pela professora Maria Alice de Souza (2019), teve como público-alvo uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte e colocou em prática uma sequência didática composta por quatro etapas. A organização da sequência foi pensada na articulação dos componentes curriculares de duas áreas de ensino – História e Língua Portuguesa, em prol do gênero digital memes de Internet. Os objetivos de escrita desenvolvidos na aula deste formato visavam, no que tange à História, refletir acerca dos eventos ocorridos na vida dos alunos e, em Língua Portuguesa, verificar os usos sociais da leitura e da escrita nos ambientes digitais.

Em seu artigo, a professora faz uma pequena exposição em relação à taxinomia dos memes, mas o que se torna relevante para esta etapa da pesquisa é pensar sua prática educativa com memes no Ensino de História. Intencionada em estimular a criticidade do grupo, a proposta

de trabalho foi refletir acerca dos acontecimentos que ocorreram na sociedade brasileira a partir do segundo mandato da presidente Dilma Russef.

A primeira etapa da sequência consistiu em estimular os alunos à busca de informações sobre a crise política brasileira iniciada com o acolhimento do pedido de *impeachment* de Dilma Russef pelo presidente da Câmara. Além disso, os alunos foram orientados a buscar informações em três veículos de informações diferentes a fim de que pudessem reconhecer a influência que os canais de comunicação exercessem no controle das notícias. Feito isso, os alunos foram divididos em grupos e guiados a escolher um evento a partir do contexto histórico abordado.

Na segunda etapa, nas aulas de Língua Portuguesa e História, foi possível aferir os resultados das pesquisas através dos debates desenvolvidos. Segundo Souza (2019, p. 204), “o acontecimento histórico serviu como instrumento para se questionar o presente, promovendo uma articulação crítica dos estudantes”. Em duas aulas, em ambas áreas de aprendizagem, os elementos constitutivos de um meme e suas possíveis expressões meméticas foram discutidos com os alunos. Em seguida, a terceira etapa foi destinada à criação dos memes. Nela, os alunos foram direcionados a construir memes que abordassem reflexões e ensinamentos adquiridos durante as primeiras etapas da sequência didática. E por fim, após a criação, os memes foram impressos e anexados nas paredes da própria sala de aula com a finalidade de promover uma troca entre os produtores em casos de dúvidas quanto às narrativas e imagens abordadas. Como conclusão, a professora entendeu que o meme de Internet, além de ser um artefato da cultura juvenil, é um estímulo a determinadas práticas pedagógicas, principalmente por se tratar de um anseio das novas gerações envolvidas pelo ciberespaço.

Todas as publicações relatadas de forma sucinta nesta pesquisa apresentam experiências e reflexões acerca das variadas possibilidades de usos dos memes nos ambientes escolares. Estes estudos apresentam uma relevante contribuição para o campo do Ensino de História e para a Didática da História, haja vista as mobilizações de aprendizagens que são realizadas junto aos memes com a finalidade de tornar mais significativo o ensinar e aprender História.

Durante o processo de pesquisa constatei um número considerável de publicações relacionando o meme a experiências educacionais em áreas de estudos como a Língua Portuguesa, Inglês e Matemática. Essas contribuições são bem relevantes, refletindo a partir do ponto de vista que o conhecimento escolar pode ser desenvolvido em diálogo com diferentes perspectivas de conhecimento, contribuindo, nesse sentido, para uma melhor formação do aluno.

Outra questão interessante é pensar a respeito do crescimento do tema no âmbito das pesquisas acadêmicas que estão resultando em experiências de aprendizagens com memes, seja na inserção de uma sequência didática, no levantamento de conhecimentos prévios, como instrumento de avaliação de aprendizagem, na prática da leitura e na produção dos discursos, na síntese dos conteúdos, na elaboração de forma criativa, entre outros modos que possam contribuir com uma aprendizagem mais prazerosa e de sentido para os estudantes. Estas propostas didáticas, ao serem analisadas, provocam reflexões de grande potencialidade a se pensar que os professores, cada qual com a sua metodologia, objetivavam a busca do conhecimento histórico a fim de promover o aprendizado histórico entre seus estudantes.

Por estes motivos, entende-se que os experimentos e práticas devem ser compartilhados, já que vêm gerando resultados positivos e podem (e devem) ser aperfeiçoados por outros professores. Portanto, a proposta aqui não é avaliar as atividades relatadas, mas reconhecer seus valores em prol de um ensino de história que possa aprimorar a “capacidade de pensar, sentir e atribuir sentido ao tempo” (CERRI, 2010, p. 270) dos alunos.

No âmbito de minha prática docente, venho percebendo que muitos professores estão em sala de aula inovando, produzindo, desenvolvendo, mas não estão registrando suas experiências de forma que sejam publicadas como experimentos de pesquisas científicas. Infelizmente, por inúmeros motivos, desde a ausência de políticas públicas de incentivos até os baixos salários, uma parcela significativa de professores se ausenta da divulgação científica das experiências desenvolvidas no ensino básico e sua respectiva produção de conhecimento.

Em defesa dessa “bandeira de luta”, abro o espaço deste trabalho aos inúmeros professores que estão regentes em suas turmas a procura de meios, estratégias, soluções, metodologias em prol de uma educação mais justa e crítica. Diante disso, através de uma breve análise, contaremos as histórias de alguns desses professores e suas experiências com memes, porém não publicadas, a fim de que possamos convencer muitos outros de que estas peças digitais não são a solução para um ensino de história em perfeita sintonia, mas um elemento impulsionador e instigante à construção do conhecimento histórico escolar.

2.2 Memes na Educação Básica: relatos docentes não publicados

Estar professor da Educação Básica, em especial, de História, em tempos de negacionismos, revisionismos e conservadorismos tem sido um enorme desafio, pois para cada reflexão desenvolvida no espaço escolar há uma censura disfarçada de autonomia que invade a sala de aula e que se projeta para além dos muros da escola. Por isto, cada passo alcançado com

um determinado grupo de escolaridade é, de fato, uma guerra vencida, visto que muitas são as forças de oposição que nos fazem desistir e nos direcionam ao caminho de uma educação mercantilizada e reprodutiva.

A busca em prol de uma educação de qualidade e que faça sentido para os alunos é o objetivo de grande parte dos professores, mesmo com as inúmeras adversidades que são impostas. Diante disso, vencer as expressões “faço o que eu posso” ou o “sistema me conduz” é um desafio cotidiano dos docentes dos espaços públicos ou privados de educação que estão cada vez mais sujeitos às interferências externas do governo, da sociedade e das mídias.

Em prol dessa luta, essa pesquisa é uma demonstração, mesmo que singela, que ainda há possibilidades de se promover um ensino que faça dialogar a prática docente com os avanços nas pesquisas de Ensino de História e que extrapole um modelo de ensino e aprendizagem apenas pautados em memorizações de conceitos, eventos e de datas.

O objetivo desta etapa do trabalho é apresentar as experiências didáticas com memes de professores que atuam em seus espaços de aprendizagens, mas não oportunizaram até o presente momento a publicação de suas práticas. Deste modo, é primordial para esta pesquisa considerar a pluralidade de usos dos memes em ambientes escolares e investigar a utilização desse gênero como uma ferramenta para o ensino de história, a maneira como ele se processa e o retorno dos discentes ante a essa prática.

As informações analisadas foram conseguidas por meio da aplicação de um formulário³¹ na plataforma Google destinado a professores³² de História que lecionam do 6º ao 9º ano do ensino Fundamental. O critério de divulgação do instrumento deu-se pela postagem do *link* do formulário em grupos fechados destinados a professores de História ou em áreas afins da rede social *Facebook* e dos grupos privados de WhatsApp de escolas públicas e privadas de ensino. O formulário foi postado no dia 11 de agosto de 2020 e encerrado para respostas no dia 21 de agosto do mesmo ano. Houve 218 respostas no espaço de tempo estabelecido. A análise das informações busca relacionar os dados tanto de forma quantitativa quanto qualitativamente.

O formulário foi dividido em três seções com a proposição de constituir uma organização esclarecida e de fácil linguagem a fim de evitar dúvidas e erros de respostas por parte dos entrevistados. A primeira seção foi destinada à identificação por e-mail do docente e uma breve caracterização da pesquisa, com o intuito de esclarecer a importância do

³¹ O formulário pode ser acessado pelo link a seguir: https://docs.google.com/forms/d/19J_G5RooBiwLMn3dguf4iKq_PxU_FdYmw11bLWDapjk/edit?usp=sharing. No apêndice B consta o modelo de como ele foi divulgado.

³² O formulário recolheu os *e-mails* dos docentes, mas para fins de privacidade estes não serão revelados.

preenchimento correto dos dados solicitados. A segunda seção referenciou os objetivos da pesquisa e abrangeu quatro questões objetivas obrigatórias de respostas únicas. A terceira e última etapa apresentou uma síntese com a definição científica de meme, com o objetivo de demonstrar seriedade acadêmica e pedagógica e incentivar a participação na pesquisa. Essa etapa foi organizada com cinco questões objetivas e duas discursivas, sendo que apenas a indagação referente ao uso dos memes no ensino de história solicitava obrigatoriedade de resposta do entrevistado. As demais eram opcionais, ou seja, o professor respondia de acordo com as suas experiências, caso não desejasse responder, bastava avançar para a próxima questão e encerrava o formulário.

As respostas às questões objetivas serão analisadas através dos gráficos gerados pelo Google formulários. Essa ferramenta facilitou a interpretação dos dados obtidos tendo em vista os objetivos essencialmente quantitativos dessa fase da pesquisa. Torna-se importante ressaltar que embora os dados obtidos não representem o conjunto de todos os docentes de História, estabelecem uma mostra estatística que permite identificar se e como os professores de História escolar veem o meme como uma ferramenta/linguagem no processo de ensino-aprendizagem de história.

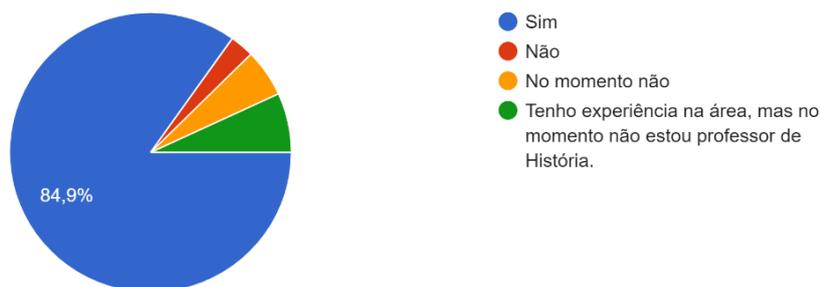
O primeiro dado obtido buscou identificar os professores participantes a partir de seu *e-mail*. Ele não será apresentado nesta análise para garantir a preservação de dados pessoais. A informação foi recolhida em função de uma possível troca mais individualizada com o pesquisador, em caso de dúvidas no que se refere à parte mais qualitativa da análise.

Os resultados obtidos e suas análises diagnósticas podem ser observados a partir dos gráficos abaixo.

Gráfico 1 – Leciona como professor de História?

Leciona como professor de História?

218 respostas



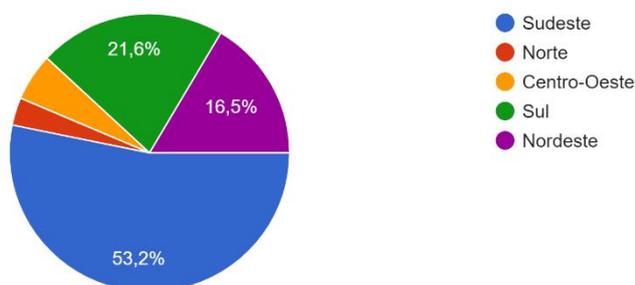
Fonte: A autora, 2020.

A segunda questão do formulário, de acordo com o Gráfico 1, apresentou a proposta de averiguar a área de atuação do professor no momento da pesquisa, pois, algumas vezes, há a possibilidade do discente se encontrar licenciado por motivos de estudo, doença ou estar desviado da função. Das 218 respostas, 185 pessoas (84,9%) responderam que atuam como professor de História, 6 (2,85%) assinalaram que não lecionavam como professor da área, mas 12 (5,5%) afirmaram que no momento não estavam em sala de aula como docente de História. Porém, 15 (6,9%) relataram apresentar experiências na área de ensino, mas, no presente momento, não exerciam o cargo.

Conclui-se que a maior parte dos docentes que participou da pesquisa estava professor de História e isso representa uma enorme contribuição para esta pesquisa. Já 12,4% dos que responderam, embora não estejam atualmente ensinando história escolar, provavelmente em algum momento o fizeram, logo, pode-se deduzir que apresentam formação acadêmica na área, embora possam estar atuando como professores de outras disciplinas da área de Humanas ou exercendo cargos pedagógicos ou administrativos.

Gráfico 2 – Leciona em qual região do Brasil?

Leciona em qual região do Brasil?
218 respostas



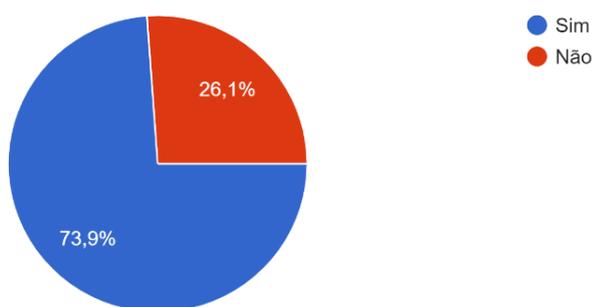
Fonte: A autora, 2020.

Como demonstra o Gráfico 2, quanto à região de atuação dos professores, as respostas obtidas informam que 116 (53,25) professores respondentes lecionam em escolas da região sudeste, 47 (21,6%) na região sul, 36 (16,5%) no nordeste do país, 12 (5,5%) no centro-oeste e 7 (3,2%) professores na região norte. O objetivo dessa questão foi identificar geograficamente os docentes participantes da pesquisa a fim de refletir acerca da espacialidade da utilização dos memes no país e elaborar, quem sabe, hipóteses sobre os tipos de resignificação produzidos para os memes no ensino de história.

Observa-se uma prevalência de professores participantes da região sudeste (53,25%). De fato, como esta pesquisa tem sua origem no estado do Rio de Janeiro, é natural que o maior número de entrevistados esteja concentrado em regiões próximas, em função da própria comunicação entre os grupos. Todavia, a porcentagem referente às outras regiões é bastante significativa e isso nos mostra o quanto o poder da *web* é relevante, ao aproximar grupos de mesmo interesse (professores de História) via rede social, e, neste caso, criar um elo facilitador para a pesquisa.

Gráfico 3 – Atualmente atua como professor em escola pública?

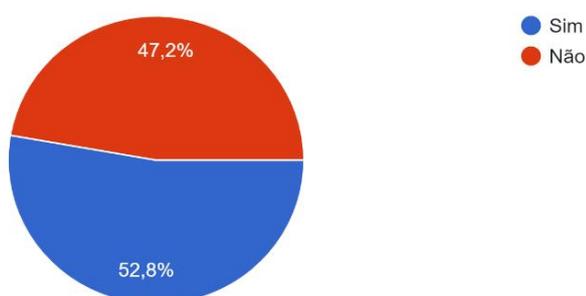
Atualmente atua como professor em escola pública?
218 respostas



Fonte: A autora, 2020.

Gráfico 4 – Apresenta experiência de ensino em escolas privadas?

Apresenta experiência de ensino em escolas privadas?
218 respostas



Fonte: A autora, 2020.

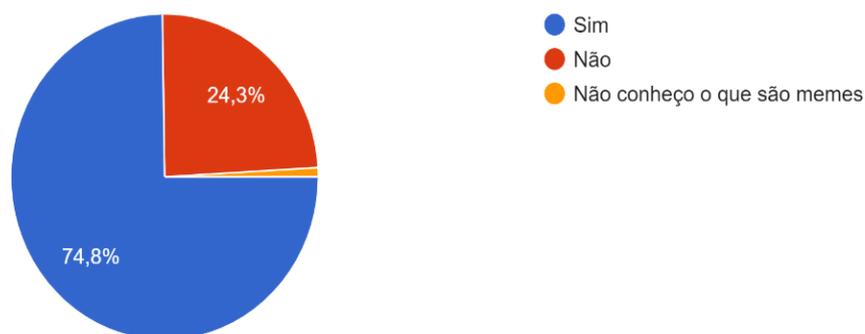
Os Gráficos 3 e 4 apresentam informações que se relacionam e foram analisadas de forma unificada. A proposta dessa pergunta foi identificar a intenção e possibilidade de o professor da rede pública implementar esse tipo de estratégia de aprendizagem que prevê a utilização e conhecimentos básicos da cultura midiática da *web*, apesar dos problemas recorrentes de infraestrutura para isso nessas escolas.

No universo de 218 entrevistados, 161 (73,9%) docentes disseram ser professores da rede pública, enquanto 57 (26,1%) responderam que não. A quinta questão permitiu perceber que dos 218 educadores, 115 (52,8%) apresentam experiências na rede privada de ensino e 103 (47,25) assinalaram negativamente. Conclui-se, então, que parte significativa dos professores que respondem estar na rede pública, pelos dados apresentados no Gráfico 5, também são ou já foram da escola privada. O que permite inferir que a origem da rede pode não estar influenciando diretamente na intenção do professor de utilizar o meme como estratégia de aprendizagem.

Gráfico 5 – Já fez uso dos memes em suas aulas de História?

Já fez usos dos memes em suas aulas de História?

218 respostas



Fonte: A autora, 2020.

A sexta questão, Gráfico 6, permiti refletir acerca do quantitativo de professores que entendem os memes como um recurso capaz de incentivar a aprendizagem histórica. “As respostas apontam que dos 218 professores, 163 (74,8%) já utilizaram os memes em suas aulas de História, enquanto 53 (24,3%) responderam que não e um número mínimo de 2 (0,9%) professores afirmaram desconhecer o que são memes. Conclui-se que os memes, em algum momento, foram utilizados como uma estratégia de aprendizagem por esses docentes. Ou seja,

foram vistos como ferramentas didáticas. A forma como isso se deu será mais bem esclarecida com a análise das respostas discursivas deste formulário.

É significativo concluir, pelos dados apresentados nessa fase do questionário, que 74,8% dos professores que se propuseram responder à pesquisa já fizeram uso dos memes nas aulas de História, sendo que 73,9% eram professores da rede pública de ensino. Isto permite a formulação de uma hipótese de que parcela significativa dos educadores que vêm se apropriando da linguagem memética para o ensino de história estão em escolas públicas. Considera-se esse dado bastante interessante, haja vista os inúmeros problemas enfrentados por esses docentes, como baixos salários, ausência de Internet e computadores, desvalorização profissional, falta de apoio da gestão escolar, precárias estruturas físicas e outros. Mesmo diante dessa possível realidade, os professores procuram alternativas para o processo de ensino-aprendizagem na intenção de produzir significados, explorando uma linguagem muito comum nas redes e na vida cotidiana dos estudantes.

A parte aberta do formulário apresentou a pergunta: “Caso já tenha trabalhado com memes em suas aulas, como utilizou?” O objetivo era saber de que forma essas peças digitais foram utilizadas nos planejamentos pedagógicos. Apesar de 74,8% dos participantes, ou seja, 163 dos 218 professores terem afirmado anteriormente que já haviam utilizado o meme como ferramenta didática em suas aulas, no momento de apresentar como isso foi feito, foram obtidos 150 (68,8%) relatos de experiências.

A leitura desses relatos demonstrou que os professores utilizaram os memes como recurso didático em momentos diferenciados e com objetivos múltiplos. Assim sendo, para fins de uma melhor análise, considerou-se reunir as respostas em quatro grupos no intuito de evidenciar didaticamente esses usos. São eles: 1) Ilustração de uma etapa da aula ou do material didático; 2) Síntese de uma aula expositiva ou no gerenciamento de uma revisão dos temas; 3) Fonte histórica sob a intenção de problematizar, analisar e referenciar determinados grupos, períodos ou fatos históricos; 4) Ludicidade de uma etapa da aula na perspectiva de aproximar as relações entre alunos e professor e despertar o interesse pela aprendizagem do conhecimento histórico.

A leitura das respostas não evidenciou uma intenção explícita de os professores respondentes apresentarem os memes como uma linguagem com capacidade de expressar uma narrativa histórica e, portanto, necessitando de um letramento específico para sua utilização didática. Contudo, nossa hipótese é a de que, independentemente da perspectiva aplicada, seja como ilustração, síntese, fonte histórica ou como um artefato cultural que facilitaria a apresentação de conteúdos por seu caráter lúdico próximo à cultura juvenil, a capacidade de

narrar do meme foi identificada, mesmo que de forma implícita e, portanto, esteve presente potencialmente em todos os usos relatados, tal como pode se perceber a partir dos exemplos: *“solicitei aos alunos , durante as aulas remotas, que fizessem uma montagem de memes, onde pensadores iluministas ficassem surpresos ou criticassem situações políticas atuais”*; *“Para provocar a reflexão e contextualização da realidade”*; *“No PIBID. Como forma de apresentar momentos históricos e relacioná-los a realidade do aluno”*.

Pelo fato de o meme ser uma linguagem contemporânea do ciberespaço, composto por uma multiplicidade de recursos, muitas vezes esse gênero textual carrega consigo uma série de significados, tipologias textuais, imagens, sons que, alimentados pela *web*, proliferam-se e criam alternativas variadas de interpretações dependendo do contexto em que esteja inserido o leitor/intérprete. Concluiu-se que, ele, ao ser apropriado em sala de aula, também abre possibilidades para uma aplicabilidade simultânea para práticas diferentes, ou seja, podendo ser usado, por exemplo, simplesmente como uma ilustração para uma outra narrativa didática, assim como uma narrativa em si mesmo. Por isso, na elaboração do Quadro 1 abaixo diagnosticou-se que, em algumas situações, o professor fez uso dos memes com propostas distintas, viabilizando, desta forma, um número superior a 150 respostas, em função da simultaneidade das possibilidades para uma mesma prática.

Quadro 1 – Resultados da questão 7

RECURSO DIDÁTICO	QUANTITATIVOS	PORCENTAGEM
Ilustração	56	35%
Síntese	62	38.75%
Fonte histórica	24	15%
Ludicidade	18	11,25%

Fonte: A autora, 2020.

Os números apresentados no quadro 1 demonstram haver, para um mesmo recurso, finalidades distintas em um processo de aprendizagem. Cada docente apropria-o de acordo com as suas necessidades ou possibilidades, sejam elas por questões físicas e estruturais do espaço escolar ou de acordo com a complexidade do tema histórico que está sendo abordado, ou mesmo contingências de letramento incompleto acerca das características narrativas da linguagem utilizada. Diante disso, constatou-se que 56 (35%) professores apontaram trabalhar com os memes dentro da perspectiva da ilustração.

Das respostas: *“Eu utilizo memes como ilustração nos slides, em atividades para contextualizar os conteúdos. Ou, “as vezes peço para os alunos selecionarem um meme relacionado ao tema e fazerem uma relação dele com o conteúdo que está sendo estudado”, “Fiz uma atividade sobre o conteúdo de História do Brasil Republicano onde os alunos deveriam explicar o que cada um dos memes representava dentro dessa temática.”, “Em slides como exemplos para o conteúdo ministrado”, “ Para contextualizar os temas”, “ Utilizei com o nono ano, como forma de enigma para trabalhar o fim da política do café com leite”, “ Para ilustrar ou problematizar algum aspecto do conteúdo”, “Junto com um texto. Pedindo para os alunos produzirem um meme”,* nota-se que os memes são capazes de ilustrar ou complementar a narrativa docente. Seja como for, percebe-se que a intenção docente foi mobilizar saberes e torná-los significativos aos discentes.

Observou-se que os professores que utilizaram os memes sob a ótica da ilustração associaram-no à sua própria narrativa, como estratégia de mobilização de saberes outros carreados pelos alunos para a sala de aula e com a intenção de transformá-los em conhecimento histórico escolar de sentido. Não foi possível apreender pelas respostas se os professores tinham pleno conhecimento de todos os sentidos subjacentes na produção de um meme. Contudo, a presença cada vez maior de novas tecnologias na escola exige um professor sempre atualizado, o que se transforma em uma carga significativa diante de dificuldades em sua formação inicial, na gestão do tempo no trabalho e nas possibilidades de uma formação continuada, dentre outras questões.

Outro apontamento interessante é a inserção dos memes em materiais didáticos com o objetivo de ilustrar um texto, tópico, ou conceito, com a finalidade de chamar à atenção do aluno para questões ou conceitos singulares do imenso mar de informações que normalmente fazem parte dos conteúdos programáticos e dos esquemas de aulas. Como os memes associam o verbal e o não verbal e se utilizam de recursos como personagens de séries, filmes e novelas, recorrendo a cores e contrastes, o gênero torna-se atrativo por aproximar, de alguma forma, o espaço de experiência dos alunos ao horizonte de expectativas do professor e, com isso, quando inseridos em slides, textos, avaliações, atividades, transformam-se em excelentes conectores entre o experienciado e a constituição de sentido pretendido no processo de aprendizado de história escolar.

Com esses dados, infere-se que ao utilizar o meme para ilustrar suas aulas, o docente pretende obter informações sobre a forma como seus alunos estão produzindo sentido para um dado conteúdo ou conceito. A partir desse diagnóstico, ele pode planejar outras estratégias de aprendizado. Seja como for, interessa a essa pesquisa levantar algumas questões.

Os códigos meméticos, texto e imagem, por sua proximidade com a cultura juvenil, ao tratarem de temas na História são mais significativos para os alunos que outros documentos, como uma fonte de época, por exemplo? Problematizar determinados temas do conteúdo curricular com ferramentas que exploram a ludicidade por si só, asseguram uma aprendizagem histórica significativa?

Independentemente de como o meme esteja sendo utilizado, seja como ilustração de um assunto ou como eixo de verificação de aprendizagem, consideramos que os professores estão utilizando-o como uma narrativa abreviada, a partir de um texto curto, embora mobilize vários conhecimentos do leitor, permite perceber o sentido histórico que o aluno dá àquele tema/assunto ou conceito substantivo. Entende-se que, a partir das informações coletadas, este professor possa desenvolver com mais complexidade determinados conceitos pré-construídos em outros espaços pelos alunos, oportunizando-os uma compreensão histórica acerca das narrativas históricas públicas contidas nos memes.

Referente aos 62 (38,75%) professores que fazem usos dos memes com a proposta de produzir uma narrativa abreviada, destacam-se as seguintes atividades: *“Usei como revisão de conteúdos para a prova”, “Para comparar com os hieróglifos, sexto ano”, “Em atividades avaliativas”, “Com personagens da Revolução Francesa, frases ditas por eles para contextualizar e fixar conteúdos”, “Partindo do conteúdo da Ditadura Militar, pedi que os alunos fotografassem situações do dia a dia, e associassem, a contextos ou frases relacionados a ditadura”, “Como atividade após o conteúdo” e “Usei para exemplificar os pensamentos dos filósofos iluministas, uma vez que, decorar todos é difícil, então talvez com o meme ele lembrariam mais fácil”.*

É cabível concluir que os memes foram usados por serem uma narrativa que didaticamente é capaz de sintetizar, como uma narrativa abreviada, a compreensão histórica do aluno, relacionando, em graus diferenciados, o seu imaginário histórico ao aprendizado de sala de aula, e permitindo ao professor avaliar a complexidade desse aprendizado. Seja verificando a aprendizagem após uma sequência de temas, como revisão do conteúdo trabalhado, para lembrar de características/sujeitos de determinados processos históricos, como atividade de fixação, demonstrando aprofundamento de reflexões ou problematizações.

O uso do meme como uma narrativa síntese permite concluir que o professor intentou realizar uma verificação da aprendizagem sem exigir do aluno a elaboração de narrativas escritas. Apesar de considerar que o desenvolvimento da escrita é função importante de todos os docentes no ensino fundamental, muitas vezes a avaliação da aprendizagem histórica é

dificultada por problemas recorrentes na alfabetização significativa de muitos dos alunos da escola básica brasileira. Como nos diz Rocha (2010, p. 129):

Aprender história não só requisita o conhecimento prévio da leitura e da escrita, mas requisita o domínio da leitura, da escrita e da narrativa histórica, como forma de organizar o discurso sobre o tempo. Seu ensino pressupõe a existência de uma comunidade de escrita na qual o aluno deverá se inserir, com a colaboração do professor. Ou seja, para que o aluno compreenda a escrita da história, ele também precisa aprender a ler e escrever história, não como historiador, mas inserindo-se na lógica da racionalidade da escrita histórica escolar.

Discutindo a origem ocidental europeia dessa racionalidade, a referida autora nos lembra que:

(...) isso não significa que não existam outras formas de organizar esse real, ou seja, outras formas de ser racional e conhecer, mesmo que não hegemônicas, que dialogam mais ou menos com a racionalidade da escrita. A pretensão de acesso universal à escrita pela alfabetização e ao conhecimento estruturado pela escrita pressupõe a universalidade da racionalidade da escrita. Mas uma parte relevante de nossos alunos, por conta de sua trajetória social antes e depois da escola, ainda não transita no mundo da escrita de forma adequada à continuação dos estudos no Ensino Fundamental. Eles não conseguiriam aprender os conhecimentos das diferentes áreas de saber por que não sabem ler e escrever? (ROCHA, 2010, p. 129).

A pergunta feita por Rocha (2010) dialoga com a reflexão desenvolvida por Rüsen (2001), quando debate acerca da constituição do sentido histórico por meio da narrativa. Para ele, pensar historicamente é uma prática cotidiana que está muito além da produção científica de conhecimento histórico. É um processo de interpretação do tempo vivido que se realiza na vida prática. Está na comunicação diária, em formato de fragmentos de memórias e de histórias, “de símbolos cujo sentido só transparece na narrativa” (RÜSEN, 2001, p. 160).

Algumas respostas permitem aludir ao conceito de imaginação histórica, mesmo que de forma indireta ou inconsciente. Como categoria teórica, essa noção permite ao historiador/professor identificar no meme, por exemplo, uma linguagem que pode ser apreendida/avaliada; ou seja, pode ser portadora de uma narrativa que dialoga com o pensar historicamente, quando tenta buscar sentido no apreendido para a verdade histórica, trabalhando com a imaginação intrinsecamente relacionada a essa noção:

O conceito de imaginação histórica está associado ao que Collingwood intitula "critério da verdade histórica", ou seja, a ideia de que a história, sendo um tipo de conhecimento dedutivo daquilo que é transitório, não pode extrair certezas das fontes porque é a veracidade das afirmações da própria fonte que está em questão: "para o historiador não pode haver nunca fontes autorizadas, porque estas proferem um

veredicto que só ele pode lançar" (COLLINGWOOD, 1981, p. 294 apud ARRAIS, 2009, p. 3).

Nesse sentido, quando o professor diz que está solicitando ao aluno para construir uma narrativa memética como um exercício de fixação ou avaliação de algum conteúdo, mesmo que implicitamente, ele está buscando caminhos metodológicos para avaliar de que forma o aluno relaciona os saberes e sentidos constituídos em outros espaços, nesse caso, o midiático com a metódica exigida para a produção de sentido no conhecimento histórico escolar, expressando sua competência narrativa de uma forma diferente daquela que é a escrita, como o exemplo: *“A temática foi preconceito, racismo com aporte pedagógico nos memes. Após, debates, pesquisas, fóruns alguns alunos tomaram a iniciativa de fazer “memes” positivos contra o racismo, violência contra a mulher etc. O tema ficou livre”*.

Quinze por cento dos docentes, ou seja, 24 deles, relataram compreender e utilizar essas peças digitais como fontes históricas. Nas respostas, encontramos as seguintes afirmativas: *“No PIBID. Como forma de apresentar momentos históricos e relacioná-los a realidade do aluno”, “Foi utilizado para trabalhar o racismo com o 9º ano e posteriormente com os regimes totalitários na Europa”, “Expondo e debatendo”, “Para provocar a reflexão e contextualização da realidade” e “Utilizei como elemento disparador do conteúdo. Isso costuma causar muita curiosidade por parte dos alunos sobre o que irão estudar”*.

Intencionados em historicizar as peças digitais, os docentes questionaram, refletiram, debateram, analisaram com a finalidade de lembrar acontecimentos, processos, grupos sociais inseridos em uma perspectiva histórica. Sob essa ótica, é possível pensar que os memes inseridos nos processos de aprendizagem acima relatados foram tratados como fontes, pois, de fato, os professores almejavam compreender as relações do meme com o conhecimento histórico e, a partir dessa associação, desenvolver as devidas discussões.

A análise pretendida dialoga com a perspectiva de fonte histórica defendida por Barros (2019, p. 1), que a define como tudo aquilo que é “produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência” que possam propiciar um caminho significativo a entender o passado humano e seus respectivos desdobramentos do presente. Com essa reflexão, o autor considera que se o homem é capaz de gerar vestígios, resíduos ou registros de seu comportamento, como as suas atitudes ou ações do mundo social e natural podem ser compreendidas como fontes, então aquilo que é produzido no meio virtual também pode ser categorizado como fonte que deve ser analisada pelos historiadores, tais como as fontes tradicionais geradas pelos documentos registrados em papéis.

Geradas pela Internet, as fontes virtuais podem conduzir textos e imagens, e haverá um momento em que talvez se tornem aptas a conduzir informações que permitam a “impressão” de um objeto de três dimensões. Quando um site expõe virtualmente um texto, estamos diante da fonte virtual, mas também da fonte textual que a nós se apresenta e que, facilmente, poderia ser reconduzida às páginas de um livro impresso (BARROS, 2019, p. 15).

Constata-se, então, que, quando memes são tratados como fontes, é viável que estes estejam sendo vistos como peças produzidas por indivíduos em tempos e espaços diferentes, a fim de caracterizar uma determinada conjuntura histórica. Uma vez usados como fontes, os memes tornam-se capazes de flexibilizar, junto aos discentes, noções de temporalidades, abstrações, diferenciações e outros sentidos que o permitam compreender e significar a aprendizagem histórica.

As respostas atribuídas ao meme como uma estratégia lúdica de aprendizagem abrangeram 18 professores (11,25%). Dentre as propostas: *“Utilizo para diversificar a prova, deixar mais atrativa”, “Como uma maneira de me aproximar mais dos alunos, tornando a disciplina mais divertida.”, “Com fins de entretenimento”, “pra tornar lúdico um conteúdo complicado”, “ Utilizei como descontração do decorrer das aulas.”, “Para introduzir de forma lúdica, conceitos históricos”, “ Uma forma de explicar o conteúdo de forma descontraída”, “Uso para dar um toque de humor, expondo os memes em apresentações de slides, por exemplo” e “ Utilizei em slides para despertar interesse no tema abordado”.*

A partir das respostas, observa-se que estes professores compreendem o meme como uma estratégia lúdica de apresentar o conhecimento histórico ao aluno. Levanta-se a possibilidade, a partir dos depoimentos mencionados, que a escolha pelo uso dos memes nas aulas de História deu-se em especial pelo humor que ele é capaz de proporcionar.

A fim de compreender essa diversão presente na cultura da Internet, o artigo: *“É zoeira as dinâmicas culturais do humor brasileiro na Internet”*, publicado por Lunardi e Burgess (2020), aborda o humor como uma peça essencial da cultura popular brasileira e se apresenta como marca registrada dessa comunidade *on-line*, que é tão divergente da Internet global. Sob essa perspectiva, analisa que os *“brasileiros fazem graça de si mesmo, rindo de seus problemas como nação e enquanto comunidade virtual que vive na margem de uma Internet dominada pela cultura americana”*, de acordo com Lunardi e Burgess (2020, p. 428), gerando uma não compreensão por parte dos estrangeiros em relação a essa ironia.

O humor não é algo exclusivo do mundo virtual. Ele se faz presente nas relações políticas e sociais do Brasil há tempos e funciona como forma de protesto e de representação da identidade cultural. Sendo manifestado com o objetivo de amenizar as tensões coletivas

enfrentadas pela sociedade ou para subverter o poder das autoridades em um país hierarquizado e cheio de mazelas sociais, o humor expressou-se como uma ferramenta capaz de desabafar os anseios populares em diferentes momentos da ordem política brasileira.

Diante deste quadro, quase como uma evolução tecnológica destas manifestações, nos tempos atuais, temos o meme como símbolo da zoeira³³, ou seja, do brincar e fazer piada na Internet, que está presente nas mais variadas formas de diálogos, interações e criações resultantes da cultura digital. Por estas vias, acredita-se que os professores transgrediram o sentido tradicional do aprender escolar quando fizeram uso dos memes com a finalidade de descontrair, divertir e tornar lúdico esse processo. Eles desejavam também romper com uma visão padronizada de ensinar História - de forma repetitiva, exaustiva, que se costuma construir em torno das longas aulas expositivas organizadas na tentativa de aproveitar melhor o tempo escolar, partindo do princípio que potencializar o tempo de forma produtiva significaria dar prioridade a leitura, a exposição narrativa do professor e a resolução de exercícios para que o grupo se mantenha em silêncio (CAIMI, 2006).

Abro um espaço, nesta análise, para referenciar os sete professores que mencionaram o contexto do ensino remoto na pesquisa e sua respectiva relação com a utilização dos memes. O formulário ficou disponibilizado em um curto espaço de tempo, no período correspondente à pandemia do Covid19. Neste momento, o estado do Rio de Janeiro, em função de um decreto estadual, encontra-se no sistema de aulas remotas e, por isso, os professores estão tendo que ressignificar as suas práticas para atender às novas demandas das aulas *on-line*.

Diante disso, torna-se muito relevante para esta pesquisa refletir acerca das seguintes afirmativas quanto aos usos dos memes neste período remoto: *“Já apresentei à turma, como ironia ao assunto que estava sendo trabalhado no momento. Nesse momento de ensino remoto, já pedi pra que eles pesquisassem e explicassem memes sobre o conteúdo daquele momento”, “Utilizo comentando com a turma nas aulas. Agora a distância ainda mais!”*, *“Para ilustrar de forma caricata o momento político e a pandemia”, “Aprendi a usar por conta da pandemia. Tem alguns vídeos que consigo deixar o ritmo das vídeo aulas mais aceleradas e prender mais a atenção”, “Utilizei uma única vez. No retorno às aulas de maneira remota. Elaborei um trabalho onde trabalhei o eixo: Cidadania e identidade. E teve uma questão, perguntando aos*

³³ Para Lunardi e Burgess (2020), a Zoeira vem do verbo zoar e tem diversos significados, mas está relacionada ao ato de brincar ou fazer piada. Para os autores, este termo sintetiza de forma clara o comportamento particularmente brasileiro na Internet de retratar o seu país de forma grotesca e irônica. No seu artigo, os autores relacionam a palavra Zoeira com a primeira letra em maiúsculo para se referir ao humor tipicamente brasileiro na Internet, em especial os casos que os brasileiros fazem piadas sobre assuntos diários do Brasil e sobre a realidade do país que não deveriam ser engraçados, mas acabam virando piada na *web*.

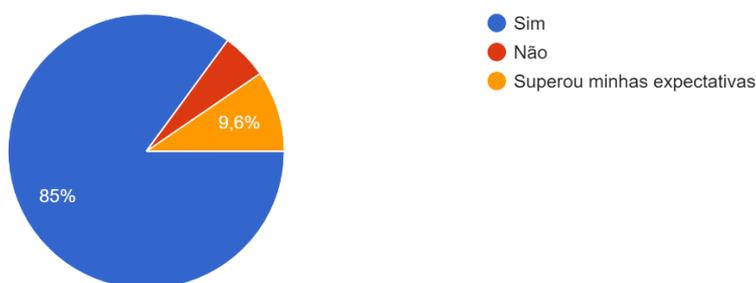
alunos como eles estavam se sentindo nesse momento da pandemia”, “Nesse período de pandemia, tenho utilizado os memes como imagens ilustrativas ou de reflexão nos slides que produzo para as aulas remotas” e “Solicitei aos alunos, durante as aulas remotas, que fizessem uma montagem de memes, onde pensadores iluministas ficassem surpresos ou criticassem situações políticas atuais”.

De acordo com os depoimentos, constata-se que as referências ao meme são provenientes de objetivos direcionados à nova configuração de aula remota. Por tratar-se de uma linguagem midiática, acredito que esses professores utilizaram-no como um recurso pedagógico capaz de dinamizar, motivar, ilustrar o processo de aprendizagem, a fim de minorar a falta do contato direto entre alunos e professores, o rompimento com códigos da cultura escolar internalizados nos corpos e mentes de professores e alunos e compreendidos como variáveis importantes na produção do conhecimento escolar.

Não cabe a esta pesquisa discutir a respeito da validade ou não do ensino remoto, mas vale refletir acerca dos memes como uma linguagem alegre e motivadora para esses tempos de ensino à distância. De fato, neste momento, nas minhas práticas em sala de aula, os memes estão permitindo a constituição de elos afetivos, além daqueles de aprendizagem, embora possam ser um enorme desafio. Os memes estão nos conectando através de sua narrativa para além das telas dos computadores em prol de promover muito mais do que conteúdos, mas sim afeto, força e sabedoria para impulsionar o corpo escolar a prosseguir mesmo diante de tantas dificuldades.

Gráfico 6 – Sua experiência foi positiva?

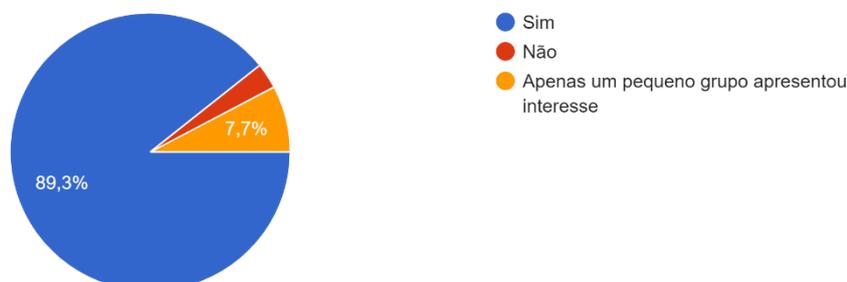
Sua experiência foi positiva?
167 respostas



Fonte: A autora, 2020.

Gráfico 7 – O retorno dos alunos foi positivo?

O retorno dos alunos foi positivo?
168 respostas



Fonte: A autora, 2020.

Os Gráficos seis e sete dialogam com a perspectiva dos professores quanto ao resultado da experiência, logo, serão agregados na mesma análise, visto que a opinião dos professores e a reação dos alunos diante das aulas de História com os usos dos memes se complementam.

Pelas respostas apresentadas, a maioria dos professores participantes consideram que a experiência didática de utilização dos memes foi positiva (167 - 85%) ou superou as expectativas (16 - 9,6%). Esse otimismo é corroborado, com certeza, na afirmativa majoritária de que o processo rendeu bons resultados (85%). Pelo que pôde ser avaliado em respostas anteriores, esse resultado tem que considerar a proximidade entre os memes e a proximidade dos alunos com a cultura midiática digital.

O percentual de 85% de bons resultados dialoga com a última parte do formulário, no qual foi oportunizado aos docentes escrever livremente sobre suas expectativas e reflexões sobre os usos dos memes em suas aulas. A partir dos relatos, observa-se que o modelo de aprendizagem com memes proporcionou, segundo os professores, aulas atrativas, facilitadoras, leves, incríveis, de linguagem fácil, estimulou o interesse e a curiosidade do alunado. Conclui-se, então, que associar a aprendizagem a estes estímulos é para os professores um resultado positivo, pois incentiva o interesse do grupo pela disciplina de História.

Aos docentes que informaram que suas expectativas foram superadas, especula-se que este sentimento esteja se referindo à desconfiança inicial dos professores quanto à reação dos alunos diante da utilização de uma linguagem de momentos tidos como de lazer para uma situação de aprendizagem. A partir de minhas práticas com as aulas-oficina, descritas no capítulo 3 desta pesquisa, considero, que ao apresentar aos alunos e responsáveis o projeto

Memes da História, alguns evidenciaram insegurança quanto aos usos das peças digitais, exatamente por tratar-se de um gênero textual informal dos meios digitais.

Partindo da ideia do meme como uma linguagem fruto da informalidade cotidiana, espera-se que este aluno, ao se deparar com estas produções imagéticas e textuais no seu ambiente escolar, construa uma relação de afetividade com as aulas de História, levando-o a demonstrar interesse pelo processo de aprendizagem, superando desta forma as expectativas dos professores, haja vista não ser este um comportamento muito comum entre os jovens. Contudo, frisa-se acerca da importância de se pensar a mediação necessária do professor na ressignificação da linguagem do momento de lazer, com objetivos, algumas vezes, destoantes daqueles do aprendizado escolar, conforme iremos discutir no capítulo 3 e na apresentação de nossa proposta de artefato cultural didático-escolar.

De certa maneira, os motivos discutidos acima podem explicar as nove respostas que relataram experiências negativas. É pertinente ponderar se os memes foram bem selecionados, se estes estavam de acordo com a competência narrativa da faixa etária do grupo, se foram contextualizados pela mediação docente e se os assuntos/questões referenciados nos memes utilizados dialogavam com a experiência dos próprios alunos, dentre outras questões.

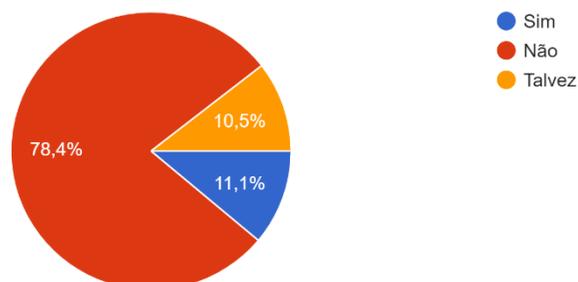
A resposta à questão 9: “O retorno dos alunos foi positivo?” direciona a um quantitativo bastante interessante, pois das 168 respostas, 150 (89.3%) docentes afirmaram que sim, enquanto apenas 5 (3%) disseram que não e 13 (7,7%) afirmaram que um pequeno grupo apresentou interesse. Estes resultados corroboram a ideia de que as aulas mais atrativas, divertidas, leves e de linguagem fácil, como mencionado pelos professores, também são consideradas pelos alunos como interessantes.

Ante os depoimentos: *“Os alunos assimilaram mais rapidamente o conteúdo, e acabaram me respondendo com mais memes. Por ser uma linguagem jovial, eles compreenderam o conteúdo de uma forma mais dinâmica e direta. O legal foi a devolutiva disso: “Eu vivi para ver a Profa. Paixão colocar memes em suas aulas”.* É possível concluir que, considerando as condições apresentadas nas análises anteriores, o aprendizado de história com a utilização dos memes pode ser ao mesmo tempo significativo e prazeroso.

Gráfico 8 – Obteve alguma experiência negativa com memes em suas aulas?

Obteve alguma experiência negativa com memes em suas aulas? Casos relacionados a memes pejorativos, preconceituosos ou machistas?

171 respostas



Fonte: A autora, 2020.

Finalizando as questões objetivas, o Gráfico 8 apresenta o quantitativo da seguinte afirmativa: “Obteve alguma experiência negativa com memes em suas aulas? Casos relacionados a memes pejorativos, preconceituosos ou machistas?” Este questionamento foi elaborado com o objetivo de verificar junto aos docentes experiências negativas com memes que possam ter destoado dos objetivos definidos pela aprendizagem escolar de história. O resultado aponta que das 171 respostas, 134 (78,4%) afirmaram que não apresentaram problemas, enquanto 19 (11,1%) disseram que sim e 18 (10,5%) afirmaram talvez.

Diante dos dados recolhidos, torna-se possível concluir que o percentual significativo de respostas indicando que não houve problemas desse tipo na utilização didática dos memes, em um contexto político e social caracterizado por tantas *Fake News*, conservadorismos e fundamentalismos negacionistas, permite que pensemos um planejamento mais apurado do docente em relação à escolha do material midiático utilizado e/ou uma preocupação com a produção de significados para o ensino de história escolar que leve a uma criteriosa crítica e interpretação desses materiais a partir das ferramentas didáticas, considerando o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos.

A outra parcela de docentes (21,6%), que respondeu de forma afirmativa ou com um talvez, apesar de minoritária é relevante, pois reforça a necessidade de um planejamento pedagógico antes da aplicabilidade dessas peças digitais, a fim de evitar maiores problemas com os alunos e responsáveis. Como os memes carregam um código imagético e textual que necessita ser decodificado para ser compreendido, espera-se que o professor saiba articular os seus objetivos pedagógicos à realidade do seu grupo escolar com o propósito de evitar possíveis

juulgamentos políticos, sociais e ideológicos por parte dos responsáveis ou até da gestão escolar. Em tempos de censura à educação, estimulado pelo atual governo federal, pais de alunos, em especial nas escolas privadas, estão em observação constante ao professor de História. Por esses motivos, que serão melhor descritos no capítulo 3, a partir das experiências obtidas com a prática das aulas-oficina, fez-se necessário construir uma rede de convencimento e, para tal, um planejamento organizado, que considere os objetivos da disciplina escolar e interprete de forma positiva as possibilidades de um trabalho autônomo e responsável, deve ser prioridade.

Foi aberto um espaço de resposta optativa, na parte final do formulário, para o professor escrever livremente a respeito de suas experiências, relatando sobre resultados positivos, negativos e outras reflexões. Destaco alguns relatos positivos quanto aos resultados alcançados, ao se desenvolver atividades com memes no ensino de história.

Para uma melhor organização das respostas, optei em agrupá-las dentro das perspectivas anteriormente já analisadas, com uma numeração para os professores, tendo em vista, o sigilo dos dados pessoais e a indicação de região administrativa (IBGE) de origem.

Cultura juvenil/ escolar

Professor 1/Região Sudeste - “Acredito que os memes são importantes ferramentas e facilitadores para as aulas de história e a apreensão do conhecimento. Tornam a aula mais leve, contribuindo para uma aula mais dinâmica e acessível para os alunos.”

Professor 2/Centro-Oeste - “No geral a resposta dos alunos é muito boa, mostram-se interessados e interagem mais durante a aula. Creio q a linguagem dos memes vai de encontro a rotina dos alunos, seu cotidiano e sua forma de expressão”.

Professor 3/ Nordeste - “Percebi que o trabalho com memes nos aproxima mais dos estudantes, tendo em vista serem, recursos usados por eles o tempo todo nas redes sociais. Isso facilita a aproximação com o que o professor que problematizar em sala de aula, na disciplina de História”.

Professor 4/Sudeste - “Foi uma experiência bastante positiva, no sentido de produzir interesse pela matéria”. “Os memes dinamizam a atividade. Em certa ocasião, produzi um meme usando a participação de um dos alunos da turma e foi gratificante!”.

Professor 5/Sul- “Minha experiência foi excelente e para os alunos foi algo diferente, algo que não esperavam, ficaram surpresos, mas de uma forma muito boa. Porque meme é algo que faz parte do cotidiano deles e uso dos memes aproxima os conteúdos da realidade dos alunos”.

Proximidade afetiva na pandemia do Covid19/Ensino remoto

Professor 6/Sudeste - “No caso citado sobre o momento do ensino remoto, foi uma das atividades que teve maior retorno.”

(continuação)

Professor 7/Nordeste - “Principalmente nesse período de pandemia, sinto que os memes ajudam a deixar o material/slide mais divertido, além de reforçar a compreensão dos conteúdos que estão sendo expostos. Percebi que fazer um material mais colorido, com fontes mais informais e meme deixa o clima da aula mais divertido, e os alunos mais interessados na disciplina. Outra utilização que deu um retorno positivo, foi utilizar alguns memes nas provas e trabalhos devolvidos, tanto parabenizando quanto incentivando em casos de resultados não satisfatório. Os alunos adoraram a coisa do professor falar a linguagem deles, e se esforçam pra ganhar uma figurinha 10/10. Porém sinto alguma resistência por parte da direção e de alguns pais com relação a uma postura mais humorística com os alunos, mesmo quando a utilização das figurinhas não traduz uma diminuição do aluno e eles não existem problemas na relação aluno-professor. Pois o público mais velho espera do docente uma postura de seriedade e quase autoritarismo. Com os alunos é possível até dar um puxão de orelha sem mal estar, não sinto que eles ficam desconfortáveis com o professor zoeiro, ao contrário. Eles fotografavam e divulgavam em suas redes sociais, empolgados”.

Imaginação histórica

Professor 8/ Sudeste - “Acredito que os memes sejam a linguagem (sic) midiáticas atuais, já que os discentes atuam nas redes sociais. Explorar essa leitura digital é incrível, pois através dela, pode tornar as aulas mais atrativas”.

Professor 9/Sudeste - “Os memes também se enquadram em recursos lúdicos, sendo eles importantes vetores para despertar mais interesse e prazer em aprender e entender os processos históricos.”

Professor 10/Sudeste - “Após estudarmos e criarmos os memes construímos um painel imitando uma página do *Facebook*. Todos os alunos que transitavam liam e analisavam os memes. Ficou engraçado, gerou muitas risadas e assim pudemos trabalhar conceitos de História e sociedade assim como habilidades e competências de linguagens principalmente a crítica social e síntese de texto.”

Letramento digital

Professor 11/Centro-Oeste - “Percebi que eles tinham muita dificuldade com ferramentas tecnológicas. Insisti no trabalho e em 2017 fiquei em terceiro lugar do Prêmio Professores do Brasil no DF com essa prática”.

Através dos relatos apontados, torna-se conclusivo que as experiências com memes no ensino de história podem tornar as aulas mais significativas para o aluno, haja vista, as suas inúmeras vantagens, tais como propiciar uma aula divertida, leve, interessante, facilitadora, seja por estar mais próxima a realidade do aluno, pela curiosidade ou pelo interesse que os memes despertam. Quando há uma transposição didática dessa linguagem para o ambiente do aprendizado escolar de história, o meme pode estimular diversas práticas pedagógicas que busquem dar sentido ao aprender História na escola e, ao mesmo tempo, auxilie o letramento

mediático desses alunos que poderão levar a experiência para suas leituras e interpretações das peças na *web*.

No momento em que utilizamos o conceito de transposição didática para explicar nossa posição quanto à utilização da linguagem memética no aprendizado escolar de história, buscamos pensar a importância de garantir a manutenção da capacidade de atrair, aproximar, encantar os jovens leitores digitais que esta linguagem originalmente carrega, mas, ao mesmo tempo, realizar por meio dessa didatização a transformação necessária para o aprendizado escolar. Estamos dialogando com Anhorn (2012), que utilizando Chevallard (1991), afirma:

Interessa-me refletir sobre esse processo, como nos instiga Yves Chevallard quando sugere pensar a ideia de transposição como a ação de transpor um saber, no sentido quase musical do termo – fazer passar (uma forma musical) para outro tom sem alterá-lo e não no sentido de ‘transferir’ ou de ‘transmitir’. O termo transposição ... garante, dessa forma, um grande problema, indefinidamente aberto: como ‘fazer passar’ em outro ‘tom institucional’, sem alterar? Ou, pelo menos, sem alterar em demasia, controlando as alterações necessariamente impressas? (CHEVALLARD, 1991, apud ANHORN, 2012, p. 189).

A inserção de novas ferramentas que emanam dos avanços tecnológicos e midiáticos, como os memes, demonstrou ser uma ferramenta importante, não só na construção do conhecimento histórico escolar, respeitando-se a metódica singular do ensino de história, mas também na construção de empatia e de envolvimento cognitivo e afetivo dos alunos, dimensões fundamentais desse processo.

A reflexão acerca da importância de se considerar essas duas dimensões para se pensar o aprendizado significativo de história vai ao encontro das propostas sugeridas por Morán (2015) com relação aos modelos inovadores disciplinares que são atrativos para os alunos. Para o autor,

Professores na sua disciplina podem organizar com os alunos no mínimo um projeto importante na sua disciplina, que integre os principais assuntos da matéria e que utilize pesquisa, entrevistas, narrativas, jogos como parte importante do processo. É importante que os projetos estejam ligados à vida dos alunos, às suas motivações profundas, que o professor saiba gerenciar essas atividades, envolvendo-os, negociando com eles as melhores formas de realizar o projeto, valorizando cada etapa e principalmente a apresentação e a publicação em um lugar virtual visível do ambiente virtual para além do grupo e da classe (MORÁN, 2015, p. 22).

Este outro bloco de comentários, apresentado no campo de resposta optativa do formulário de pesquisa, reitera a importância do processo de transposição didática, da forma como nos apropriamos do conceito acima. As respostas selecionadas confirmam a necessidade do cuidado ao escolher os textos que serão trazidos para o ambiente escolar, uma vez que não é todo e qualquer meme que poderá ser levado à sala de aula para ser analisado com fins

pedagógicos. É necessário que o professor esteja ciente acerca de suas intenções para que os objetivos do que definimos como aprendizagem histórica significativa se desenvolvam entre os alunos.

Professor 12/Sudeste - “É fundamental que o professor tenha conhecimento consolidado sobre a forma de produção do meme e a qual fato/contexto histórico ele se refere. Pois, tive problema no sentido dos alunos se confundirem e concluírem que o próprio meme seja o relato do fato. O fato em si. Assim, o professor deve ter esse arcabouço de conhecimento para não cair uma armadilha criada por ele mesmo”.

Professor 13/Sudeste - “Eu mostrei em sala de aula, porém não foi uma boa experiência pois os alunos não acharam engraçado e acabei ficando insegura em usar novamente”.

Professor 14/Nordeste - “Alguns alunos, postaram memes de submissão da mulher, machismo. Houve certo desconforto no grupo. Exigiu um novo trabalho que chamamos de Herança Social e o que aprendemos em casa. Duas SEMANAS de debate para tentar criar novas abordagens”.

Professor 15/Sudeste - “Próximo ao dia da consciência negra, o aluno pegou uma foto antiga de um menino montada em uma menina negra, e fez um comentário racista”.

Para que isto ocorra, não basta apenas oferecer memes com narrativas históricas aos alunos, é necessário ressignificar seus conteúdos tendo em mente a perspectiva da formação do pensamento histórico. Ante a esta proposta, é necessário mostrar aos alunos que para qualquer informação, ideia ou dado apresentado em um meme deve ser levado em consideração o contexto em que foi produzido, assim como os possíveis vínculos políticos e sociais imbuídos nos sujeitos que o produziram e o compartilharam. Para Cerri (2011, p. 61), “pensar historicamente é a capacidade de beneficiar-se das características do raciocínio da ciência histórica para pensar a vida prática”.

A partir de Cainelli (2010), diante de um cenário como este, a aprendizagem ocorre quando o professor olha para os conteúdos postos além dos livros e pela historiografia, ou seja, quando ele constrói hipóteses, diálogos com os sujeitos em tempos e espaços diferentes e discute evidências. Por isto, para realizar o letramento dos alunos nesse processo não basta deixá-los ler superficialmente o meme, é preciso levar a leitura para além das imagens e das narrativas apresentadas de forma explícita.

A amplitude do ciberespaço é algo não mensurável, logo, um meme pode ascender rapidamente se muito compartilhado e com isto ecoar muitas vezes imbuídas de narrativas simplistas, negacionistas ou racistas não respeitando o cuidado com a produção de sentido histórico que gostaríamos de trabalhar com o aluno e, portanto, não acarretando a aprendizagem histórica significativa. Para que ela ocorra, Schmidt (2017) menciona três dimensões fundamentais constitutivas desse processo: a necessidade de o que está sendo apreendido tenha

sentido para o aprendiz (interpretação), que haja articulação com as mudanças temporais (orientação) e a inserção dos objetivos de vida do sujeito no fluxo do tempo (motivação).

Deste modo, reforça-se a pertinência de nossa proposta de organização de um guia rápido e didático para utilização dos memes no ambiente escolar de aprendizagem. Compreendemos que a reflexão de nossa experiência pode ajudar a outros professores a pensarem a sua prática e os inspirarem à utilização do meme no ensino de história. Nosso objetivo não é o de apontar uma metodologia única de como trabalhar memes nas aulas de História, mas sim refletir acerca das inúmeras possibilidades de aprendizagens que este recurso possibilita alcançar.

3 MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA: AULAS-OFICINA

3.1 Trajetória da pesquisa

Como professora de História da rede pública e privada de ensino do estado do Rio de Janeiro, especificamente, da Baixada Fluminense, confrontavam-me muitas inquietações e indagações a respeito da minha prática pedagógica, em virtude das diversas demandas que surgiam no dia a dia da minha sala de aula. A carência por reflexões a respeito do como ensinar História de forma significativa sempre esteve presente em minha trajetória profissional, impulsionada pela minha formação acadêmica que priorizava disciplinas do curso de bacharelado e pela alta carga horária de trabalho, que me dificultava conhecer os recentes estudos sobre o campo do Ensino de História.

Movida por esta carência e ciente das mudanças que poderiam ser feitas, ingressei em um curso de especialização nesta área pela UFRJ, no ano de 2016, na intenção de me ressignificar enquanto docente. Empolgada com as pequenas transformações que se fizeram presentes nas minhas aulas, participei da seleção para o ProfHistória/UERJ no ano de 2018.

Após leituras, debates e discussões oportunizadas ao longo do curso, percebi que grande parte das minhas angústias era proveniente da necessidade em transformar o tempo escolar em tempo produtivo, seja tentando cumprir todo o programa curricular de História ou sistematizando as aulas no quadro a partir das orientações do livro didático, gerando, então, um grande vazio de significados na aprendizagem dos alunos.

Apesar de trabalhar em mais de uma instituição de ensino, meu olhar para a Escola X, instituição em que trabalho há 13 anos como professora de História das turmas do Ensino Fundamental II, foi mais acentuado, em virtude da organização do programa curricular de História voltado para uma perspectiva tradicional, invisibilizado por outras áreas de conhecimentos e das constantes interferências dos pais e da direção escolar no planejamento dos projetos e das aulas. Eu não conseguia compreender essa ausência de autonomia docente e buscava respostas para todas as questões que eram postas ao longo dos anos letivos, mas não encontrava, haja vista os fortes elementos da cultura escolar que interferiam diretamente na construção de sentido para tudo que era trabalhado em sala de aula.

A partir desse cenário, que será melhor retratado na subseção deste capítulo, com a perspectiva de promover mudanças e oportunizar um conhecimento histórico de qualidade capaz de gerar sujeitos que “posicionam-se criticamente com bases em princípios éticos,

democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (BNCC, p. 402), fez-se necessário criar experiências didáticas visando à aprendizagem escolar a fim de oportunizar aos alunos um ensino de história mais significativo.

Por estas razões e por reconhecer nos memes uma enorme potencialidade para a aprendizagem histórica de sentido, motivei o meu grupo de alunos desta instituição a participar de propostas de trabalhos com essa linguagem midiática, abrindo espaços para narrativas históricas que circulam para além dos muros da escola e que dialogam diretamente com a identidade juvenil. Com este propósito, apresentar à comunidade educativa de uma escola da Baixada Fluminense a ideia de que os memes, além de divertir, também podem ser recursos capazes de promover uma aprendizagem histórica capaz de provocar o debate, a negociação e uma maior complexificação das formas de se atribuir sentido à noção de história carregada pelos alunos, tornou-se um grande desafio, tendo em vista a cultura escolar que envolve esta instituição.

O projeto *Memes no Ensino de História* foi construído em diálogo com o arcabouço teórico apresentado nesta pesquisa, nos capítulos 1 e 2, e foi desenvolvido com as turmas do Ensino Fundamental II, especificamente, com os 6º e 8º anos, durante os anos de 2019 e 2020.

Neste capítulo, será apresentado o planejamento do projeto, ou seja, a forma como ele foi pensado e concretizado, os elementos da cultura escolar que me motivaram optar por esta instituição e as experiências com as aulas-oficina.

Pretendo também, no apêndice desta etapa, a partir das aulas-oficina experienciadas, apresentar o produto desta pesquisa, que consiste na organização de dicas, a partir de três propostas de atividades realizadas com memes nas aulas de História no ano de 2020. Com um formato de guia rápido, na versão eletrônica, destinado a professores que almejam diversificar suas aulas e interagir com a nova linguagem digital (APÊNDICE A). Espero que este guia seja um instrumento de reflexão eficiente, pois foi organizado na perspectiva de propagar que é possível construir uma aprendizagem significativa de história na escola, mesmo nesses tempos de Era digital, se a opção for sempre incorporar reflexões e práticas que problematizem nossas práticas e objetivos e incluam a perspectiva de ser motor para a ação na vida prática de nossos alunos.

3.2 Planejamento do projeto

Desde que ingressei no ProfHistória já tinha como objetivo desenvolver um projeto que relacionasse os memes ao ensino de história. Essa vontade se acentuou quando conversei com

os alunos a respeito da linguagem memética no cotidiano deles e a reação foi muito positiva e, de fato, bem empolgante, levando-me a concluir que era possível construir um planejamento de aulas-oficina com memes associado à participação dos estudantes com o objetivo de promover a aprendizagem histórico escolar a partir da capacidade narrativa – produtora de sentido – dessa linguagem.

O projeto começou a ser pensando ainda no ano letivo de 2019, sendo introduzido de forma gradativa, e ganhou força no ano de 2020. Como demonstra o Quadro 2 abaixo, ele foi organizado em duas grandes etapas: 1) Diálogos da linguagem memética com o ensino de história, a partir do desenvolvimento de algumas atividades; 2) Organização e prática das aulas-oficina.

Quadro 2 – Planejamento das propostas didático-históricas

	Período	Experiências visando à aprendizagem histórico escolar	Carga Horária
1º etapa	Ano de 2019	Diálogos com a linguagem memética a partir de atividades	Um semestre
2º etapa	Ano de 2020	Aulas-oficina	Dois semestres

Fonte: A autora, 2020.

Foi desenvolvido com os grupos do 6º e 8º anos por tratar-se das turmas que lecionei no ano de 2019 e 2020 nesta instituição. Com quatro turmas, duas de cada uma das séries, e com uma média de 25 alunos por turma, o projeto envolveu em torno de 100 alunos.

A primeira etapa das experiências didáticas foi programada para ser realizada no segundo semestre do ano letivo de 2019, durante os meses de agosto a novembro. Organizada em três momentos: 1) Diálogos com memes da Internet no decorrer das aulas; 2) Visita à exposição do #MUSEUdeMEMES no Museu da República, ou Palácio do Catete, no Rio de Janeiro; 3) Oficina do #MUSEUdeMEMES na escola. Ressalta-se que as três etapas ocorreram simultaneamente ao longo dos quatro meses pré-estabelecidos. A duração de cada momento foi baseada na contagem do tempo escolar, sendo, portanto, um tempo de aula, o equivalente a cinquenta minutos. Os objetivos de cada atividade estão organizados no quadro resumo de cada etapa (Quadro 3).

Quadro 3 – Planejamento das propostas didático-históricas/2019

ANO 2019	Proposta didático-histórica	Objetivos	Carga Horária
1º momento	Visita pedagógica à exposição do #MuseudeMemes	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunizar os alunos a conhecerem a exposição organizada por pesquisadores do #MUSEUdeMEMES da Universidade Federal Fluminense e do Museu da República. • Refletir acerca da influência que os memes políticos exercem na sociedade contemporânea. • Aprender a analisar os diversos códigos de linguagens que compõem um meme. • Contextualizar os discursos políticos inseridos nas narrativas constituídas pelos memes. 	5 h/a
2º momento	Oficina do #MuseudeMemes na escola	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar de forma lúdica a leitura das narrativas meméticas. • Conscientizar os alunos dos perigos do compartilhamento de memes negacionistas, racistas e homofóbicos. • Conhecer a pesquisa acadêmica que é desenvolvida pelo #MUSEUdeMEMES. • Promover uma conscientização acerca dos cuidados que se precisa ter ao realizar a leitura dos códigos imagéticos e textuais que um meme apresenta. • Elaboração de memes com orientação dos integrantes do <i>web</i> museu. 	3h/a
3º momento	Leitura interpretativa de memes com temáticas históricas utilizados em atividades escolares	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a aprendizagem histórica a partir da leitura das múltiplas narrativas que estão contidas em uma peça digital. • Analisar, utilizando passos do fazer historiográfico, discursos inseridos na linguagem memética. • Exercitar de forma coletiva a produção de narrativas históricas escolares por meio de memes – transposição das narrativas públicas em narrativas escolares • Incentivar a utilização da imaginação histórica através das narrativas meméticas. • Tornar a aula mais atrativa e significativa para o estudante. 	8h/a

Fonte: A autora, 2020.

A segunda etapa foi planejada para o ano de 2020, especificamente para os meses de abril, maio, junho, agosto e setembro, seguindo o cronograma do calendário escolar e respeitando o período de avaliações, projetos e recesso pré-estabelecidos pela instituição. Com uma programação de organização em aulas-oficina, pensava-se em estruturar cada experiência

didática de aprendizagem em associação com os conteúdos estabelecidos pelo programa curricular de História, que apresenta como apoio o livro didático.

Porém, em função da pandemia do Covid19 que atingiu o país, o ano letivo de 2020 precisou ser readaptado, devido às exigências de distanciamento social exigidas pelo Ministério da Saúde. Em curto período, passou-se do espaço físico das aulas para dentro das telas dos computadores, ou melhor, do barulho das salas agitadas para o silêncio das telas, provocando mudanças radicais em nosso planejamento, em nosso cotidiano e nas relações afetivas aluno/professor. Foi, ou melhor, está sendo um longo período de adaptação, de descobertas, de aprendizagens, de erros e acertos.

Todos os que fazem parte desse universo escolar – alunos, responsáveis, direção, coordenação, funcionários – precisaram se ressignificar para atender às novas exigências de um processo educacional em tempos de pandemia. Neste cenário, em formato remoto, o projeto *Memes no Ensino de História* precisou ser reconfigurado com a finalidade de dialogar com o Ensino de História, não necessariamente pelo conteúdo estabelecido no programa curricular, mas passou a ser pensado a partir de uma perspectiva ampliada do que definiria uma literacia histórica, ou seja, projetado para estimular o aluno a “abrir novas portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo” (CERRI, 2010, p. 270), criando identidades para pensar a si e ao outro.

Posta essa nova conjuntura, as experiências de aprendizagem foram reestruturadas em três aulas-oficina envolvendo problematizações relacionadas para além do conteúdo curricular de História. Afinal, o que é ensinar História em tempos de pandemia? Como atender aos objetivos do planejamento didático elaborado no mês de fevereiro, se a escola presencial deixou de ser possível?

Em virtude desta nova realidade, a partir dos recursos disponíveis das aulas *on-line* e das novas exigências que foram surgindo com o ensino remoto, as atividades didático-históricas tiveram que levar em consideração as dificuldades que os alunos estão enfrentando para se adaptar a esse novo modelo de ensino. Nesse sentido, os temas explorados foram pensados com o objetivo de potencializar elementos que devem estar presentes na competência narrativa dos alunos (empatia, respeito a alteridade, identidade comprometida com a complexidade das relações humanas no tempo), compreendendo como eles percebem a passagem do tempo e como eles interpretam e atribuem sentido ao que está acontecendo com o mundo em um momento de pandemia. De forma sintética, pode-se afirmar que nossos objetivos com as atividades propostas foram explorar muito mais o aprendizado de conceitos epistemológicos do que o conteúdo da disciplina propriamente dito (conceitos substantivos).

Tal como propõe Cerri (2010), entende-se que as propostas didático-pedagógicas possam contribuir para a compreensão da realidade e da identidade do outro e não apenas de si na intenção de promover uma identidade razoável para se evitar comportamentos excludentes e visões etnocêntricas, tendo em vista que a tecnologia/modernização, principalmente neste momento que o uso da Internet está sendo muito intenso pelos jovens, tem provocado o convívio multicultural de diferentes comunidades.

Por estas razões, as aulas-oficina foram divididas em três propostas: 1) Memes contam histórias? Coronavírus: O presente por meio dos memes; 2) Varal de memes; 3) Memes em ambientes colaborativos (Quadro 4). Como já dito, todas as propostas foram planejadas para serem colocadas em prática com os grupos do 6º e 8º anos por tratar-se das turmas que estiveram sob minha responsabilidade neste ano letivo de 2020.

Quadro 4 – Planejamento das propostas didático-históricas/2020

Ano 2020	Aulas-Oficinas	Objetivos	Carga Horária
Proposta 1	Memes contam histórias? Coronavírus: o presente por meio dos memes.	<ul style="list-style-type: none"> Estimular os alunos a contarem suas histórias através dos memes, relacionando reflexão sobre o presente com a produção de narrativas capazes de documentar e registrar as memórias individuais. Criar memes que envolvam narrativas que sejam significadas para a compreensão de si e do outro. Produzir memórias do tempo presente e divulgá-las nas redes sociais. Dar significado prático ao aprendizado histórico a partir da vida do aprendiz. Estimular o desenvolvimento do pensamento histórico para construir sujeitos capazes de criticidade diante de informações, ideias, dados e imagens. 	4h/a
Proposta 2	Varal de memes	<ul style="list-style-type: none"> Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017). Estimular uma escrita da História escolar através dos memes que seja capaz de dar complexidade a consciência histórica dos alunos. Construir narrativas meméticas que tenham a finalidade de incentivar a adesão à campanha de proteção aos povos indígenas. Incentivar a promoção de identidades com maior autonomia e evitar identidades não razoáveis. 	4h/a

Proposta 3	Memes em ambientes colaborativos	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar de forma lúdica a leitura das narrativas meméticas. • Incentivar os alunos a aprender, colaborar e participar ativamente de novos ambientes digitais. • Desenvolver o pensamento histórico dos alunos a partir da leitura dos memes. • Promover um aprendizado histórico significativo que sirva como ferramenta da orientação na vida prática e formação de identidade. • Desenvolver o letramento histórico dos alunos 	2h/a
------------	----------------------------------	---	------

Fonte: A autora, 2020.

Esse projeto para ser colocado em prática precisou da autorização da direção escolar, tendo em vista alguns elementos da cultura escolar que interferem diretamente na ação docente. Estes elementos serão analisados na próxima seção, juntamente com as propostas pensadas para ambientar os pais, os alunos e a direção escolar com a finalidade de apresentá-los a seriedade acadêmica que existe dentro da proposta dos usos dos memes no Ensino de História.

3.3 A cultura escolar

O projeto didático-escolar aqui apresentado foi realizado em uma instituição escolar privada, que nesta pesquisa receberá a denominação, como já informado anteriormente, de Escola X³⁴, localizada no município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. O Município de Nova Iguaçu, como demonstra a Figura 2, está localizado na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro- RMRJ (criada conforme a Lei Estadual Complementar 158/2013³⁵), em uma sub-região denominada de Baixada Fluminense. Segundo dados da Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ), o Município de Nova Iguaçu apresenta uma população de 798.647 habitantes e um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de 21.078 reais, e, dentre os municípios do estado do Rio de Janeiro, apresenta-se como o quinto melhor município no setor de serviços. Sabe-se que o município de Nova Iguaçu, juntamente com o de Duque de Caxias, apenas esses dois dos treze que compõem a sub-região da Baixada Fluminense, encontram-se entre os cinco maiores PIBs da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (ABREU, 2000). Entretanto, Abreu (2000) destaca que a Baixada Fluminense caracteriza-se por ser uma região que apresenta uma

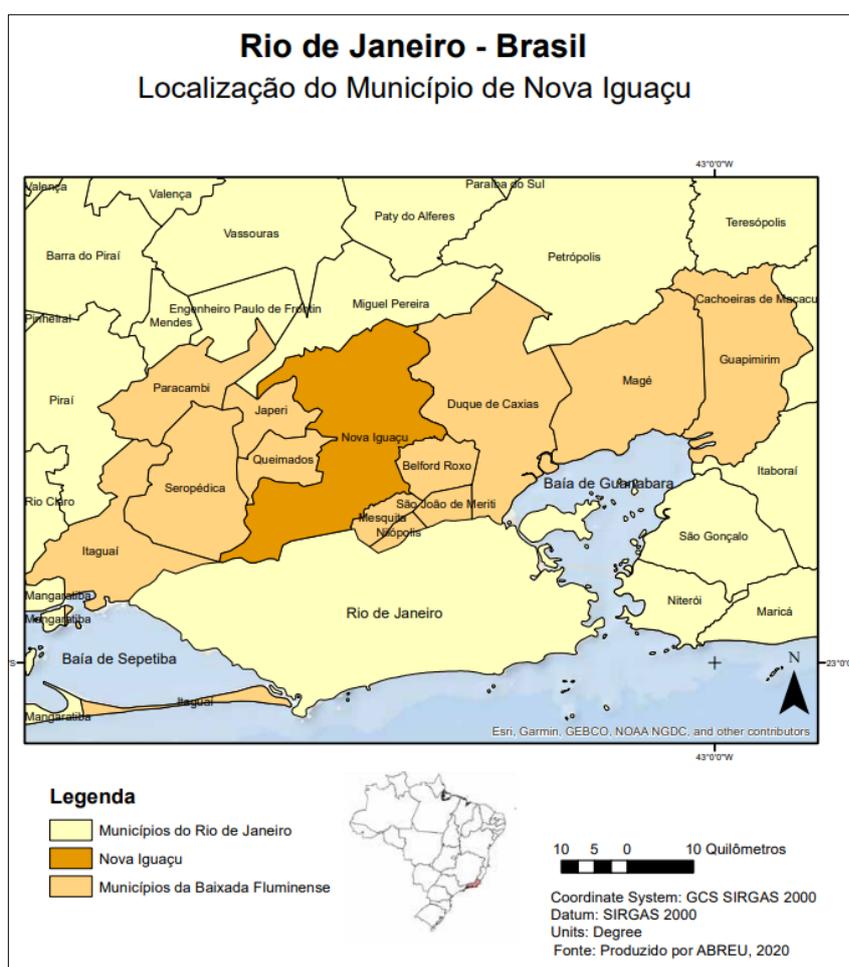
³⁴ Optou-se em não revelar o nome da instituição de ensino, tendo em vista, a necessidade de se preservar os sujeitos envolvidos no experimento.

³⁵ Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/573ad0b372ea8c96032564ff00629eae/5974f1e5b1f499483257cd000646480?OpenDocument>.

renda mensal baixa, evidenciando o pequeno poder aquisitivo restrito de sua população e o baixo nível de qualificação da mão de obra local.

Nosso objetivo, não é realizar uma análise profunda das características econômicas e sociais de Nova Iguaçu, apenas apontar alguns atributos do local em que a escola utilizada como base para esta dissertação está localizada e, desse modo, destacar que os aspectos sociais do município não se refletem na realidade do corpo discente da escola, pois, o valor elevado da mensalidade da instituição aponta para um ambiente formado por uma classe mais abastada³⁶.

Figura 2 – Localização do Município de Nova Iguaçu



Fonte: A autora, 2020

Mesmo em meio a essa realidade, a instituição destaca-se, desde a nova configuração do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM-2009), como o primeiro espaço de ensino da

³⁶ Pelas minhas experiências como professora de História há mais de quinze anos no município de Nova Iguaçu, entendo ser a escola X como um espaço que atende a um público economicamente mais privilegiado, tendo em vista, por exemplo, o valor da mensalidade quando comparado a outras instituições privadas da região e o grande capital cultural dos alunos adquirido em viagens internacionais e passeios culturais.

Baixada Fluminense no *ranking* das escolas privadas e, no que se refere aos concursos militares, o seu resultado também é bastante favorável com muitas aprovações. Por estas razões, a instituição agrega ao seu redor um grupo que lê a excelência da escola a partir dos resultados nos exames externos.

A Escola X atende a turmas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º ao 3º ano). Embora a escola não ofereça a educação infantil e o Fundamental I, os alunos do 6ª ano normalmente já se conhecem, pois provêm de sistemas educacionais comuns, em que já estabeleciam vínculos e compartilhavam a aprendizagem escolar. Com isso, é muito comum termos, por exemplo, duas turmas do 6º ano, em que parte do grupo das crianças já criou laços e afinidades em outros espaços escolares.

Outro aspecto relevante a ser informado é que, normalmente, os alunos mantêm-se na escola do 6º ano do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, não havendo aquela necessidade de rupturas ao término da etapa do Ensino Fundamental II. Isso se deve ao fato de que um dos maiores objetivos da escola é preparar o aluno para o ENEM, Vestibular Estadual da UERJ e para concursos militares. Nesse sentido, os grupos são bem divididos por área de interesse, os que desejam estudos de cunho militar frequentam as aulas à tarde e os vestibulandos cursam as aulas pela manhã, pois realizam seus simulados no contraturno. O grupo do 9º ano organiza-se na parte da tarde, por já ser uma introdução a uma turma especial, com horários específicos e ritmos bem acelerados de estudos, visando às provas de concursos, sejam elas referentes ao Ensino técnico ou para as áreas militares.

O foco desta pesquisa é o segmento do Ensino Fundamental II, especificamente as turmas do 6º e 8º anos, concentradas na parte da manhã. Ressalta-se que, no final do 3º bimestre, o grupo de alunos do 8º ano, incluindo aquele que participa do projeto *Memes no Ensino de História*, por critério da instituição escolar, é reagrupado. Aqueles alunos com as médias mais altas, após o Conselho de Classe, irão formar uma turma especial no contraturno, que será atendida pelos denominados “professores especiais”³⁷. Essa prática é esperada pela comunidade escolar, e a explicação pedagógica é que receberá uma melhor preparação para as etapas futuras dos concursos dos quais pretendem/podem participar. Isto explica o planejamento do projeto ter se estendido apenas até o mês de setembro deste ano.

Todavia, na prática, no ano de 2020, essa mudança de turma e turno não ocorreu, em função das dificuldades da escola, assim como dos pais e alunos de se adaptarem ao modelo

³⁷ Nomenclatura atribuída pela escola aos professores que trabalham com as turmas de concursos para admissão a outras instituições de ensino consideradas socialmente de excelência.

remoto de ensino. Em caráter de exceção, as duas turmas do 8º ano irão permanecer juntas até o término do ano letivo.

A escolha por essa instituição, para colocar em prática o projeto experimental, deu-se exatamente pela existência dessas práticas que compõem as tradições da escola e que me incomodavam muito. Embora eu tenha tido a oportunidade de escolher outros espaços escolares, nos quais eu teria mais autonomia para a realização do projeto, entendi que seria válido tentar dialogar com essa cultura escolar estabelecida há 30 anos, desde a fundação da escola até o presente momento. Como o projeto *Memes no Ensino de História*, apesar de um planejamento prévio, só foi ganhando forma a partir da participação e dos anseios dos alunos, foi possível flexibilizar determinados hábitos escolares e normativas do regimento interno.

O maior desafio em minha trajetória nesta escola foi conviver com a invisibilidade das disciplinas da área de Humanas, em detrimento de áreas de conhecimentos como a de Exatas e a de Linguagens. A organização da carga horária escolar para estas áreas do conhecimento é representada por um número maior de horas aulas semanais. A explicação dada é a de que os alunos apresentam maiores dificuldades em disciplinas dessas últimas áreas.

Por tratar-se de uma instituição de destaque na Baixada Fluminense, tendo em vista a quantidade de alunos seus aprovados em concursos militares ou nos vestibulares, a oferta de mais aulas de Língua Portuguesa, e de disciplinas consideradas “difíceis”, como Física e Matemática torna-se um atrativo de promoção perante os outros espaços escolares e as famílias que optam em custear valores mais elevados em prol desse programa curricular conteudista, todavia, atrativo para boa parte do público.

De fato, não é intenção desta pesquisa discutir programa curricular, nem tampouco hierarquizar áreas de conhecimento, mas transformar determinadas normas e práticas difundidas e perpetuadas por esse tipo de cultura escolar com a finalidade de apresentar a disciplina de História e a aprendizagem histórica escolar também como um elemento importante, tal como as demais áreas, para a formação integral do indivíduo.

Entende-se por cultura escolar,

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização (JÚLIA, 2001, p. 10).

Assim como para Forquín (apud SILVA, 2006, p. 205),

como sendo aquele conjunto de saberes que, uma vez organizado, didatizado, compõe a base de conhecimentos sobre a qual trabalham professores e alunos. E nessa ideia está pressuposta uma seleção prévia de elementos da cultura humana, científica ou popular, erudita ou de massas.

Posto isto, considerando que a cultura escolar abrange os sujeitos que compõem a escola – família, professores, gestores e alunos – assim como os discursos e modos de comunicação, a forma como a escola se organiza, o sistema educativo, as práticas de comportamento que se perpetuam por um longo tempo (SILVA, 2016), torna-se considerável analisar o comportamento de diferentes sujeitos dessa comunidade diante de sua organização curricular.

Entendida como uma disciplina de nível fácil, a disciplina escolar História, na perspectiva predominante da cultura ali estabelecida, para ser compreendida bastava ser memorizada a partir de questionários que punham em evidência fatos, heróis e datas. Estes valores se propagavam nas reuniões de Conselho de classe, na sala dos professores, e, inclusive, na sala de aula.

Por muito tempo me questioneei acerca destas práticas e perspectivas arcaicas do que seja ensinar e aprender História, e sempre que possível me posicionava ante a estes fortes elementos daquela cultura, mas a resistência era grande. Muitos alunos não consideravam importantes os projetos desenvolvidos ou as aulas planejadas por estarem imbuídos da mesma concepção que havia levado seus pais a matricularem-nos ali. Muitas famílias optaram por aquela escola, porque os pais, antigos alunos, ali estudaram e obtiveram carreiras de sucesso, diante disso, mudar não era necessário.

Apesar da resistência, tenho que considerar que os ecos das mudanças – seja na formação docente, alterações no processo de ensino-aprendizagem, seja nas experiências diversas das famílias – vêm forçando mudanças apesar das resistências. A História escolar nesse espaço educativo está se reconfigurando com o passar dos anos. Os resultados estão acontecendo gradativamente, como a extensão da carga horária das aulas de História, de dois tempos semanais para três, em especial para o 6º ano, abrindo maiores possibilidades de trabalho. Considero que a aprovação de meu projeto seja outro exemplo pertinente. Sua concretização vem possibilitando apresentar à comunidade educativa que o conhecimento histórico possibilita ao aluno abrir portas para a sua capacidade de pensar, definir e atribuir sentido ao tempo (CERRI, 2011), através do levantamento de evidências, hipótese e da construção de diálogos com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos (CAINELLI, 2010).

Outra questão importante que me desafiou a optar pela Escola X diz respeito à forma como alguns *gadgets* tecnológicos, como os celulares, são vistos como empecilho para o aprendizado escolar. A ordem da administração escolar é de que, ao iniciar a manhã de estudos, os estudantes guardem seus aparelhos eletrônicos em locais apropriados e, ao término das aulas, eles são devolvidos. Nesse sentido, para o desenvolvimento de qualquer atividade pedagógica realizada com o uso desses aparelhos ou mesmo da Internet, é necessária uma autorização da Direção para que os alunos possam circular com os aparelhos eletrônicos pelo espaço escolar. Assim, embora tenhamos um alunado que conhece e utiliza essas tecnologias, ele não pode portar celulares ou computadores nos espaços da escola, pois faz parte do regimento escolar.

Os alunos chegam à escola e guardam os seus aparelhos de celular na sala da coordenação, em um recipiente de plástico com vários saquinhos numerados, como apresenta a foto abaixo e recebem uma senha dessa numeração (Figura 3). Ao final da aula, retornam para pegar seus celulares. Ressalto que os professores também não podem manusear seus aparelhos, tendo em vista a relação de exemplo que estes devem dar aos alunos.

Figura 3 – Local de armazenamento dos celulares



Fonte: A autora, 2020.

A justificativa dessa prática é a de que essa atitude vinha em prol da preservação da aprendizagem, tendo em vista que a associação, escola, *web* e juventude, quando não bem direcionados, normalmente, acarretam problemas para a instituição de ensino. O que pode ser considerada uma prática de rigidez excessiva tem o apoio das famílias. Uma vez, consultando os pais dos alunos, observei que uma parcela considerável destes matricula seus filhos nessa instituição também pela rigorosidade do regimento escolar em relação aos aparelhos de celulares. O regimento, além de conter as normativas institucionais de cunho administrativo, contém também os códigos disciplinares, que a partir de um formato de cartilha é distribuído aos responsáveis no ato da matrícula. Caso o aluno esqueça de guardar o telefone e este toque na sala de aula, deve receber um protocolo de suspensão das aulas. O mesmo ocorre se houver o uso do aparelho em outros ambientes escolares sem permissão, o jovem também sofrerá punições.

Este elemento da cultura escolar é bastante forte e dialoga no caminho inverso da minha proposta de pesquisa, tendo em vista, que o projeto entende que os usos da *web*, em especial a linguagem memética, como potencializadora de várias práticas pedagógicas, pode contribuir para uma aprendizagem histórica significativa. Exatamente pensando em ressignificar essa prática cultural, implementar o projeto e obter resultados positivos a partir dele tornou-se um estímulo e não um problema.

Em função disso, para que fosse autorizado o desenvolvimento do projeto, que por sinal necessita de aparatos digitais, a coordenação foi comunicada a respeito dos objetivos com suas respectivas finalidades. Como sou professora desta escola há 13 anos, já existe certa credibilidade ao meu trabalho, por isso, por parte da Direção não encontrei resistência maior para realizar as atividades em minhas aulas. Convencida dos possíveis benefícios à aprendizagem, foi-me concedida uma exceção ao regimento quando fosse necessário o uso desses artefatos apenas para fins pedagógicos.

Contudo, o projeto ainda não tinha garantido a sua realização. Fez-se necessário ambientar os responsáveis dos alunos, além da direção escolar, quanto aos meus objetivos, em função de ser uma prática ainda não experienciada na escola e por ser considerada uma proposta que requereria cuidados em função das necessárias adaptações ao regimento escolar e à própria cultura da escola. Passo então a relatar quais as estratégias que utilizei junto às famílias em vistas de sua aprovação para o desenvolvimento do projeto.

Como o projeto já existe há pouco mais de um ano e meio e os grupos de alunos são heterogêneos ao longo deste período, optei por relatar, neste texto, separadamente o ano letivo de 2019 e o de 2020, em função das diferentes conjunturas nas quais se sucederam cada etapa.

No ano de 2019, a comunicação ocorreu a partir de bilhetes redigidos aos responsáveis com a finalidade de esclarecer os objetivos das propostas didático-históricas que seriam colocadas em prática. Na sequência do planejamento pretendido, primeiramente foi enviado uma comunicação da visita pedagógica ao Museu da República, ou Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Pretendia-se convidar as turmas do 6º e 8º anos a participarem da visita ao espaço cultural que estava sendo sede da exposição³⁸ “*A política dos memes e os memes da política*”, organizada por pesquisadores do projeto #MUSEUdeMEMES, da Universidade Federal Fluminense e do próprio Museu da República. Além de informações sobre o projeto e a exposição, o comunicado informava custos financeiros para que a visita ocorresse, assim como a programação dos horários de saída e retorno a escola.

Percebi uma forte adesão à proposta, tanto dos responsáveis, como dos alunos, mas tudo indica que este resultado tenha sido estimulado por um elemento externo. No mês de março, obtive a oportunidade de participar do programa “Salto para o Futuro”, da TV Escola, para compartilhar minhas experiências com memes no ensino de história escolar. O programa contou também com a participação de uma pesquisadora do #MUSEUdeMEMES, além dos apresentadores. O diálogo decorreu de maneira bastante informal em que cada participante apresentou suas reflexões sobre a utilização dos memes, tanto no âmbito social como no educacional. Acredito que essa minha participação no programa televisivo e a repercussão junto aos alunos e responsáveis tenham facilitado a aceitação do projeto. De certo modo, o resultado foi bem positivo, pois aumentou minha credibilidade junto aos discentes, aos responsáveis e junto à própria instituição escolar, despertando o interesse pelo tema para além do público de alunos.

Em um segundo momento, foi encaminhado para a residência dos estudantes um comunicado oficial da Direção, informando a minha proposta de receber a equipe do #MUSEUdeMEMES na escola para que desenvolvessem com as crianças uma oficina de aprendizagem sobre memes. A nota continha informações sobre o que é o Museu, explicitando o caráter de pesquisa da instituição, e a necessidade de custeio por parte dos responsáveis, por conta dos custos com o deslocamento dos membros da equipe do Museu. Todas as propostas e objetivos foram especificados neste comunicado, inclusive que a participação dos alunos produziria um certificado emitido pela Universidade Federal Fluminense (UFF), associado ao

³⁸ De acordo com o site do #MUSEUdeMEMES, a exposição foi resultado de um amplo processo de pesquisa pelo universo dos memes de Internet, no qual buscou incentivar uma análise acerca do papel que os memes políticos e sobre a política desempenham na sociedade. A atividade integrou o Simpósio associado a Exposição e obteve caráter de evento internacional. Foi inaugurada no dia 18 de maio de 2019 e ficou em cartaz até 29 de setembro do mesmo ano (<https://www.museudememes.com.br/exposicao-a-politica-dos-memes-e-os-memes-da-politica/>).

#MUSEUdeMEMES. Acredito que todo esse processo, inclusive a presença de universidades como organizadoras também das atividades, acabou por auxiliar a legitimação das propostas que iriam se consolidar no ano letivo seguinte.

No ano de 2020, ambientar o projeto aos responsáveis e alunos tornou-se mais fácil, em vista da permanência do grupo na escola. Todavia, foi destinada uma atenção especial aos alunos do 6º ano, pois estes eram recém-chegados, portanto, não haviam passado pelo processo de legitimação da proposta acima descrito. O momento oportuno aconteceu durante a reunião dos pais, quando são apresentados os projetos escolares que normalmente ocorrem durante o ano letivo, entre eles estava uma apresentação em *slides* do projeto *Memes no Ensino de História* (Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

Como no ano anterior, meu objetivo consistiu em apresentar a seriedade pedagógica da proposta do uso dos memes no ensino de história. O eixo de fundamentação do material explicativo foi o de que os memes são um gênero textual dos tempos digitais que transportam narrativas históricas públicas que podem ser apropriadas pelo ensino, potencializando uma educação mais significativa, haja vista ser uma linguagem muito utilizada por grande parte dos jovens.

Figura 4 – Slide apresentado na reunião dos Responsáveis



Fonte: A Autora, 2020.

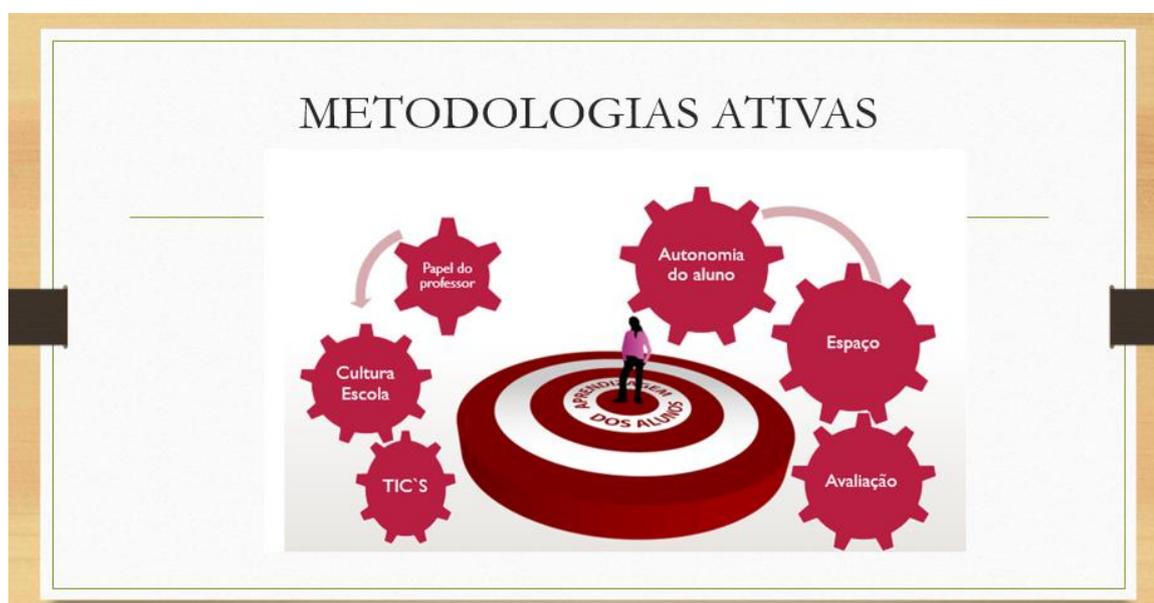
Figura 5 – Ensino de História e a BNCC

ENSINO DE HISTÓRIA

- O ensino de História alinhado à BNCC:
 1. Relacionar fatos do passado com o presente;
 2. Visão crítica dos fatos;
 3. Destaque para o papel do aluno no processo de aprendizagem;
 4. Pensar historicamente;
 5. Significação da aprendizagem;
 6. Uso de diversas FONTES para aprendizagem;

Fonte: A autora, 2020.

Figura 6 – Objetivos das metodologias ativas



Fonte: A autora, 2020.

Figura 7 – Pontos positivos das metodologias ativas



Fonte: A autora, 2020.

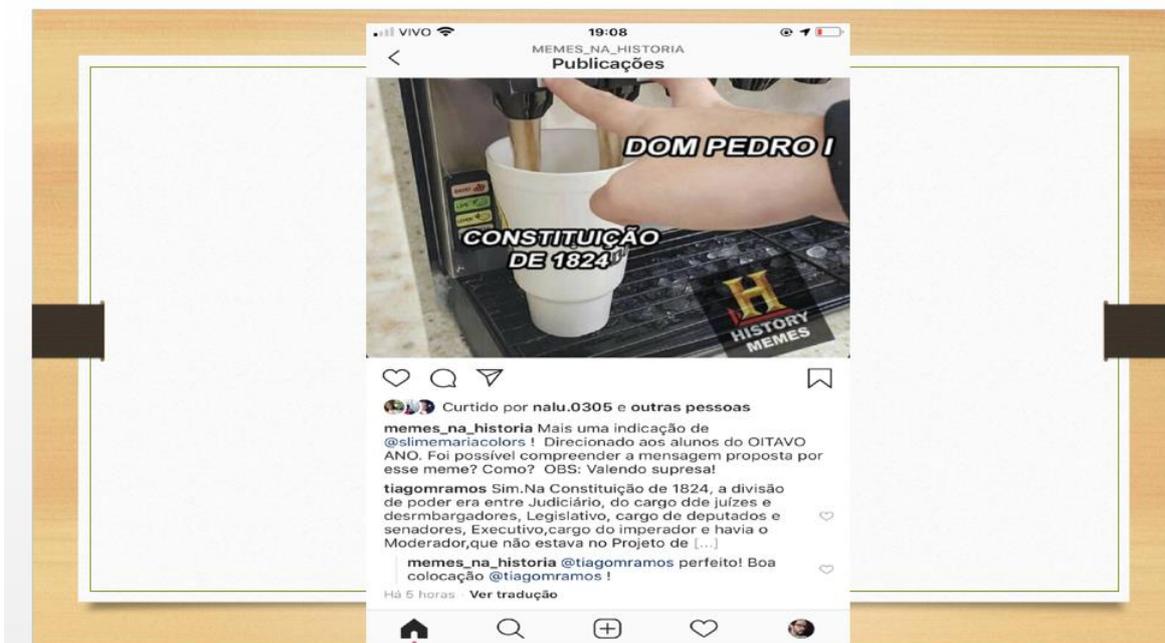
Figura 8 – Exemplificação do projeto

#memesnahistoria

- O que é um meme?
- A relação dos memes com os jovens.
- Conta no Instagram
- Regras do projeto

Fonte: A autora, 2020.

Figura 9 – Conta Instagram



Fonte: A autora, 2020.

Inicialmente, foi projetado este material no quadro branco da sala de aula. Após uma breve apresentação de minha formação acadêmica aos responsáveis, expus os porquês da minha presença na reunião.

O objetivo da exposição aos responsáveis foi demonstrar que os usos dos *Memes no Ensino de História* vai ao encontro da perspectiva das metodologias ativas que estimulam “processos mais avançados de reflexão, a integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas” (MORÁN, 2015, p. 18), a fim de superar a “educação bancária, tradicional e a focar na aprendizagem do aluno com o seu envolvimento, motivando-o e dialogando com ele” (MORÁN, 2015, p. 18).

Como o tempo era curto, priorizei esclarecer como ocorreria o uso da conta do *Instagram*³⁹, a fim de evitar maiores problemas quanto à ideia de um mal uso das redes sociais. Aproveitei para convidar os pais a participarem da conta e para explicar que não se tratava de uma obrigatoriedade, mas sim de um convite. O aluno seria livre para seguir ou não a página. No caso dessa impossibilidade, foi dada outra alternativa de participação aos que não possuíam celular ou até mesmo uma conta no *Instagram*. Todos os memes trabalhados seriam expostos no momento da aula presencial de forma a incluir todos os alunos, independentemente do acesso

³⁹ A conta na rede social *Instagram* foi criada com a finalidade de ser um espaço coletivo de discussão, trocas e postagens dos memes pesquisados e criados pelos alunos.

à *web*. Todavia, em função da pandemia, essa proposta precisou ser alterada e será melhor esclarecida na próxima seção deste capítulo.

Após todos os esclarecimentos, a maior dificuldade encontrada foi enfrentar os discursos conservadores dos pais. Como estamos vivendo um período politicamente conturbador com uma enorme onda conservadora, o enfrentamento dos responsáveis diante do medo de postagens de memes com cunho político ou ideológico emergiu como crítica aos usos dos memes no ensino de história. Quando essa hipótese foi levantada por uma mãe de aluno, outros pais também manifestaram o seu desejo que o projeto não deveria envolver memes com críticas ao presidente Bolsonaro. As falas dos responsáveis deixaram claro a oposição à postagens de memes com críticas ao atual presidente do Brasil ou repercutindo movimentos de resistência contra ele. Concluí que o problema não eram os memes políticos, mas sim os que se relacionavam ao presidente.

Não me causou espanto esse gesto, haja vista o predomínio desse conservadorismo político e social em escolas de maior poder aquisitivo econômico, em outras palavras, em espaços privados de ensino que permitem a interferência dos pais e privam a autonomia do professor, partindo do princípio que estes são os responsáveis pelo pagamento da mensalidade, logo do salário docente.

A fim de evitar maiores conflitos junto à Direção escolar e com os responsáveis dos alunos, procurei evitar postagens com esse teor. Contudo, como educadora, creio que o tipo de argumento utilizado por aqueles sujeitos da comunidade escolar serviram como estímulo para que eu impulsionasse o projeto, tendo em vista que levar o aluno a pensar historicamente era um dos meus objetivos com o projeto, o que, dentre outras coisas, exige o desenvolvimento da capacidade de pensar e lidar com o contraditório. Nada melhor como resposta: contribuir para a formação de sujeitos que tenham a capacidade de ler e agir no mundo a partir do raciocínio da ciência histórica aplicado à vida prática (CERRI, 2011).

3.4 O projeto em prática

Como já relatado neste capítulo, o planejamento do projeto *Memes no Ensino de História* foi dividido em duas etapas, em função do seu tempo de duração, que compreendeu os meses de maio e julho e o segundo semestre do ano letivo de 2019, além dos meses de abril, maio, junho, agosto e setembro do ano letivo de 2020. Neste sentido, em prol de uma melhor organização desta pesquisa, optei em apresentar separadamente cada uma dessas etapas.

3.4.1 Propostas didático-históricas – 2019

Memes estão definitivamente na moda. Nós abrimos nossa caixa postal e recebemos uma correntinha de e-mail, acessamos um site de rede social e nos deparamos com uma imagem legendada, dali uns dois minutos chega um vídeo viral. A palavra é um neologismo, o campo de estudos é recente, mas o fenômeno não se circunscreve à cultura do compartilhamento contemporânea. Os memes têm história...⁴⁰.

Que os memes têm história não há dúvidas, e os alunos sabem muito bem disso, pois estão sempre compartilhando, criando, dando risadas, ficando tristes, dialogando, enfim, assim são os memes, afinal quem nunca se pegou tentando decodificar os códigos imagéticos e textuais de uma peça digital?

Como essa forma de expressão da cultura digital é bastante complexa, pois reúne situações e intenções comunicativas num contexto que só faz sentido para aqueles que estão dentro de uma mesma conjuntura sociocultural, faz-se necessário, caso esteja no planejamento do professor, organizar aulas com memes, ficar atento aos objetivos que se deseja alcançar a partir deste recurso e estruturar a organização da aula de modo que os memes selecionados possam, através da imagem, texto ou som, apresentar capacidade de dar mais complexidade à consciência histórica dos estudantes.

Por isso, na perspectiva de dar sentido à aprendizagem histórica, as propostas didático-históricas do projeto para o ano de 2019 foram divididas em três momentos: 1) Visita pedagógica à exposição do #MUSEUdeMEMES; 2) Oficina do #MUSEUdeMEMES na escola; 3) Atividades com memes em sala de aula

O primeiro momento consistiu na visita pedagógica à exposição do #MUSEUdeMEMES no Museu da República, ou Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. A visita ocorreu no dia 28 de maio do ano de 2019 e teve a participação de 67 alunos. A duração da atividade foi de cinco horas, das 8 às 15h. A organização contou com a participação dos coordenadores, inspetores e auxiliares de coordenação, tendo em vista a quantidade de alunos que necessitavam de cuidados fora do ambiente escolar.

O objetivo foi oportunizar os alunos, a partir da visita à exposição, organizada por pesquisadores do #MUSEUdeMEMES, a refletir acerca da influência das questões políticas e sociais como motores para os memes e ampliar sua repercussão no aparecimento das *fake News* que se espalham pela rede. A partir desse debate, mostrar aos discentes a potencialidade

⁴⁰ <https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>.

narrativa que a linguagem memética está atingindo para além do mundo virtual e, sendo assim, questionar se seria possível criar diálogos entre essa linguagem e o ensino de história na escola.

Como o grupo do 6º e 8º ano reúne crianças em torno de 11 até 16 anos de idade, o percurso pela exposição foi guiado por um organizador do evento que priorizou uma linguagem apropriada à faixa etária do grupo escolar. A fala do organizador ressaltou muito os cuidados com memes que propagam notícias falsas, dos estereótipos que são construídos em torno das narrativas que os memes transportam, assim como os códigos textuais e imagéticos de teor racista, machista e homofóbico. Além disso, foi esclarecido ao grupo a origem do conceito meme a partir dos estudos que estão sendo desenvolvidos na área da memética e sua respectiva apropriação pela Internet, tal como os seus usos frequentes em redes sociais.

Os memes que mais chamaram a atenção dos alunos foram os direcionados ao movimento *#elenao*, especificamente, por estarem em evidência na *Web*, envolvendo campanhas de resistência ao governo Bolsonaro. Interessante notar que esse gesto vai totalmente contra às exigências dos pais e responsáveis, como mencionado na seção anterior deste capítulo. Os alunos, por sua vez, demonstraram carecer de dados, reflexões e interpretações para as informações que estão sendo postas na *web*. Considera-se também que a curiosidade venha da influência que as mídias exercem no cotidiano desses jovens, justificando, de certo modo, os questionamentos ao professor e ao guia da exposição.

Porém, os alunos do 6º ano não obtiveram muita clareza na compreensão de alguns memes expostos, em especial, os que envolviam leituras políticas (Figura 10). A pouca idade e a pouca complexidade de pensamento em torno das relações que envolvem o jogo de forças políticas, é claro, estabeleceram outros tipos de análise para esse grupo, embora eles tivessem identificado os memes que são mais comuns na Internet. No entanto, as peças digitais relacionadas aos símbolos nacionais, como as direcionadas às campanhas sociais, foram as que mais chamaram a atenção a esse grupo (Figura 11). Como era de se esperar, a capacidade de interpretação dos memes, como um artefato cultural imbuído por diversos propósitos comunicativos, só faz sentido a partir do conhecimento/pertencimento a um contexto cultural, caso contrário, ele não será decodificado, como ocorreu com os memes de cunho político para os alunos de menor faixa etária.

Figura 10 – Exposição de memes 01



Fonte: A autora, 2019.

Figura 11 – Exposição de memes 02



Fonte: A autora, 2019.

Infelizmente nem todos os alunos das turmas do 6º e 8º anos puderam participar, pois tratava-se de um passeio com custos financeiros providos pelos responsáveis. Porém, para

garantir a participação de todo o grupo, os presentes fotografaram e compartilharam no grupo da turma as fotos e seus registros. De fato, isso não substituiu a visita, mas, orientou os ausentes na percepção da importância do tema e a pertinência das pesquisas sobre memes como ferramentas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem.

O segundo momento, compreendeu a realização de uma oficina de aprendizagem com os integrantes do #MUSEUdeMEMES na escola. O evento ocorreu na manhã do dia 05 de julho do ano de 2019 com adesão de todos os alunos da escola do Ensino Fundamental II. Tivemos, inclusive, que abrir a oportunidade da oficina para os alunos do 7º ano, em função dos pedidos e da curiosidade em torno da linguagem dos memes. Embora alunos dessa série não estejam dentro da proposta desta pesquisa, torna-se importante ressaltar, já que a dinâmica da organização da atividade precisou ser repensada a partir do quantitativo de 152 alunos. Desta forma, o total de alunos foi dividido em três grupos, separados por série, e cada oficina teve a duração de dois tempos de aulas.

Essas oficinas foram pensadas na intenção de estender a oportunidade aos alunos que não puderam conhecer o projeto de pesquisa do #MUSEUdeMEMES, bem como as reflexões desenvolvidas naquela ocasião, já que a visita à exposição não esteve acessível a todos. Queríamos mostrar que a Universidade estava pensando o meme como objeto de pesquisas acadêmicas. Fazê-los refletir sobre a necessidade de aprender a ler as narrativas meméticas, ou seja, compreender nas entrelinhas o que os códigos imagéticos e textuais querem transmitir.

Outra proposta da oficina, também enfatizada na visita à exposição, foi estimular a conscientização dos perigos de se compartilhar memes com narrativas racistas, machistas e homofóbicas que possibilitam a formação de identidades não razoáveis. A ênfase a esses cuidados é de extrema relevância, principalmente tratando-se dessa faixa etária. Inclusive, memes deste tipo costumam ultrapassar o ambiente público e chegar à escola de forma avassaladora, causando muitas polêmicas, por isso a necessidade de se reforçar a compreensão de que a interpretação correta de um meme deve ir além da imagem e da narrativa que ele apresenta.

A metodologia aplicada pelosicineiros consistiu em uma apresentação oral acompanhada de *slides* explicativos e ilustrativos (Figura 12). Ao longo do processo de exposição, a equipe dialogou com as crianças e compartilhou ideias, imagens, vídeos e sons que levaram os alunos a se familiarizarem com a linguagem dos memes, preparando-os para os exercícios que iríamos desenvolver na segunda fase de nosso projeto.

Figura 12 – Exposição dos slides - Oficina #MUSEUdeMEMES



Legenda: Grupo participante da oficina e apresentação dos memes criados a partir do quadro de ferro com ímãs.
Fonte: A autora, 2019.

Como resultado das oficinas, os alunos foram motivados a elaborar memes *on-line*, e mesmo aqueles que não estavam com seus celulares puderam participar por meio de uma atividade analógica com a fixação de imagens e textos selecionados, através de ímãs e de um quadro apropriado a este material, dando vida às narrativas desejadas. Esta estratégia vai ao encontro da proposta defendida por Costa (2019), que aponta a lógica do digital como uma estratégia importante de inclusão dos recursos/linguagem digitais em ambientes desprovidos de tecnologia. A autora defende o fato de que a falta do recurso não impede “que a lógica da tecnologia – a multiperspectiva, a interconexão, a noção de rede e de não linearidade – não esteve presente” (COSTA, 2019, p. 183).

A opção de montar os memes no quadro de ferro com ímãs, conforme demonstra a Figura 13, propiciou que um maior número de alunos em coparticipação criasse seus memes, até porque a escola não liberou a senha da Internet para os alunos. A falta dos recursos tecnológicos não prejudicou o andamento da aprendizagem, pelo contrário, motivou os alunos, em conjunto, a pensar a criação de um meme.

Figura 13 – Etapa de produção dos memes



Legenda: Etapa de síntese, no qual foi estabelecido que os alunos criassem os seus próprios memes. A fotografia mostra os adesivos recebidos pelos alunos e o marcador de livros.
 Fonte: Autora, 2019. Acervo da pesquisa.

Todos os alunos que participaram da oficina receberam, após uma semana, uma certificação emitida pelo #MUSEUdeMEMES, assinada pelo coordenador do projeto, Viktor Chagas, assim como pelas professoras de sua equipe (Figura 14).

Os resultados foram positivos. A aprendizagem desenvolvida proporcionou a capacidade colaborativa do grupo, o conhecimento participativo e solidário, instruiu a leitura mais profunda das imagens, além, claro, de diverti-los. Observei também uma enorme empolgação dos alunos, ao usarem o celular na sala de aula, uma vez que este recurso não é permitido, salvo exceções como esta. Essa motivação inspirou a participação do grupo, levando-nos a concluir que os pares – tecnologia e educação – quando bem planejados são capazes de ir além do que se pretende. Com isto, pensa-se que a escola poderia rever o seu regimento interno no que se refere ao uso dos aparatos tecnológicos e repensar que apesar dos aspectos negativos do seu mal uso em ambientes escolares, estes podem também contribuir, de forma organizada e planejada, para a aprendizagem.

Diz o provérbio que “não existe vento favorável para quem não sabe aonde vai” e ele se aplica muito bem à navegação na *web*. É preciso entender que a tecnologia, em si mesma, não é mais do que um recurso em potencial. O que a torna importante no processo de aprendizagem é a intencionalidade do professor, a clareza metodológica acerca da sua funcionalidade, os objetivos de aprendizagem que orientam o seu uso

na proposta histórica e pedagógica em curso num dado contexto escolar (CAIMI e NICOLA, 2010, p. 68).

Figura 14 – Certificação na oficina dos memes



Legenda: Grupo participante da oficina no momento de certificação.
Fonte: A autora, 2019. Acervo da pesquisa.

No segundo semestre do ano letivo de 2019, este trabalho de pesquisa estava em construção, tanto em seu arcabouço teórico, quanto nas variáveis para pô-lo em prática. Em função disto, optei por desenvolver atividades variadas com a narrativa memética em sala de aula. Essa estratégia serviu tanto para a docente como para os alunos passarem a enxergar esse artefato cultural midiático e suas narrativas e sentidos como ferramentas de aprendizagem escolar. Entre erros e acertos, as propostas didático-históricas foram ganhando uma forma mais bem estruturada durante a execução do terceiro momento.

Nesse terceiro momento, após a visita à exposição e à oficina na escola, foram privilegiadas atividades que estimulassem a leitura das narrativas históricas presentes em alguns memes. Nessa fase, não houve uma escolha específica do momento de aplicação do meme na rotina de aprendizagem em sala de aula. Sua utilização ocorreu em diferentes momentos desse processo: introduzindo como um exercício de síntese, para ilustrar a narrativa docente ou até

em listas de exercícios e provas. A finalidade era provocar reflexões acerca das narrativas históricas contidas nos memes que passavam a ser considerados uma ferramenta problematizadora e/ou sistematizadora da aprendizagem.

Um dos propósitos desta etapa consistiu em oportunizar aos alunos uma aprendizagem significativa, ou seja, fazê-los utilizar a narrativa digital aprendida de forma a relacionar de forma racional e, de alguma forma, metódica, os conteúdos da disciplina História a contextos/eventos do mundo no qual estamos mergulhados. Com intenção de verificar se esse objetivo foi alcançado, busquei a partir das narrativas construídas pelos alunos, analisar o desenvolvimento da competência narrativa, conseguida por meio da observação de como eles estabeleciam relação entre o passado (utilização da experiência vivida ou conhecida culturalmente), presente (articulação desse conhecimento à vida prática) e o futuro (prospecções de objetivos a serem alcançados).

Optei em analisar aqui apenas três formas de utilização didática que consegui desenvolver com os grupos, considerando ser essa uma etapa em que o projeto estava se constituindo a partir de erros e acertos em minhas experiências, que passaram a ser interpretadas a partir do diálogo com perspectivas teóricas apresentadas durante as disciplinas do Mestrado.

As atividades foram estruturadas em três fases, sendo uma a cada mês – agosto, setembro e outubro –, respeitando-se o calendário letivo da instituição. Foram elas: 1) Memes como ilustração da narrativa docente; 2) Memes como síntese dos conteúdos propostos; 3) Criação de memes.

A seleção das peças digitais para serem trabalhadas em sala seguiu os critérios trabalhados por Cadena (2018), tendo em vista que os objetivos apresentados pelo autor se assemelham aos que eu pretendia alcançar com a experiência. Foram eles: 1) As características da página onde o meme foi encontrado; 2) Os elementos imagéticos e textuais com seus possíveis significados; 3) A relação da imagem ao tempo presente, assim como no passado; 4) A problematização das discussões historiográficas sobre o tema, fossem elas acadêmicas ou escolares.

Memes com as características apontadas por Cadena (2018) são facilmente encontrados em páginas das redes sociais, em especial, a página *História no Paint*. Trata-se de um projeto organizado pelo aluno Leandro Marin, aluno de Licenciatura em História do Instituto Multidisciplinar (IM), campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Nova Iguaçu, com a proposta de buscar métodos criativos de estudar e ensinar História a partir de uma linguagem coloquial. As redes do *História no Paint* são muito elogiadas pelos alunos em função dos diálogos que são construídos com o humor e as narrativas históricas. Navegando

pela *web*, encontram-se outros perfis que compartilham memes, porém o *História no Paint* atende às exigências de uma utilização didática, tal como imagem e texto dentro de um perfil ético.

Em uma aula com o grupo do 8º ano, para tratar a temática Crise do Segundo Reinado e a Proclamação da República, após uma exposição oral contextualizando o tema, projetei no quadro branco o seguinte meme (Figura 15).

Figura 15 – Meme projetado no quadro

Monarquistas chorando porque o Imperador se foi O povo brasileiro bestializado sem entender nada



Fonte: História no Paint, sem data.

O propósito era simples, ilustrar narrativa contextualizadora docente, e, claro, construir junto com alunos reflexões sobre a constituição e leitura do código imagético e textual do meme. De início, longas risadas acerca da imagem da mulher desesperada, afinal, o humor também é uma característica memética. Em seguida, a partir de algumas indagações quanto aos grupos sociais que poderiam estar sendo representados, tendo em vista a leitura da imagem agregada ao texto, e, quanto ao período histórico que a narrativa estava referenciando, algumas interpretações foram surgindo, evidentemente construídas a partir dos conteúdos já apresentados.

Dentre algumas observações, destaca-se a construção de relação da imagem do gato com as camadas populares dos anos de 1888 e 1889. Pela imagem utilizada na realização do meme, o gato encontra-se parado, alheio ao que está acontecendo na cena. Os alunos, então, o identificaram com a apatia popular no processo de Proclamação da República, conforme os textos trabalhados. Construiu-se também uma relação entre o código textual do meme e o processo da Proclamação da República no Brasil, a partir da identificação das palavras: “bestializado” e “monarquistas”.

É claro que, como já foi dito, as observações e interpretações realizadas pelos alunos só foram possíveis pelo fato de eles conhecerem o contexto do que era enunciado pelo meme a partir do que fora trabalhado em sala de aula. Logo, construir essas associações entre o código imagético e o textual do meme não foi difícil. Todavia, apropriado em um contexto cultural específico, no caso, a sala de aula de História, esse artefato serviu para referenciar de forma sintética elementos que a professora considerou importante discutir com seus alunos. Minha intenção era ilustrar a aula e torná-la mais atraente a partir de uma linguagem da cultura digital, porém, no seu decorrer, pude observar que para além da capacidade de ilustrar, o meme estava também permitindo a construção de uma síntese de tudo o que eu já havia refletido com o grupo.

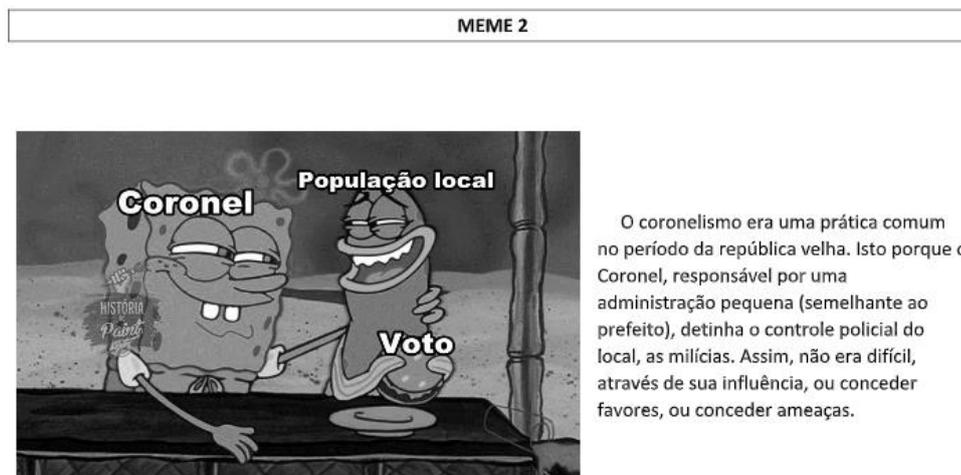
Os resultados vão ao encontro das propostas de trabalho sugeridas por Cainelli (2010), ao afirmar que o aprendizado histórico só é efetivo, isto é, leva ao desenvolvimento do pensamento histórico, quando o aluno se torna capaz de compreender para além das informações contidas nos textos dos livros didáticos, e, neste exemplo, das narrativas docentes. Com isto, a autora reforça a necessidade de o aprendizado escolar de história buscar a autonomia intelectual do aluno, construindo estratégias que o faça questionar, interrogar e levantar hipóteses sobre as narrativas com as quais ele aprende História, como as do livro didático ou as dos memes na Internet.

Considero que eu poderia ter neste momento solicitado aos alunos a produção de um texto ou quem sabe a criação de outro meme sob a mesma perspectiva para construir uma análise mais densa desta atividade, contudo, como primeira tentativa de utilização didática, tanto eu como meus alunos estávamos aprendendo a trabalhar com aquela linguagem.

Em um outro contexto de aula, ainda com o grupo do 8º ano, planejei uma atividade com memes no final da aula. Meu objetivo era entender se o meme como um recurso pedagógico aplicado no final da aula, para fins de síntese, teria sentido e significado histórico para os alunos.

Com a temática da Primeira República no Brasil, optei em colocar os memes em formato de lista de exercícios, com a finalidade de registrar as reflexões construídas. Em uma folha de ofício estruturei três memes com narrativas históricas que pudessem proporcionar análises acerca do tema já desenvolvido nas aulas, e, a partir das respostas elaboradas pelos alunos, verificar quais conhecimentos históricos foram explorados nos códigos imagéticos e textuais do meme. Irei analisar apenas dois, em função de uma melhor organização deste trabalho.

Figura 16 – Memes em lista de exercícios



Fonte: História no Paint, sem data.

Neste exemplo, conforme a Figura 16 acima, percebe-se que o aluno consegue associar as relações da imagem/texto do meme com os conceitos substantivos⁴¹, como coronelismo, práticas clientelistas, curral eleitoral. Porém, a partir de sua resposta, é possível identificar a construção de uma analogia entre a figura do coronel com a do prefeito, cargo político do tempo presente, na intenção de significar o controle do poder político local, assim como do espaço controlado.

A analogia construída pelo aluno reafirma a leitura de Monteiro (2005) sobre o uso didático dessa estratégia no processo de ensino-aprendizado escolar, ao afirmar que frequentemente professores também o utilizam para facilitar a compreensão de conteúdos escolares. O uso didático de analogias, diz Monteiro (2005), revela-se como um recurso tentador para superar o estranhamento dos alunos em relação ao desconhecido. “Entre o científico e o senso comum, tornam-se recursos didáticos com grande potencial para a ressignificação de saberes e práticas, sintetizando de forma emblemática uma criação do saber escolar” (MONTEIRO, 2005, p.334). Todavia, explica, as analogias induzem a erros, pois operam numa dimensão comparativa muito simplificada, levando os alunos a atribuir à situação do passado o mesmo significado histórico do presente, e ignorar as diferenças no tempo.

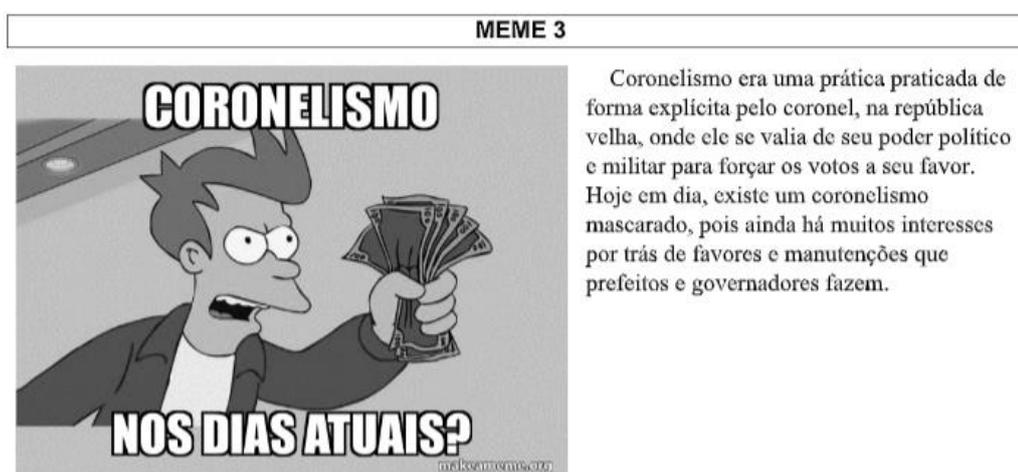
Ao construir essa analogia entre a figura do coronel (I República) e o papel do prefeito nos dias de hoje, o aluno projetou o mesmo sentido histórico para os dois sujeitos históricos, talvez simplificando o sentido do poder político que envolvia esses papéis nas duas

⁴¹ Para Lee (2008), a partir de Cainelli e Tomazini (2017), os conceitos substantivos são aqueles que se relacionam aos conteúdos de História, como, por exemplo, o conceito de industrialização, renascimento e revolução.

temporalidades. Contudo, ele conseguiu estabelecer relações coerentes entre o meme e conceitos substantivos trabalhados na aula, apesar de demonstrar fragilidades na diferenciação do significado do poder político e suas atribuições nas duas temporalidades que serviram de base para a construção da narrativa. O exercício de utilização do meme com esse propósito permitiu-me conhecer essa fragilidade e pensar em outras estratégias nas aulas seguintes.

Nesta outra perspectiva, o mesmo aluno analisa, de forma bastante interessante, o outro meme apresentado (Figura 17). Constrói uma narrativa histórica bastante coerente com o conceito substantivo que se quer sublinhar no exercício, e localiza de forma coerente as ações desse sujeito em seu próprio tempo, identificando a República Velha. Todavia, o maior destaque em sua narrativa é que ela se utiliza da ideia de continuidade histórica (conceito de 2ª ordem) a fim de marcar criticamente aspectos/práticas que permanecem constantes ao longo do tempo. A tentativa do aluno de relacionar passado-presente em sua explicação demonstra um grau de desenvolvimento de sua competência narrativa, mesmo que ainda embrionária e realizada de forma espontânea, é significativo para o desenvolvimento do pensamento histórico. Como afirma Cainelli (2010), é possível concluir que habilidades que formam o pensamento histórico como: “resumir, selecionar, sintetizar, comparar” (p. 28) estiveram presentes nesse momento de aprendizagem.

Figura 17 – Memes em lista de exercícios 2



Fonte: <https://makeameme.org/meme/coronelismo-nos-dias>. Acesso em: 14 set. 2019.

A percepção de que meu aluno pode, espontaneamente realizar essa operação cognitiva, embalado pela linguagem do meme, fez-me refletir, posteriormente, que eu poderia ter retomado essa atividade um outro dia, com a finalidade de ampliar o “olhar para o outro em tempos e espaços diversos” (CAINELLI, 2010, p. 27).

A última forma de utilização didática que gostaria de reportar nessa primeira fase do projeto é a construção da narrativa memética como forma de avaliação da aprendizagem. Com isso, solicitei ao grupo de alunos do 8º ano que criasse memes que apresentassem aspectos/questões trabalhadas em sala, na aula cuja proposta era pensar eventos históricos que ocorreram no mundo no período de 1917 até 1930. Ressalto que o objetivo da atividade não foi dar relevância apenas aos conceitos substantivos, mas pensar também nos de 2º ordem, oportunizando ao aluno a compreensão do conhecimento histórico (CAINELLI, 2012).

Após as devidas autorizações da escola, os alunos com seus celulares, a partir de aplicativos e páginas sugeridas por mim, criaram seus memes (Figura 18 e Figura 19). A experiência foi bastante produtiva, em virtude do desenvolvimento coletivo na construção do conhecimento com a ação colaborativa do professor. Não registrei nenhum problema de dificuldade quanto ao processo de criação dos memes, pelo contrário, parecia ser algo corriqueiro para eles, afinal é a linguagem que eles dominam nas redes.

Figura 18 – Meme elaborado por aluno do oitavo ano



Fonte: Produzido pelos alunos do oitavo ano e supervisionado pela autora, 2019.

Figura 19 – Meme elaborado por aluno do oitavo ano



Fonte: Produzido pelos alunos do oitavo ano e supervisionado pela autora, 2019.

Pensar historicamente supõe o desenvolvimento da capacidade de relacionar eventos/acometimentos no tempo, identificando e explicando ritmos temporais – permanências, rupturas, simultaneidade – produzindo diálogos entre o passado e o presente (SIMAN, 2003). As narrativas meméticas acima, produzidas por alunos do 8º ano, ao mesmo tempo que demonstram o conhecimento de questões/processos valorizados na abordagem realizada pela professora acerca do tema da aula, buscam explicar o contexto em foco, utilizando uma interpelação que privilegia a simultaneidade para dar contornos ao que foi aprendido.

Nos dois memes é possível identificar, a partir da narrativa construída, a ideia de simultaneidade, pois os alunos apresentaram abordagens dos efeitos sociais do ano de 1929 nos EUA, com referência à crise do capitalismo e a perspectiva deste mesmo tempo no Brasil, com imagens do café, relacionadas ao governo de Getúlio Vargas, com certeza, em referência aos resultados da política de valorização desse produto em um momento de crise econômica do mundo capitalista. A constituição da narrativa a partir do conceito da simultaneidade nesse exercício é fundamental para se avaliar a capacidade de o aluno conceber a diversidade de experiências históricas no mundo, ao mesmo tempo percebendo-as como construções sociais específicas, uma entre outras possíveis. Sem dúvida, demonstra um degrau a mais no

desenvolvimento do pensamento histórico de seu autor. A utilização da linguagem memética permitiu-me perceber esse desenvolvimento, talvez, de maneira mais fácil do que se houvesse exigido que tal reflexão surgisse da redação de uma narrativa escrita.

Considero que as atividades aqui desenvolvidas, e ainda exercícios de aprendizado também da docente/pesquisadora proporcionaram aos alunos uma aprendizagem histórica significativa, em função da associação de conceitos substantivos aos de 2º ordem, construindo no processo de aprender história na escola exercícios de como pensar o tempo histórico como uma construção humana complexa e na qual mergulhamos o significado de agentes da história. Como professora, a partir de minha prática, pude refletir acerca de oportunidades de ensinar, ouvindo as especificidades de rotina profissional – elementos integrantes da cultura escolar na qual estamos mergulhados – sem desconsiderar as necessidades e peculiaridades do aprendizado dos alunos – uma geração mergulhada em novas formas de ler o mundo. Como diria Cainelli (2010, p. 27), “aprender História seria: discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos”.

3.4.2 Propostas didático-históricas – 2020

Esta etapa do projeto *Memes no Ensino de História* foi pensada a partir das experiências de aprendizagens realizadas no ano de 2019 e organizada para ser colocada em prática ao longo das aulas do ano letivo de 2020, com as turmas do 6º e 8º anos. A intervenção foi aplicada em torno de 100 alunos, sendo 53 do 6º ano e 47 do 8º ano do turno da manhã. O quantitativo total está organizado em duas turmas do 6º e outras duas do 8º ano. Como já mencionado no planejamento das atividades na seção anterior, as aulas-oficina foram adaptadas para atender as novas demandas do ensino remoto, tendo em vista, a necessidade do isolamento social provocado pela pandemia do Covid19.

Essa situação oportunizou a realização de oficinas, nas quais o protagonismo não era dos conceitos substantivos, ou conteúdos programados para serem trabalhados nessas séries. A situação de suspensão do que todos nós considerávamos ser a “normalidade”, impôs, junto com a decisão de um retorno às aulas de forma remota, a reorganização do que ensinar em momentos tão desafiadores. Assim, as temáticas selecionadas, mesmo que dialogando com o conteúdo formal, visavam à reflexão cognitiva/estética e afetiva acerca de atitudes diante das coisas e seres do mundo.

As propostas didático-históricas foram organizadas como aulas-oficina por ser este um método que maximiza o processo de aprendizagem do aluno, pois interliga a teoria à prática.

Relaciona o conhecimento dos elementos do pensar historicamente, ou seja, da metódica da construção do conhecimento histórico à aplicação prática na produção e interpretação de memes didáticos, na medida em que o aluno terá que produzi-los ou trabalhar com aqueles retirados da *web* a partir da mediação do professor na interpretação e contextualização dessa linguagem midiática.

Nesse contexto, a ideia das aulas-oficina busca encontrar caminhos metodológicos para estimular um letramento histórico, superando a perspectiva de aprendizagem histórica como transmissão de conteúdos em prol de um desenvolvimento cognitivo que seja capaz de levar o aluno a ampliar a sua capacidade de pensar, definir e dar sentido ao tempo, bem como promover a construção de “identidades que possam ser refletidas e assumidas seletivamente e criticamente pelo sujeito” (CERRI, 2010, p. 271).

As propostas didático-históricas foram organizadas em três aulas-oficina: 1) Memes contam Histórias? Coronavírus: O presente por meio dos memes; 2) Varal de memes; 3) Memes em ambientes colaborativos.

Apesar dessas experimentações terem acontecido no período de aulas remotas, houve um momento de encontros presenciais, nos meses de fevereiro e março, quando o projeto teve início. Nesse primeiro momento, realizamos a criação de uma conta na rede social e depois passamos ao desenvolvimento das aulas-oficina de modo remoto.

No início do ano letivo, no formato presencial, o projeto foi apresentado aos alunos com a finalidade de inseri-los na construção das aulas-oficina, na perspectiva de envolver e aprimorar as propostas didático-históricas e motivá-los a participação.

De imediato, foi necessário escolher um repositório de fotos virtuais para armazenar e divulgar algumas etapas da aula-oficina, inclusive dos memes criados, assim como os discutidos em sala, na intenção de tornar todo o material mais acessível aos estudantes. Como o ambiente dos memes é a Internet, por que não criar um espaço nesse ambiente para armazenar e divulgar nossos memes como narrativas históricas públicas, que ultrapassariam os muros escolares e retornariam ao ambiente público?

A proposta pretendida seria a criação de um grupo fechado na rede social *Facebook* para armazenar as produções, divulgar as aulas-oficina e servir como uma espécie de lembrete aos estudantes, tendo em vista a assiduidade destes na página. A escolha por essa rede social parecia uma escolha lógica, por tratar-se de uma excelente ferramenta para armazenar fotos, tal como um álbum virtual, e ser gratuita e de fácil manuseio. Mas a aceitação não foi a esperada.

Uma vez levada essa proposta para os grupos de alunos, a resposta foi negativa. Quando questionados em relação aos motivos, grande parte justificou ser o *Facebook* uma rede social

na qual os pais e avós participam, logo estes exerceriam um controle sobre as postagens e os comentários que seriam feitos. Esse comportamento de desejar liberdade e privacidade, mesmo que seja via *web*, acaba sendo muito comum nessa faixa etária. Muitos jovens usam as redes como registro de memórias pessoais que desejam manter em segredo dos pais, embora a *web* seja algo público. Nesse grande emaranhado, as relações e hábitos da cultura juvenil dialogam com a cultura da *web*, que adentra os espaços escolares e influencia a cultura escolar. Faz parte da escola e nós professores precisamos aprender a lidar com essa realidade.

Além disso, argumentaram que o *Facebook* seria mais apropriado para registros cotidianos, tal como um diário eletrônico, e não para armazenamento de fotos. Diante dos motivos apresentados, muitos alunos sugeriram que a conta fosse criada na rede social *Instagram*, por tratar-se de um repositório mais atraente, atual e favorável à postagem das fotos. Como um dos objetivos do projeto é construir junto com os alunos os métodos mais significativos para promover uma aprendizagem de sentido histórico, o conselho foi aceito e o planejamento foi alterado para a conta no *Instagram*.

A conta foi criada em sala de aula, junto com os alunos. O nome e a imagem que dá identidade à conta também foram escolhas coletivas e elaborados em conjunto (Figura 20). Estruturada como uso pessoal, com configuração privada, na qual é necessário solicitar participação ao administrador para se ter acesso às postagens e comentários. O controle de acesso à conta, tal como as postagens no *feed* e nos *stories*, são funções exclusivas de quem a administra, em nosso caso, a professora. Esse cuidado foi necessário para manter o caráter didático do exercício.

Figura 20 – Meme elaborado pelos alunos para compor o perfil da conta do Instagram @memes_na_historia



Fonte: Produzido pelos alunos e supervisionado pela autora, 2020.

A intenção era aproximar exclusivamente os estudantes dos 6º e 8º anos com alguns integrantes da coordenação escolar, pois este era o grupo escolhido para pesquisa. Na prática isso não funcionou, houve um grande interesse de outros estudantes e responsáveis em participar da conta. O pedido de adesão foi aceito, contudo, somente as postagens realizadas pelos grupos das duas séries citadas serão levadas em consideração para fins de análise. No momento dessa escrita, a conta apresentava 179 seguidores, sendo 93 o total de alunos das séries em análise (Figura 21). Outros sete alunos do grupo da pesquisa não quiseram seguir a página, alegando não gostar de redes sociais ou não possuir celular.

Ao planejar a criação da conta, não foi pré-estabelecido com os alunos o tempo para postagem, pois a intenção era que ocorresse de acordo com as demandas da prática das aulas-oficina. Mas tudo isso foi pensando a partir da modalidade presencial de ensino, pois pretendia-se, depois da postagem e dos comentários nos memes na conta @memes_na_historia, promover debates em sala de aula, a fim de se gerar trocas coletivas sobre as narrativas produzidas com os memes.

Com a pandemia, a proposta da conta precisou ser alterada. Não havia mais o espaço presencial coletivo para debates e trocas. Então, nesse novo cenário, a solução foi usar a conta como meio de divulgação dos memes portadores de narrativas históricas que dialogassem com os temas propostos para as aulas, aqueles criados pelo próprio grupo e os resultados das aulas-oficina na intenção de propagá-los no meio juvenil.

Figura 21 – Organização da conta do Instagram @memes_na_historia



Fonte: A autora, 2020.

Todavia, na modalidade remota, as aulas passaram a ocorrer como atividades síncronas, com a mesma duração do presencial, como no horário físico da escola, pela Plataforma Microsoft Teams. Esse contexto gerou uma série de problemas de adaptação do grupo, já que a instituição escolar tentou se valer das regras escolares do espaço físico para o ambiente *on-line*. Eram muitas horas, das 7:00h até 12:20h, em frente ao computador, provocando um cansaço físico e emocional muito grande nas crianças. Esse desgaste foi resultando uma desmotivação diária e, com isso, a conta acabou sendo também um canal de aproximação com os estudantes assim como um meio de estimulá-los a participarem do experimento.

Assim, a metodologia proposta inicialmente para o trabalho com a conta no *Instagram* teve que ser adaptada à nova realidade escolar. Os alunos interagem pouco nas aulas virtuais, em função da falta de microfone ou por vergonha, com isso, os encontros síncronos acabavam sendo uma aula expositiva onde o docente discorre sobre as narrativas históricas dos memes, perdendo-se parte importante da construção coletiva da reflexão.

Apesar de considerar que os resultados tenham sido muito parciais, observei, em especial, uma considerável parcela de integrantes do 8º ano participando ativamente das postagens e inclusive replicando os memes em sua conta pessoal. Como organizadora do projeto, respondia aos comentários dos alunos sempre com uma mensagem de incentivo, haja vista, ser uma das grandes carências do ensino remoto. Procurei não abrir discussões quanto às narrativas produzidas pelos memes através da conta *Instagram*, apenas levantava observações quanto ao significado da aprendizagem a partir desse recurso.

No mais, considero que as contribuições para esta pesquisa, no que diz respeito aos resultados da conta *on-line*, poderiam ser maiores, caso houvesse a oportunidade de discussões e análises em ambiente presencial, pois o remoto induz ao distanciamento e ao silenciamento dos alunos.

3.4.2.1 Proposta 1 - Aula-oficina: Memes contam Histórias? Coronavírus: O presente por meio dos memes

Esta aula-oficina foi pensada a partir das demandas surgidas com as aulas virtuais, resultantes dos novos tempos de isolamento social. Em um curto espaço de tempo, a escola transitou do espaço físico, de trocas e relações afetivas, para as telas dos computadores, um espaço com muitos recursos tecnológicos, mas silencioso para o processo de aprendizagem, em especial, para as propostas desta pesquisa. Da pandemia, surgiu um arsenal de informações

sobre a doença e com elas, os sentimentos de medo, insegurança e tristeza. Tinha-se no espaço externo, o vírus como ameaça, na *web*, uma *infodemia*, e, em casa, uma nova forma de aprender.

Neste ambiente estruturou-se a aula-oficina com a temática: “Memes contam histórias? Coronavírus: o presente por meio dos memes”, organizada em 4 etapas principais: 1) Divulgação das propostas da atividade; 2) Envio das produções meméticas; 3) Organização dos materiais disponibilizados pelos alunos; 4) Culminância da atividade. No total, foram seis tempos, no período de dois meses, para os alunos do 6º e 8º anos. Embora o planejamento tenha programado uma totalidade de quatro tempos, na prática isso se estendeu, haja vista as dificuldades do ensino remoto.

Nesta perspectiva de aula-oficina, deixou-se de lado os conteúdos programáticos do livro didático para se pensar em outros aprendizados cuja necessidade que está emergindo neste período e que apresentam significado histórico de relevância para a formação dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem escolar. Por isso, a primeira proposta de aula-oficina teve como objetivo mostrar aos alunos que a História e seu ensino não retratam uma “história única”, e que a partir de uma narrativa histórica muitas outras podem estar invisibilizadas, ou melhor, sequer podem ter sido escritas, registradas ou narradas. E que devemos sempre ficar atentos e buscar possíveis outras interpretações e sujeitos para compreender a História como coletivo.

Em diálogo com as propostas de Cerri (2010), sob a perspectiva de um ensino de história a partir da alteridade, a proposta buscou proporcionar aos alunos a compreensão de que por detrás das versões históricas postas nos livros ou na *web*, existem histórias de outros sujeitos que produziram vestígios, mas foram silenciados. Assim, levando-os a entender que o presente como nos é apresentado não é a única opção possível. E que isso deve ser levado em consideração pelos historiadores e também por nós, leitores e sujeitos da história na escola.

Sob esse olhar, alunos como sujeitos de sua própria história e capazes de narrar a realidade a partir de suas experiências, pretendeu-se criar e divulgar memes didáticos, que expressassem a percepção dos estudantes diante dos efeitos da pandemia no cotidiano das pessoas. Partimos do princípio de que o meme, como linguagem, apresenta a capacidade de registrar e arquivar memórias (Figura 22 e Figura 23).

Na primeira etapa, os alunos foram convidados, por meio de postagens publicadas pela professora, a partilharem seus sentimentos acerca da pandemia respondendo à pergunta: Como vocês estão vivendo a pandemia? A tarefa era criar um meme em resposta a esse questionamento e depois enviá-lo para o e-mail direcionado previamente, ou pelo *direct* da conta no *Instagram* @memes_na_historia.

Figura 22 – Exemplos de postagens de incentivo aos discentes



Fonte: A autora, 2020.

Figura 23- Exemplos de postagens de incentivo aos discentes



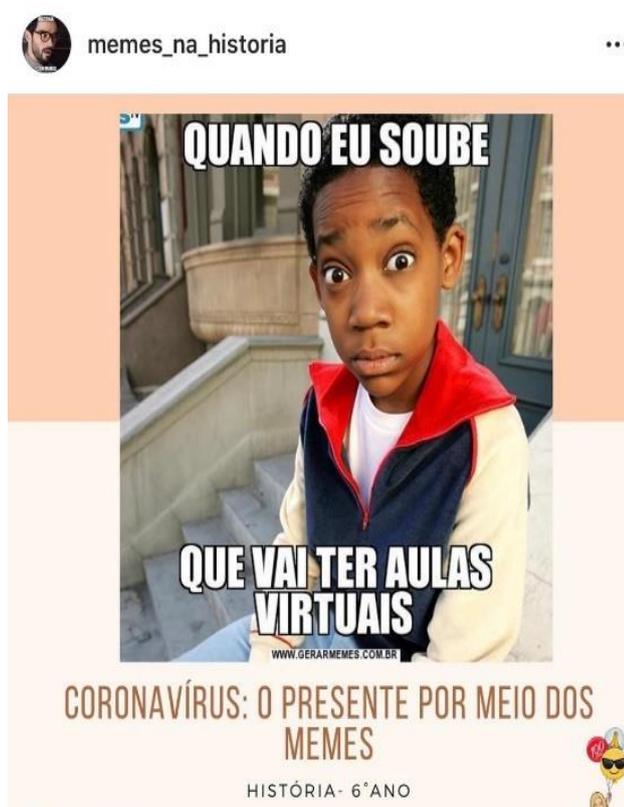
Fonte: A autora, 2020.

O ensino remoto além de afastar os alunos do espaço social da escola, desestimula a aprendizagem, tendo em vista que estes precisam caminhar sozinhos nesse processo. Na tentativa de conseguir a adesão de grande parte dos alunos, já que não foi uma atividade pontuada, foi elaborado um roteiro de informações. A partir do código *QR code*, o estudante teria acesso a um pequeno guia (APÊNDICE C), ambientando-os em relação a origem do termo meme e a respectiva relação da linguagem memética com a produção de narrativas históricas. Priorizou-se algumas orientações de como participar, bem como os meios de elaboração dos memes, a partir de sugestões de *sites* e a divulgação dos resultados.

A metodologia adotada foi reservar em torno de 30 minutos ao final do período da aula para ler, junto a eles, as orientações, tirar dúvidas e demonstrar *on-line*, a partir de exemplos,

como criar memes. Optei pelo *site gerarmemes*⁴², apenas como sugestão, por ser um *site* gratuito e de fácil manuseio. Os memes produzidos por este *site* e por alguns outros são os memes estilo *Image Macro*⁴³, que condicionam um conjunto de regras estilísticas para adicionar textos a imagens. (Davison, 2020). Tal como os *emoticons*, eles existem em ambientes adaptados à sua sobrevivência e são facilmente compartilhados *on-line*, por possuírem um *software* para a sua criação que fica disponível no próprio site. Com essa orientação, os alunos compreenderam o modo de produção e fizeram suas próprias peças digitais (Figura 24 e Figura 25).

Figura 24 – Meme elaborado por aluno do 6º ano



Legenda: Meme 1

Fonte: Elaborado por aluno do 6º ano sob supervisão da autora, 2020.

⁴² <https://www.gerarmemes.com.br/>

⁴³ Para Davison (2020), é um estilo de meme de Internet muito comum. Compreende um conjunto de regras estilísticas para adicionar textos a imagens.

Figura 25 – Meme elaborado por aluno do 6º ano



Legenda: Meme 2

Fonte: Elaborado por aluno do 6º ano sob supervisão da autora, 2020.

Os dois memes acima foram criados por alunos do 6º ano. Ambos foram divulgados na rede social neste formato e receberam muitas curtidas⁴⁴. Acredita-se que o número de curtidas esteja ligado ao humor que foi construído a partir das relações intertextuais dos memes. Para Muniz e Gomes (2018), a leitura de um meme exige do leitor uma memória discursiva do texto fonte para que seja compreendido os sentidos do intertexto. Nos dois exemplos, os textos foram recontextualizados, ou seja, inseridos dentro dos possíveis significados que a pandemia está representando para os estudantes. No meme 1, conforme Figura 24, o aluno atribuiu sentido ao tempo, através da relação da pandemia com as aulas virtuais. Acredita-se que o seu modo de entender a atual conjuntura esteja marcado fortemente pelo medo/insegurança das aulas *on-line*. No meme 2, como demonstra a Figura 25, através dos elementos da imagem, torna-se perceptível que os personagens de maior tamanho são os que, no tempo presente, estão com maior força, coronavírus e vespas assassinas, e, em menor tamanho, aluno e suas incertezas.

As narrativas produzidas por meio dos memes oportunizaram o desenvolvimento de uma reflexão junto aos alunos sobre as diferentes leituras que os homens desenvolvem a partir de uma mesma realidade. Com isso, abriu-se um espaço para a apreensão, sem a preocupação com definições formais, dos conceitos de identidade e alteridade, o eu e o outro; a partir da compreensão de que o tempo está estruturado não somente do ponto de vista individual, mas relacionado à ideia de humanidade, pois “história é temporalizar a humanidade” (SCHMIDT, 2017, p. 67). No momento em que os memes foram expostos na rede social *Instagram*, os alunos

⁴⁴ Na linguagem da *web*, um conteúdo visual de qualidade gera mais curtidas, engajamento e compartilhamentos.

tiveram a oportunidade de perceber que para um mesmo contexto/evento histórico, muitas explicações, muitos sentimentos diferenciados eram apresentados e como isso eram produzidas várias narrativas, que, embora verdadeiras, não necessariamente expressavam uma única forma de enxergar e entender o que acontecia no mundo.

Figura 26 – Meme elaborado por aluno do 8º ano



Legenda: Meme 3

Fonte: Elaborado por aluno do 8º ano sob supervisão da autora, 2020.

Figura 27 – Meme elaborado por aluno do 8º ano



Legenda: Meme 4

Fonte: Elaborado pelo aluno do 8º ano sob supervisão da autora, 2020.

Como os memes são por natureza intertextuais, pois são construídos em resposta ou diálogo com algum outro texto, acredita-se que ao realizar a leitura desses memes, os alunos

possam compreender que para além dos códigos textuais e imagéticos existem outros sentidos que podem ser atribuídos. Considerando uma capacidade de abstração e construção cognitiva mais complexa do grupo que se encontra no 8º ano, essas questões serviram de base para a problematização dos memes produzidos por esse grupo a partir da mesma questão/objetivo que serviram de base para a reflexão como os menores do 6º ano: Como vocês estão vivendo a pandemia?

Como exemplo das respostas conseguidas no grupo do 8º ano, selecionei os dois memes acima - 3 e 4 (Figura 26 e Figura 27). Uma primeira leitura daquilo que fica explícito pela escrita e imagens selecionadas para compor a narrativa depreende-se os sentimentos de medo, dúvida e ansiedade. Todavia, problematizei com o grupo se os sentimentos ali retratados representavam aquilo que todos que conheciam estavam sentindo ou se deveríamos ler os memes postados como escolhas realizadas pelo autor da peça memética?

A fim de discutir mais profundamente acerca das narrativas construídas pelos alunos como escolhas que se relacionavam a formas diferenciadas de ver um mesmo problema, optei em expor esses memes na atividade síncrona. Como cada aluno apresentou uma perspectiva diferente em relação aos sentimentos gerados pela pandemia, assim, iniciamos a discussão buscando compreender porque cada vestígio/memória produzida apresenta sentidos diferentes que estão sujeitos a diversas interpretações. Num paralelo com a História, procurei mostrar que muitas vezes a projeção que se faz do presente não é a única opção, que para além de um fato existem muitas outras vozes, de grupos ou pessoas que podem não estar sendo referenciadas em determinadas narrativas que lemos. No caso dos memes selecionados, mostrei que para aquelas quatro narrativas que tentavam explicar o tempo presente expostas na tela do computador, existiam milhões de outras, e, muitas delas poderiam passar despercebidas por não encontrarem espaço para serem vistas/conhecidas, como as deles naquele momento. Esse fato faria dessas narrativas silenciadas e de seus agentes menos parte da História? Daí partiu-se para entender a validade da existência de diferentes narrativas históricas sobre um mesmo processo/evento. A necessidade de se questionar o que se ouve ou lê, e até mesmo discutiu-se a relatividade do que chamamos de verdade histórica, haja vista a existência de outras narrativas, vozes e vestígios que podem existir, mas não estão sendo levados em consideração naquele momento.

A etapa final do projeto, visando à divulgação dos memes produzidos a partir das questões levantadas pelo ensino de história escolar, compreendeu o envio dos memes para o ambiente virtual. Boa parte dos estudantes desenvolveu bem essa fase, pois foram disponibilizados dois canais de envio: *e-mail* e *Instagram*. Todavia, pude observar que um

pequeno grupo, especificamente do 6º ano, apresentou dificuldades em relação às funções de anexar imagem e enviar e-mails. De fato, era algo esperado, pois este grupo pertence a uma faixa etária menor do que os alunos do 8º ano. Como nos encontrávamos na modalidade de ensino remoto, muitos responsáveis auxiliaram seus filhos nesse processo e, ao final, pude constatar uma adesão quase que total dos discentes.

Os memes foram, então, organizados em pastas virtuais e salvos de acordo com o nome de cada aluno. Com um prazo estabelecido de duas semanas, as peças digitais foram invadindo pouco a pouco a conta @memes_na_historia, pois o envio era feito *via direct*⁴⁵, de modo que alguns, antes de chegar ao meu conhecimento, já estavam sendo postados nas redes sociais dos próprios estudantes.

Planejou-se junto aos estudantes que no retorno das aulas presenciais faremos uma competição de memes para avaliar os seguintes critérios: 1) Identificação com o tema proposto; 2) A construção da narrativa histórica, a partir dos códigos inseridos no meme; 3) O humor. Esperávamos que esse desfecho pudesse ocorrer ainda no ano letivo vigente, inclusive pensamos na organização de uma comissão da escola que pudesse participar na escolha dos três memes mais significativos. Todavia, isso não ocorreu, não houve retorno das aulas como se esperava. Para não deixar os alunos na expectativa de um desfecho, eu mesma, utilizando os critérios estabelecidos, selecionei alguns memes e postei-os na rede social e nos *stories*⁴⁶ do perfil na intenção de marcar os alunos em suas contas pessoais e, claro, levá-los a repostar.

Por fim, a escola organizou uma mostra cultural, em caráter multidisciplinar, com a temática relacionada ao Covid19. Para dialogar com a proposta da mostra, foi ofertada aos alunos a possibilidade de exibir de forma remota os memes, a partir da organização de um vídeo⁴⁷ narrado como um telejornal.

Refletindo a partir da minha prática, considero que esta aula-oficina correspondeu aos pressupostos teóricos defendidos por Rüsen (1997), ao afirmar que o aprendizado histórico se torna parcial quando relacionado apenas aos processos cognitivos. “Ele é também determinado através de pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses” (RÜSEN, 1997, p. 44). Para o autor,

⁴⁵ É um recurso que permite trocar mensagens e fotos de forma privada com seus seguidores.

⁴⁶ O *Instagram Stories* é uma ferramenta da rede social que permite a publicação de fotos ou de vídeos de até 15 segundos. Essas postagens ficam disponíveis por 24 horas e, quando atingido o limite, são apagadas da rede e ninguém mais pode visualizar.

⁴⁷ https://drive.google.com/file/d/1O3bpUFNTjzfKbBoksp1UX9eIT46XMzu_/view?usp=sharing - Link de acesso ao vídeo produzido.

A seus resultados pertence, conseqüentemente, não somente uma competência para a interpretação do passado humano como história, mas também se distinguem a competência estética, a qualidade e a particularidade do passado em sua singularidade e diversidade de circunstâncias presentes, e a competência prática de empregar conhecimento histórico na análise, no julgamento e no tratamento dos problemas do presente (RÜSEN, 1997, p. 44).

3.4.2.2 Proposta 2 – Aula-oficina Varal de memes

A segunda proposta didático-histórica foi estruturada para as turmas do 6º ano, a partir da ideia da construção de um varal de memes. Foi pensada sob a perspectiva de se construir, com o auxílio da linguagem dos memes, uma escrita da história escolar, que seja capaz de estimular os indivíduos a “identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico”, a partir de um posicionamento crítico com “base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BNCC, 2017).

A aula-oficina se propôs estimular o reconhecimento da história dos povos nativos da América, em especial dos povos indígenas do Brasil e foi dividida em três momentos: 1) Pesquisa via *web* sobre os povos nativos do Brasil; 2) Elaboração dos memes nas camisetas virtuais; 3) Exposição virtual do varal dos memes na conta do *Instagram* @memes_na_historia. Todo o processo compreendeu um total de 4 tempos de aula.

O objetivo era desenvolver nos alunos o reconhecimento positivo da diversidade étnico-cultural existente no Brasil, como o respeito às comunidades nativas brasileiras. Assim, pensou-se, a partir da construção de narrativas meméticas, incentivar o reconhecimento das diferenças e desenvolver a consciência histórica dos alunos.

De acordo com Cerri (2011), o conceito de consciência histórica compreende que a interpretação do próprio indivíduo e da coletividade do tempo inicia muito antes do processo de escolarização. Por isso, o aluno, chega à escola com muitos preconceitos e ideias que devem ser prevenidas. Nesse sentido, pretende-se com essa aula-oficina prevenir a formação de identidades não razoáveis, ou seja, aquelas marcadas por uma radicalização que leve a delimitação e exclusão, pois são destrutivas ou autodestrutivas. Para o autor, quando uma identidade implica a negação da humanidade, dos direitos e da vida das outras identidades é preciso que ela seja impedida para o bem da humanidade.

Espera-se que esta proposta didático-histórica possa, como proposto por Cerri (2011, p. 113), retirar os jovens de um “presente contínuo”, que apresenta características entrópicas e destrutivas para a sociedade, que o coloca como egocêntrico para proporcioná-lo à introdução

na vida pública. Com isso será possível uma abertura de “portas para a sensibilidade em relação ao passado e à compreensão da dinâmica do tempo” (CERRI, 2011, p. 116).

A primeira etapa envolveu uma pesquisa direcionada a *sites* de campanhas em defesa dos povos indígenas e ao endereço eletrônico da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Pretendia-se com esta tarefa divulgar perante a turma, organizações que direcionam campanhas de proteção e preservação da cultura e da história indígena. Especificamente no *site* da FUNAI, os alunos foram convidados a mergulhar nas informações oferecidas e a refletir acerca dos objetivos desta instituição como órgão indigenista oficial do Estado brasileiro.

O debate acerca da leitura do *site* priorizou alguns elementos, tendo em vista os objetivos pré-estabelecidos, como as características do órgão, quem o organiza, como ele é mantido e quais são suas defesas. Conversamos sobre os direitos dos povos indígenas, no reconhecimento da diversidade desses povos, e no respeito às suas formas próprias de organização, assim como sobre sua participação na vida política nacional, como cidadão indígena. Outra questão que gerou debates, a partir da leitura no *site* da FUNAI, foram os motivos para a preservação das terras indígenas, além dos critérios para definição do que é hoje um indígena no Brasil. Ao final da pesquisa na *web*, os alunos foram estimulados a ouvir os sons indígenas que são apresentados pelo *site*, e o que mais atraiu os alunos foi o Cântico das crianças⁴⁸.

Posteriormente, a partir do *site* organizado pelo Ministério da Justiça e da Segurança Pública, de forma rápida e breve, observou-se a relação atual dos povos indígenas com a pandemia do Covid19. Neste momento, os próprios alunos, com autonomia, navegaram pelo endereço eletrônico, tecendo suas curiosidades e descobertas. Da partilha à construção de hipóteses, a aprendizagem foi ganhando espaço e sendo traduzida em narrativas múltiplas que refletiam o “olhar para o outro em tempos e espaços diversos” (CAINELLI, 2010. p. 27).

A etapa dois consistiu na mobilização para a execução da atividade. Os discentes foram convidados a elaborar *on-line* uma camiseta virtual. Desafiados a promover uma campanha no ciberespaço de proteção aos povos nativos, o grupo recebeu via *chat* da plataforma⁴⁹ de aulas remotas o modelo das camisetas virtuais.

⁴⁸ O Guarani sempre teve um cântico. Geralmente um cântico que fala da cultura, da religião, da travessia da Terra Sem Male. Também fala dos pássaros. Esses cânticos representam para nós o cântico da paz. No casamento, tinha esse cântico das crianças. E, quando as crianças nascem, também tem o cântico. Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas>. Acesso em 21/11/2020.

⁴⁹ Plataforma Microsoft Teams.

Mediados pela minha intervenção, solicitou-se a criação de *hashtags*⁵⁰ conscientizadoras e motivadoras de adesão à campanha de proteção aos povos nativos do Brasil. Diante da camiseta virtual, o aluno foi orientado a registrar e ilustrar a sua produção de forma atraente, partindo da perspectiva que este meme circularia via *web* e fortaleceria a proposta pretendida.

Grande parcela do grupo optou em utilizar os recursos tecnológicos para produzir a camiseta, mas os que ofereceram resistência, seja em função do não conhecimento destes aparatos ou pela simples preferência da produção manual, tiveram a opção de imprimir, desenhar, cortar, colar e pintar.

Entendemos que ambas as possibilidades de realização do *layout* da camiseta atenderiam aos objetivos da proposta. Como afirma Costa (2019), o trabalho didático a partir do mundo digital não está totalmente impossibilitado quando problemas quaisquer aparecem quanto à utilização de suas ferramentas. Sempre existirá a possibilidade dos usos da lógica do digital quando a tecnologia estiver ausente. Diante disto, o “digital no papel” e o “papel no digital” (Costa, 2019, p. 183) surgiram com práticas viáveis para nossa proposta diante da resistência de alguns alunos. Não nos importava tanto a utilização do computador e de seus *softwares* de diagramação, mas o desenvolvimento do que a autora classificou como multiperspectiva, interconexão e da noção de rede, desenvolvendo um pensamento não linear. Como a proposta era usar a linguagem dos memes, o interessante era seguir a perspectiva dos textos digitais, a hipertextualidade, a interatividade ou a conectividade, mesmo sendo no papel escrito a lápis ou à caneta.

Figura 28 – Sugestões de modelos de camisetas

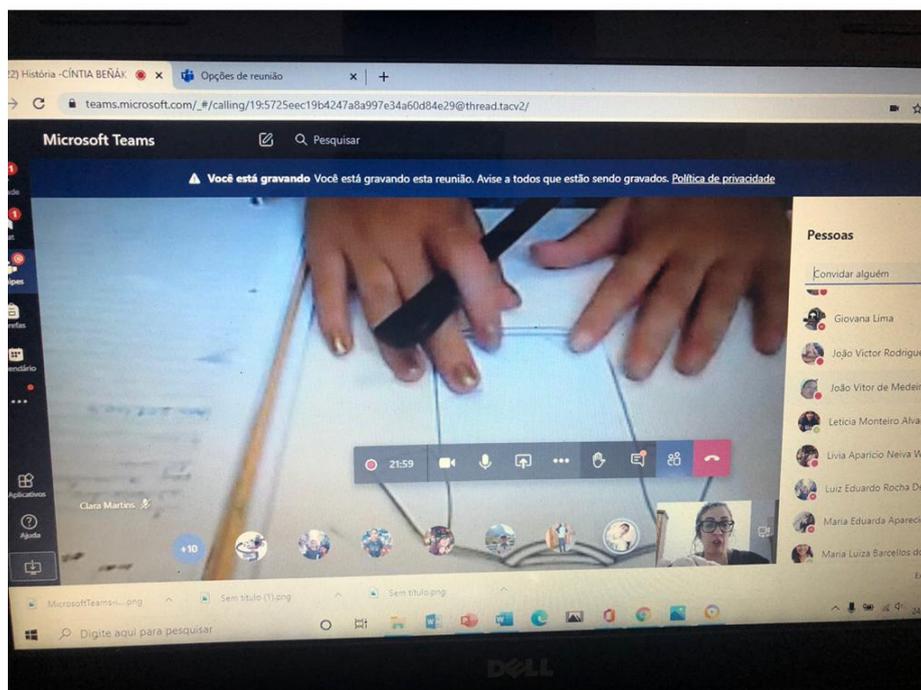


Fonte: <http://indicemalhas.com.br/blog/fabrica-de-camisetas-qual-e-o-preco-medio-das-camisetas-no-atacado>. Acesso em: 20 nov.2020.

⁵⁰ Tipologia de meme classificado pela autora Limor Shiffman como “memes com base de ação”, pelo qual nota-se uma ligação entre o pessoal e o político. “Esse tipo de meme é fortalecido pela ação coordenada dos usuários, sendo um grande exemplo de que a união realmente faz a força” (#MUSEUdeMEMES, acesso 09/10/2020).

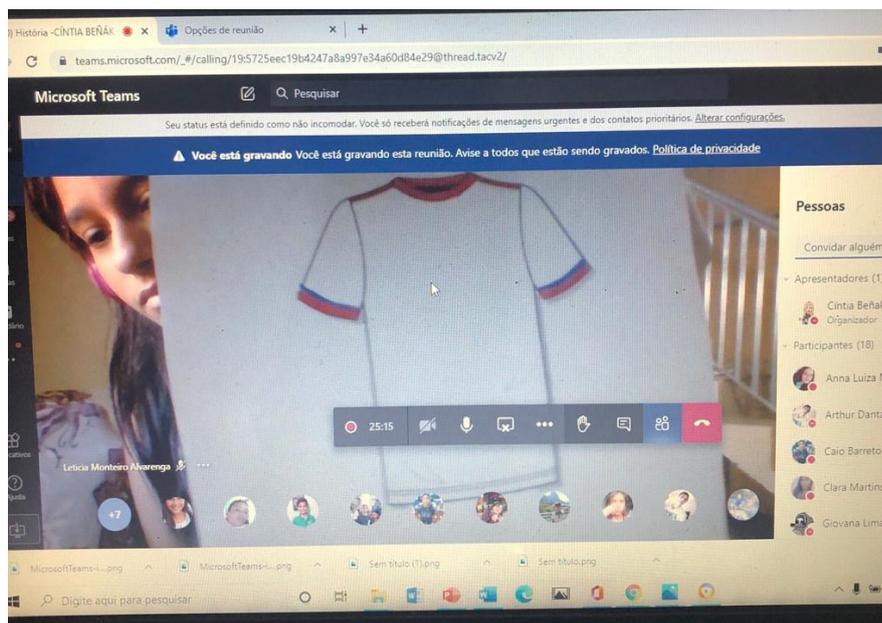
O momento de produção foi bastante turbulento, haja vista ter ocorrido no tempo real da atividade síncrona. Alguns imprimiram a folha e iniciaram a produção, enquanto outros se apropriaram dos recursos disponíveis na *web*. Eram, portanto, duas formas de trabalhar, mas uma lógica apenas por trás do trabalho. Houve intencionalidade na escolha por esse momento, para o desenvolvimento da tarefa didática. Minha mediação tinha como objetivo não apenas auxiliar com as dúvidas que surgiam, mas estimular trocas e o trabalho coletivo, além de discutir o espírito na construção da campanha. Experimentar o trabalho coletivo, a partir do princípio da cooperação, segundo Cainelli (2010), propicia ao aluno a oportunidade de expor seus argumentos, refutar ou acolher os dos outros ao modo que possa examinar e confrontar posições, negando ou afirmando outras formas de argumentação. A experiência permitiu concluir que o trabalho em forma remota não impossibilita o desenvolvimento do trabalho coletivo, se houver planejamento e ter em mente a lógica do digital, como refletido por Costa (2019).

Figura 29 – Confeção das camisetas virtuais da aula-oficina – Varal de memes



Fonte: A autora, 2020.

Figura 30 – Confeção das camisetas virtuais da aula-oficina – Varal de memes



Fonte: A autora, 2020.

As duas fotografias, conforme a Figura 29 e a Figura 30 acima, apresentam o momento de elaboração da aula-oficina em tempo real com os alunos. Pensa-se que esta etapa foi bastante significativa, haja vista, o espaço criado para que os alunos discutissem evidências e levantassem hipóteses acerca da identidade dos povos indígenas. Neste momento, o objetivo não é avaliar as produções meméticas, ou seja, as narrativas históricas produzidas pelos estudantes, mas considerar todo o processo de produção e pesquisa que está sendo realizado para confeccioná-las.

Esta etapa ocorreu em dois momentos. O primeiro consistiu no envio das produções a partir de três opções: 1) E-mail; 2) *Chat* da Plataforma *Microsoft Teams*; 3) *Direct* da conta do *Instagram*. Optei em diversificar os modos de envio para atender às diversas necessidades e, claro, facilitar o processo, a fim de que houvesse uma grande adesão dos discentes. Após essa fase de envios, foi necessário organizar pastas virtuais com os trabalhos e, em seguida, fazer a edição das camisetas nos desenhos dos varais. Desenvolver esta etapa foi uma opção minha, pois alguns recursos do aplicativo *Canva* exigem pagamentos de taxas para se ter acesso a determinados modelos. Como esta parte da produção não está relacionada à aprendizagem histórica, concluí que a divulgação editada dos memes seria esteticamente mais motivadora e significativa.

A exposição virtual ocorreu de forma gradativa. Os memes que estavam dentro da proposta dos objetivos iniciais foram divulgados no *Instagram* e obtiveram uma aceitação bem

positiva, em função do grande número de curtidas (Figuras 31, 32, 33 e 34). Os próprios alunos sentiram o desejo de publicar suas campanhas em suas redes sociais na intenção de fazer a proposta circular via *web*.

Quanto ao grupo que executou a atividade de forma manual, o procedimento foi similar. Após o preparo, com recortes, colagens e pinturas, eles foram orientados a fotografarem os memes e enviar pelos mesmos canais propostos. Como a atividade foi aplicada de forma remota, todo o grupo apresenta, neste momento de pandemia, acessibilidade à Internet, mas caso isso não seja a realidade do professor, entendo que a proposta poderá ocorrer da mesma maneira, basta que os memes sejam impressos e colados, por exemplo, em locais de fácil visualização da comunidade escolar.

Figura 31 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram



Fonte: A autora, 2020.

Figura 32 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram



Fonte: A autora, 2020.

Figura 33 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram



Fonte: A autora, 2020.

Figura 34 – Resultado da Atividade - Postagem no Instagram



Fonte: A autora, 2020.

Com a construção da campanha nas redes, os alunos tiveram que colocar em prática habilidades que formam o pensamento histórico, como inferir, ao pesquisar no *site*, selecionar informações/evidências e buscar respostas, levantar hipóteses, quando analisaram questões referentes à proteção das reservas indígenas, e construir narrativas, a partir da linguagem memética, para comunicar suas mensagens. Dessa forma, o aprendizado foi oportunizado a todos. Retomo que a ideia principal da atividade foi o processo de pesquisa e produção das narrativas midiáticas e não a avaliação do meme produzido, pois esperava-se construir de forma coletiva leituras mais críticas e conscientes acerca dos povos nativos do Brasil, na proposta de promover uma educação intercultural crítica, incentivando-os a reconhecer e valorizar as diferenças culturais.

Além disso, conclui-se, a partir da observação dos resultados, que essa atividade, em diálogo com a cultura juvenil, abriu possibilidades de se pensar o meme e sua respectiva potencialidade narrativa, de origem pública; e, de se ultrapassar os muros da escola e voltar ao ambiente digital de modo que possa elevar a consciência histórica de quem desenvolve a sua leitura.

3.4.2.3 Proposta 3 – Aula-oficina Memes em ambientes colaborativos

Esta atividade foi direcionada ao grupo do 6º ano. Pensada a partir da mesma temática do Varal de camisetas, povos nativos do Brasil, planejou-se, aqui, inserir o meme como uma estratégia de avaliação da aprendizagem, após uma sequência de aulas direcionadas à temática. A atividade ocorreu no modelo remoto e foi dividida em quatro etapas: 1) Explicação sobre o uso do ambiente colaborativo *Jamboard*; 2) Produção de respostas de forma interativa; 3) Análise das respostas produzidas; 4) Conclusão da atividade.

Esta atividade ocorreu duas semanas após a prática da aula-oficina, descrita na proposta 2 desta seção e dialoga com os objetivos propostos anteriormente, mas difere quanto à estratégia aplicada. Compreendendo os memes como potenciais produtores de narrativas de sentido histórico, pensou-se em construir outras leituras para a narrativa apresentada em um meme de Internet, a partir de sua inserção em um quadro branco inteligente, ferramenta do *Google Jamboard*⁵¹. A escolha por esse recurso foi planejada por ser uma ferramenta criativa e capaz de promover a autonomia dos alunos, a criatividade e a incentivar a aprendizagem coletiva. Essa opção de atividade dialoga com as reflexões de Oliveira (2010), ao mencionar que o professor precisa refletir sobre o momento necessário de apresentar aos alunos as múltiplas narrativas que envolvem um determinado conhecimento e, a partir disso, confrontá-las, interpretá-las e compreendê-las.

Pretendeu-se com esta proposta didático-histórica estimular a competência narrativa do aluno, competência específica e essencial da consciência histórica, levando-o a criação de outras narrativas históricas para além da apresentada no meme, com a finalidade de orientá-lo no tempo, a partir de uma síntese histórica das dimensões do tempo, do valor e da experiência (CERRI, 2010).

⁵¹ O *Google Jamboard* é um quadro branco inteligente que se conecta ao ecossistema do buscador, em especial o *G Suite*, a suíte de soluções corporativas do Google. Tela inteligente, em que se possibilita o acesso rápido às imagens de uma pesquisa no *Google*, permite salvar os trabalhos na nuvem em tempo real, reconhece através de uma ferramenta as formas de escrita à mão de fácil leitura, possibilita elaborar reuniões e rabiscar no quadro.

A primeira etapa consistiu na apresentação do recurso *Jamboard* aos alunos com explicações a respeito da atividade que seria desenvolvida, assim como instruções sobre o uso da ferramenta. Esse momento foi bastante difícil, tendo em vista a faixa etária dos estudantes. Eles são ansiosos no comportamento, falam todos ao mesmo tempo, mas são um grupo muito animado, pois tudo que é proposto, mesmo de forma remota, eles aceitam com muita empolgação. O uso do recurso foi rapidamente apreendido, afinal são “nativos digitais”, salvo algumas exceções que exigiram um pouco mais de tempo para compreender.

No segundo momento, etapa de construção, os alunos foram convidados a criar respostas para a pergunta: “A intenção do meme é nos fazer refletir sobre?” Com o *link* de acesso à tela, os estudantes estavam aptos a navegar pela tela interativa. Na tela branca, além da indagação proposta, constava o meme com a seguinte legenda: “Então você é contra a invasão de propriedade? / Ótimo, quando vai desocupar a minha terra?” Associado a uma imagem de uma criança indígena do tempo presente, a peça digital disponibilizava tanto pela narrativa como pelo código imagético, uma multiplicidade de possibilidades de análises e reflexões (Figura 35).

Figura 35 – Meme em ambiente colaborativo



Fonte: Disponível em: <https://blogdaines.wordpress.com/2014/10/06/preconceito-e-discriminacao-contra-pessoas-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Segundo Cadena (2018), a escolha do meme deve partir de alguns critérios, dentre eles, o seu potencial de estimular o confronto de ideias. A legenda escolhida teve como objetivo servir de estopim para que os alunos pudessem explorar questões discutidas na aula dialogada inicial, estimulando a produção de narrativas que pudessem ser porta-voz da forma como eles

estavam mobilizando as fontes e conhecimentos compartilhados, para uma aprendizagem mais significativa.

As respostas criadas pelos alunos eram digitadas em janelas, nas quais a criança podia escolher a cor e o tamanho das fontes utilizadas. O movimento dessas janelas pela tela branca também era possível, logo, em torno do meme e da questão proposta havia a construção de um *design* singular a partir de cores e formatos.

Esse momento foi reservado a trocas, reflexões e análises para a construção de respostas à questão proposta. Instigados pelas minhas intervenções, os memes gradativamente foram ganhando significado, a partir da construção de outras narrativas de sentido histórico que foram ocupando o quadro.

No decorrer da elaboração das respostas, os alunos tiveram a oportunidade de dialogar e construir hipóteses acerca do que estava sendo proposto. Essa etapa buscou dialogar com a terceira competência da BNCC, específica da História:

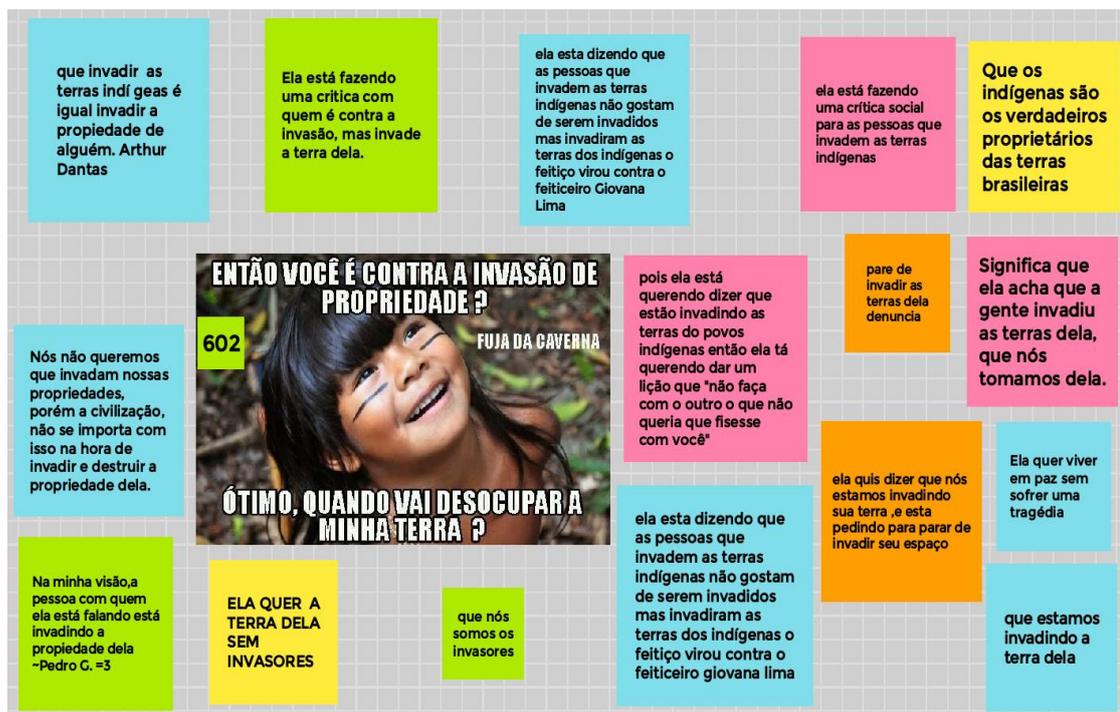
Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito (BNCC, 2017, p. 402).

Ao fim dessa etapa, imbuídos de autonomia, os “avatares/alunos” escolheram o fundo da tela, a cor das janelas onde escreveram os textos, o tamanho das postagens, ou seja, configuraram a tela de acordo com a escolha do grupo. Confesso não ter sido uma atividade fácil em virtude da faixa etária do grupo que, muitas vezes, entraram em desacordo até para a elaboração da formatação do quadro interativo. Porém, acredito que a resolução desses conflitos de convivência e trabalho coletivo também faz parte do processo de aprendizagem principalmente dessa fase da escolarização.

O instante final consistiu na reflexão em torno do momento de partilha da aprendizagem. Foi discutido com o grupo a relevância de se preservar e respeitar a resposta de todos os membros, pois a atividade permitia o compartilhamento da tela entre todos, deixando-os aptos a apagar quaisquer postagens realizadas por algum aluno. Por tratar-se de um grupo do 6º ano, com faixa etária entre 10 a 12 anos e por ter sido realizada a partir do modelo remoto, considero os resultados bem positivos tendo em vista a empolgação na construção de uma “expressão narrativa” resultante de um trabalho coletivo para o meme, e, produziu uma orientação no tempo: é possível pensar na aprendizagem histórica.

Ao final, em comum acordo com as turmas, a imagem do quadro interativo foi salva em formato PDF e compartilhada via *chat* da Plataforma *Microsoft Teams* (Figura 36).

Figura 36 – Resultado da proposta 3



Fonte: A autora, 2020.

As narrativas construídas demonstraram que, apesar da idade, o grupo do 6^a ano conseguiu desenvolver narrativas que exemplificam aspectos importantes do desenvolvimento do pensamento histórico, tais como a empatia: “*Se você é contra a invasão, não invada a terra dos indígenas*”, “*Nós não queremos que invadam nossas propriedades, porém a civilização não se importa com isso na hora de invadir e destruir a propriedade dela*”, “*que muitas pessoas consideram indígenas menos respeitáveis que outros povos*” e alteridade: “*Que os indígenas tem direito as suas próprias terras. Devemos respeitar o direito deles*” ou “*que nós somos os invasores*”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professores de História são muitos, centenas, alguns milhares de profissionais que trabalham, militam no cotidiano, anônimos, juntamente com os outros professores, de tantos outros saberes, portadores de sonhos, crenças, descrenças, desilusões...esperanças...mas que, postos diante de crianças e jovens inquietos, curiosos, agressivos, carentes, carinhosos, se veem desafiados a recomençar, a iniciar as conversas, as trocas, os ensinamentos, a desvelar os segredos deste mundo tão complexo, tão intrigante, tão chocante, tão surpreendente (Monteiro, 2007, p. 33).

Terceiro tempo de aula. Entro em sala e me preparo para escrever no quadro um esquema de aula com os itens principais do tema. De repente, ouço uma voz do fundo da sala do 8º ano, num tom um pouco alto, dizendo: “Não faz meme, professora!”. Essa expressão, embora pareça simples, representa um pouco da minha prática quanto docente nas inúmeras instituições de ensino por onde lecionei. Afinal, foram muitas aulas repetindo as mesmas estratégias em prol do término do programa curricular de História. Mas, hoje, isso tem um sentido diferente, uma resignificação. Retorno à aula bem feliz com os resultados obtidos com o projeto *Memes no Ensino de História*. Aquele aluno do fundo da sala agora diz: “Poxa, já acabou!”

Este projeto nasceu fruto de minhas inquietudes docentes, que, por sinal, triplicaram quando retomei os meus estudos no campo do Ensino de História no CESPEB e depois neste Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História. Uma nova perspectiva de ensinar e aprender se configurava na minha prática profissional, a cada aula, a cada leitura e discussão que me proponho, com o objetivo de atribuir sentido à aprendizagem histórica escolar. A aplicação das propostas didático-históricas com memes encerra uma etapa significativa na minha pesquisa acadêmica, mas inicia uma nova fase na minha prática pedagógica, a partir de tudo aquilo que foi analisado, estudado e produzido nestes anos de formação do ProfHistória/UERJ.

Quando me propus a pensar a linguagem dos memes, em função do seu respectivo consumo e produção pelos grupos mais jovens, almejava explorar o caráter comunicacional e discursivo que são identificados nas narrativas meméticas que circulam nos ambientes públicos e apresentam sentido histórico, na maior parte das vezes, propagadas pelo humor a grandes públicos. Levada a compreender estes significados produzidos nos ambientes virtuais, e desafiada por alguns elementos da cultura escolar, anteriormente mencionados, concentrei-me em leituras que possibilitassem diálogos entre esse objeto de estudo e o campo do Ensino de História, na finalidade de tornar minhas aulas mais significativas.

A ideia inicial existia, mas foi na sala de aula no ano de 2019 que ela foi ganhando espaço e forma. Como boa “imigrante digital” (PRENSKY, 2001), empenhava-me em acompanhar pela *web* os memes que estavam em evidência, na intenção de dialogar com minhas leituras, mas, por diversas vezes, era surpreendida com alguma outra peça digital, seja por *e-mail*, *WhatsApp* ou *Instagram*, que os alunos enviavam com a intencionalidade de identificar e relacionar ao que estava sendo discutido em aula. Enquanto eu buscava, eles iam além. Foi assim na maioria das vezes. De meme em meme, fomos percebendo que era possível aprender História a partir deles, seja inserindo-os nos *slides*, nas listas de exercícios, ou no final da aula para provocar algumas risadas. Independente do formato ou jeito, sempre existia um meme entre nós.

Das inúmeras intertextualidades que esse gênero textual é capaz de propagar, levando o leitor a entrar em contato com diferentes linguagens e semioses, o projeto foi mobilizado a construir sentido para as narrativas com significado histórico que estivessem dentro da perspectiva de aprendizagem dos grupos do 6º e 8º anos. Por entender que a compreensão leitora deles abrange uma complexidade de pressupostos, como a necessidade de se desenvolver habilidades de leitura a partir de diversas fontes, logo, de diversos gêneros textuais, o meme, como resultado de uma cultura digital, propiciou que os estudantes estabelecessem relações com as informações novas e os fatos históricos e, além disso, a partir de um letramento histórico, estabelecessem uma orientação temporal e a construção de novos significados. Ler o que está sendo apresentado no meme é ler nas entrelinhas, é associar os conhecimentos prévios do leitor ao que está sendo ofertado a ele, estabelecendo sentido e significado ao conjunto de frases, palavras, imagens e sons. Foi nessa busca que desenvolvemos o nosso historiar com memes.

A primeira etapa do projeto nos levou para fora do espaço escolar, a partir da visitação ao Museu da República para conhecer a exposição do #MUSEUdeMEMES, depois aprendemos com a oficina de linguagem dos memes organizada por integrantes do *web* museu e, por fim, em nossas aulas, já era um gênero textual que fazia parte das nossas relações diárias. O ano acabou, mas os memes não. Tivemos memes nas férias, mas agora não com narrativas de sentido histórico, e sim voltados para expressar o quanto tirar férias é bom. Chega 2020, primeiro dia de aula: “Vamos ter memes, professora?” Iniciamos o ano com muitos projetos e perspectivas, criamos a nossa conta no *Instagram*, elaborando nosso perfil, discutimos, analisamos, trocamos. Chegou o mês de março, e com ele a pandemia. Num curto espaço de tempo, de forma veloz, fomos surpreendidos por uma avalanche de informações. Levamos um bom tempo para nos adaptar a toda essa realidade histórica, que atravessou o momento da construção desta pesquisa.

Do espaço físico da escola com seus barulhos e as famosas rotinas, migramos para dentro de um computador frio, sem trocas e sem vozes. Os alunos não eram mais os meus alunos, eram personagens de desenhos animados, *youtubers*, avatares, heróis. As aulas seguiam assim, sem fotos, sem palavras, no silêncio. Algumas poucas exceções para o grupo do 6º ano, estes sim, falam demais. Que alegria! Neste momento, aquele conhecimento da tecnologia que era visto pela escola como um impedimento à aprendizagem, tornou-se essencial.

Aos poucos, com o passar do tempo, fomos retomando o nosso projeto. Em função da conjuntura, desenvolvemos propostas didático-históricas, a partir da estratégia de aulas-oficina, tendo em vista ser um método que estimula a troca, a integração e a associação da aula teórica com a prática. Era isso que estava faltando. Com temas para além daqueles estabelecidos pelo programa curricular de História, documentamos os sentimentos gerados pela pandemia do Covid19 através dos memes, construímos campanhas de proteção aos povos indígenas e escrevemos uma História escolar em ambientes colaborativos. Para além disso, desenvolvemos afetividade, diálogo, trocas, nem sempre a partir do som, ou seja, pela narrativa do aluno, mas por memes.

Embora de forma remota, considero ter sido essa segunda etapa do projeto bastante significativa, haja vista a História que se construiu a partir das próprias narrativas dos sujeito-alunos sobre o momento vivido. Como propôs Cainelli (2010), ensinar História não quer dizer que não se tenha conteúdos a serem ensinados, mas olhar para eles, a partir de alternativas de se construir com os alunos novas questões diante dos conteúdos/temas propostos pelos historiadores ou pelo próprio livro didático. As aulas-oficina estimularam as habilidades que formam o pensamento histórico dos estudantes, com base em discussões de evidências, levantamento de hipóteses e diálogos com os sujeitos em temporalidades e locais múltiplos. Memealizar levou este grupo a “olhar para o outro em tempos e espaços diversos”. (CAINELLI, 2010, p. 27). E quanto à aprendizagem histórica significativa tão descrita nesta pesquisa, creio que, a partir das narrativas meméticas criadas, verbalizadas, discutidas, que foram construídas de forma coletiva ou, até mesmo, através daquelas que geraram dúvidas, deu-se o início do plantio de uma semente de um ensino escolar de História capaz de proporcionar diferença na capacidade do aluno de agir no mundo em sintonia com a sua leitura desse mesmo mundo, levando-o a abrir portas para a sua capacidade de pensar, agir e atribuir sentido ao tempo (CERRI, 2010).

De todas as propostas didático-históricas realizadas, observei que, especificamente, alguns alunos do 6º ano apresentaram algumas dificuldades em criar os memes. Mesmo com todas as orientações de como elaborar, a partir de indicações de *sites*, demonstram ser excelentes consumidores da cultura da digital, mas não produtores. Algumas funções simples como editar e agrupar imagens, assim como correlacionar o texto à figura ou a um recurso um pouco mais avançado foram inicialmente obstáculos, que por sua vez, só foram superados com as intervenções da própria turma e do professor. Essa reflexão direciona à importância do professor como mediador do processo de aprendizagem, mesmo em tempos de ubiquidade da Internet, no qual o acesso se torna mais flexível aos jovens. Com isso, mesmo em tempos do “googlar” (Lucchesi, 2018), o professor ao incorporar as tecnologias à sua prática precisa significar estas ferramentas, tendo em vista que a acessibilidade não faz dela algo de sentido para a aprendizagem histórica.

Não cabe aqui colocar os memes como única narrativa histórica capacitada a expressar um sentido histórico que leve a essa organização temporal de vida prática ao aluno, até porque as narrativas fazem-se presentes nos mais diversificados contextos sociais e culturais, mas é preciso entender que, por ser uma narrativa digital muito comum na vida dos jovens, os memes podem ser um dos meios de se acelerar os projetos que visam à uma maior complexidade da consciência histórica por meio do ensino escolar.

Para a Escola X, a incorporação de novas linguagens midiáticas em nossas aulas produziu alguns efeitos positivos tanto em sua cultura escolar de uma maneira geral como na importância percebida da disciplina da História como disciplina escolar. A forma como este conhecimento passou a ser divulgado no espaço escolar repercutiu na atitude dos responsáveis, dos professores de outras áreas do conhecimento e inclusive da Direção. Aquela História configurada apenas para atender às demandas das provas dos concursos e como uma disciplina que permite “decorar” ganhou espaço para desenvolver seus projetos, conquistou o aumento da carga horária escolar para o 6º ano, desenvolveu uma perspectiva de aprendizagem de sentido para os alunos e aos poucos está conscientizando pais e demais colegas de trabalho do quanto aprender História é importante para dar respaldo ao sentido social do aprendizado escolar.

Esta pesquisa foi pensada a partir dos pressupostos teóricos que consolidam o Ensino de História como um campo de pesquisa singular. Por isso ressalto o quanto é importante a compreensão de que a associação da reflexão teórica, aquilo que é produzido na academia, com a práxis dos espaços escolares, teoria e prática produzida nas escolas, é fundamental para a nossa afirmação profissional e social. Embora saibamos que ser professor e pesquisador nas circunstâncias em que se encontra a Educação no país, baixos salários e desvalorização docente,

dificulte essa troca. Espera-se, contudo, que estas possam ocorrer e que sejam extensivas a todos os professores que resistem diariamente aos “retrocessos” educacionais. Foi pensando nessa perspectiva de trocas, de construção de diálogos e na esperança de outros novos projetos que elaborei, a partir dos resultados obtidos no *Memes no Ensino de História*, um Guia Didático *on-line* para professores, com sugestões e dicas das experiências e dos resultados alcançados, na esperança de que se desenvolvam mais trabalhos e experiências com este gênero textual de forte potencial educativo.

Não mais, finalizo com a sensação de que o “Não faz meme, professora!”, hoje, tem um novo sentido para mim. A manhã daquele dia ressignificou uma professora.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. de C. *Políticas e Déficit de Saneamento Básico: O caso da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro, 2020. 167p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas). Instituto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

ALBIERI, S. *História Pública e Consciência Histórica*. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. pp. 19-28.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História? In: GABRIEL, Carmen Teresa; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim; MONTEIRO, Ana Maria. (Orgs.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro. Mauad Editora, 2016, v. 1, pp. 21-42.

ALMEIDA, J. R. de; ROVAI, M. G. de O. (orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, J. R. de; MENESES, S. (Orgs.). *História Pública em Debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALVES, N; AZEVEDO, G (Orgs.). *Formação de professores: possibilidades do impossível*. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

ANDRADE, A. M. A. A construção do conhecimento histórico a partir da produção de memes. *Anais... XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*, Brasília, 2017.

ANDRADE, A. M. A. *Memes Históricos: uma ferramenta didática nas aulas de História*. Natal, 2018. 129f. Dissertação de mestrado. Programa Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018.

ANHORN, C. T. G. Teoria da História, Didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 32, no 64, 2012, p. 187-210.

ANTUNES, C. *Na Sala de Aula*. 2º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

ARRAIS, C. A. Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, 2009.

BARCA, I. *Aula-oficina: um projeto à avaliação*. In. BARCA, I. (org.) *Para uma educação histórica com qualidade*. Braga: Uminho, 2004, p.131-144.

BARROS, J. D. A. *Fontes históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BERGMANN, K. História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, set./fev. 1989-1990.

BLACKMORE, S. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BRASIL. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017.

BURGESS, J. “Toda sua chuva de chocolate está perfeita a nós?” vídeos virais, Youtube e a dinâmica da cultura participativa. In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 127-138.

CABRAL, I. Nove modinhas da Internet nos anos 2000. *TechTudo*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/10/nove-modinhas-da-internet-nos-anos-2000.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2020.

CADENA, S. R. G. *Narrativas digitais e a história do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de História*. Recife, 2018. 214f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

CADENA, S. R. G. Novos objetos para o ensino de história: Os memes na sala de aula. Recife: *XII encontro estadual de História da ANPUH-PE “História e os desafios do tempo presente”*, 2018.

CAIMI, F. E.; NICOLA, B. Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suportes de informação. *OPSSIS*, v. 15, n. 1, p. 60-69, 2 abr. 2015.

CAIMI, F. E. *Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica*. In: MAGALHÃES, Marcelo de Souza *et al.* (Org.). *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 165-186.

CAIMI, F. E. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2006.

CAINELLI, M. R. Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 127-139, out./dez. 2011.

CAINELLI, M. R.; BARCA, I. A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado. *Educ. Pesqui* [on-line]., São Paulo, v. 44, 5 mar. 2018.

CAINELLI, M. R.; TOMAZINI, Elizabete Cristina de Souza. A aula-oficina como campo metodológico para formação de professores em história: um estudo sobre o PIBID/HISTÓRIA/UDEL. *História & Ensino*. Londrina, v.23, n.2, p. 11-33, jul./dez. 2017.

CAINELLI, M. R. O que se ensina e o que se aprende em história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). *História: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 17-34.

CARVALHO, B. L. P. de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, 2014, p. 165- 188.

CARVALHO, B. L. P. de. *Nativos Digitais, imigrantes digitais: quinze anos depois*. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton [orgs.] Para um novo amanhã: visões sobre aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/23210053/Nativos_digitais_imigrantes_digitais_quinze_anos_depois. Acesso em: 01 out. 2020.

CARVALHO, B. L. P. de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018. pp. 169-174.

CARVALHO, B. L. P. de; TEIXEIRA, A. P. T. *História pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

CERRI, L. F. Didática da história: uma leitura teórica sobre a história na prática. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CERRI, L. F. Um lugar na história para a Didática da História. *Revista História & Ensino*, v. 23, p.11-30, 2017.

CHAGAS, V. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHAGAS, V. A febre dos memes de política. In: Encontro anual da ANPOCS, 40., 2016, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2016. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10320-a-febre-dos-memes-de-politica/file>. Acesso em: 24 nov. 2020.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; MATTAR NETO, J. Saber digital e suas urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. *Educ. Real*, 2018, v. 43, n. 3, p. 1077-1094.

COSTA, M. A. F. da; LUCCHESI, Anita. *Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação*. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Josefa Eliana Souza. (Org.). *História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas*. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação, 2016, v. 1, p. 336-366.

COSTA, M. A. F. da. *Ensino de História e Historiografia escolar digital*. Rio de Janeiro, 2019. 232 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, A. L. *et al.* Da teoria à prática: a utilização de oficinas didáticas no processo de ensino e aprendizagem para alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Ensino e Tecnologia*, v. 13, n. 1, p. 240-257, jan./abril. 2020.

DAVISON, P. *A linguagem dos memes de Internet (dez anos depois)* In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 139-155.

DAWKINS, R. *O Gene Egoísta (1979)*. *Coleção O Homem e a Ciência*, v. 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DE JESUS OLIVEIRA, K. E.; PORTO, C. de M. *Ensinar e aprender com memes Notandum*, n. 52, p. 97-113, 28 dez. 2019.

DIAS, D. *Redes sociais 2020: As tendências para você aplicar desde agora*. Eixo Digital. Disponível em: <https://eixo.digital/blog/redes-sociais-tendencias/> Acesso em: 18 nov.2020

FONSECA, T. N. de L. Ensino de história, mídia e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

FREITAS, R. R. Aprendizagem histórica e cultura histórica: contributos para investigações sobre o lugar da intersubjetividade na formação história. *História & Ensino*, Londrina, v. 22, n. 2, p. 247-262, jul./dez. 2016.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>, Acesso em: 30 nov. 2020.

GABRIEL, C. T.; MARTINS, M. L. B.; MONTEIRO, A. M. (Orgs.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2016.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Memes on-line, afinidades e produção textual (2007-2018). In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020.p. 85-125.

KOCH, L.G.V; ELIAS. V.M. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo. Contexto, 2007.

LAMARÃO, L. Q. O uso de memes nas aulas de história. *Revista Periferia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 179-192, jan./abr.2019.

LEAL-TOLEDO, G. Controvérsias meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore. 2009, 467 p. Tese (Doutorado Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LEAL-TOLEDO. G.; SILVA, T. T. da. A memética e seu lugar entre as ciências. *Scientiarum História VII*, 2014. ISSN 2176-1248.

LEE, P. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Revista Educar*; Dossiê Educação Histórica, Curitiba, v. 22, n. especial, 2006. LEE, Peter. *Educação histórica, consciência histórica e literacia histórica*. In: BARCA, I.(org.). *Estudos de consciência histórica na Europa, Ásia e África*. Braga: Uminho. 2008.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: *Perspectivas em educação histórica*. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Isabel Barca (Org.). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2001. p. 13-27.

LUCCHESI, A. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. In: *XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RJ*, 2012, Rio de Janeiro. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012, pp. 1-9.

LUCCHESI, A. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LUCCHESI, A. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal. Anais eletrônicos...Natal: Associação Nacional de História, 2013. p. 1-17.

LUCCHESI, A.; CARVALHO, B. L. P. de. História Digital. Reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

LUCCHESI, A.; MAYNARD, D. C. S. Novas tecnologias. In: *Dicionário do ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

LUCCHESI, A. Do texto ao hipertexto: notas sobre a escrita digital da história no século XXI. In. Jornadas de história moderna y contemporánea: Encuentros entre la política, la economía, la cultura y la sociedad, 7, 29-30 nov. Buenos Aires, 2012. *Anais...* Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2012. Disponível em: Acesso em: 07 jun. 2018.

LUNARDI, G. M.; BURGESS, J. “É zoeira” as dinâmicas culturais do humor brasileiro na Internet. In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. P.427-457. maio 2018. ISSN 2316-8722.

MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.de; SANTHIAGO, R. (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MENDES, C. A. M.; COSTA, M. A. F. da. O sequestro do imaginário e a escrita da história: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. *Revista TransVersos*, [S.l.], v. 7, n. 7, p. 54-70, set. 2016. ISSN 2179-7528. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/23004> Acesso em: 26 nov. 2020.

MENESES, S. Qual a função da história pública em um país caracterizado por uma forte concentração midiática? In: MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018. pp.181-188.

MONTEIRO, A. M. F. C. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de história. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, pp. 333-347, set./dez. 2005.

MONTEIRO, A. M. F.C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, A. M.; PENNA, F. de A. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educação & Realidade*, v. 36, 2011, pp. 191-211.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Ponta Grossa, PR: UEPG/PROEX, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas, v. 2. pp. 15–33.

MUNIZ, J. P.; GOMES, J. J. Intertextualidade e construção de sentidos: uma análise de memes no Facebook. *Revista Diálogos*, n. 20, pp. 329-341, set./out., 2018.

MUSEU DE MEMES. [201-?]. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

OLIVEIRA, K. E. DE J.; PORTO, C. DE M.; ALVES, A. L. Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na Cibercultura: da viralização à educação. *Acta Scientiarum. Education*, v. 41, n. 1, 2 jan. 2019.

OLIVEIRA, M. M. D. de (Coord.). O que se ensina e o que se aprende em História. In: História: ensino fundamental. *Coleção Explorando o ensino*, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. pp. 17-34

OLIVEIRA, M. M. D. de (Coord.). Introdução: a História nas salas de aulas brasileiras. In: História: ensino fundamental. *Coleção Explorando o ensino*, v. 21, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. pp. 9-16.

PEREIRA, N. M.; MEINERZ, C. B.; PACIEVITCH, C. Viver e pensar à docência diante das demandas sociais e identitárias do século XXI. *História & Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, pp. 31-53, jul./dez., 2015.

PERUZZO ROCHA CAVALCANTI, D.; LEPRE, R. M. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de história. *CIET: EnPED*, [S.l.], maio 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PESSI, B. S. O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, v.2, n. 3, p. 933-947, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/746>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PRENSKY, M. *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais*. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza, 2001. Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/fetch/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

RECUERO, R. da C. Memes em *weblogs*: proposta de uma taxonomia. *Revista FAMECOS*, v. 14, n. 32, n. p. 23-31, abr. 2007.

ROCHA, H. A. B. A escrita como condição para o ensino e aprendizagem de história. In: *Revista Brasileira de História*, v.19, n. 60, São Paulo, 2010, pp. 121-142.

ROCHA, H. A. B. Aula de História: Evento, Ideia e Escrita. *História & Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, pp. 83-103, jul./dez. 2015.

ROMERO, X. R.; HERRERA, J. I. V. Do meme teórico ao meme prático. In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 157-175.

RÜSEN, J. *Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: *Práxis Educativa*, Ponta Grossa n. 2, v.1. jul./dez. 2006.

RÜSEN, J. *Rüsen e o ensino de história*. Schmidt, M.A; Barca, I.; Martins, E. R. (orgs). Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.23-35.

SCHIFMAN, L. Uma biografia telegráfica de um encenqueiro conceitual. In: CHAGAS, Viktor. *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 79-83.

SCHMIDT, M. A. A Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história. *Intelligere*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 60-76, 2017. DOI: 10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/127291>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Orgs.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SCHMIDT, M. A. Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica. *Mneme: Revista de Humanidades*, Caicó, v. 16, n. 36, p. 10-26, jan./jul. 2015.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. Massachusetts: MIT Press, 2014.

SILVA, D. L. S. Os memes como suporte pedagógico no ensino de história. *Revista Periferia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, pp. 162-178, jan./abril. 2019.

SILVA, M. A. Letramento no Ensino de História (Literacy in History Teaching). *Cadernos de História*, v. 12, n. 17, pp. 111-130, 2011.

SIMAN, L. M.C.; DUTRA, S. F. Tempo: uma categoria central do pensamento e da ação humana. In: *Educação Especial Inclusiva*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, VI, p. 44-55, 2005.

SOUZA, M. A. de. Memes de Internet e educação: uma sequência didática para as aulas de História e Língua portuguesa. *Revista Periferia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 193-213, jan./abr.2019.

TREVISAN, M. K.; DE PRÁ, E. B.; GOETHEL, M. F. Meme: intertextualidades e apropriações na Internet. *Revista Observatório*, v. 2, n. 1, p. 277-298, 1 maio 2016.

VITÓRIA, B. Z. *Sobre memes e mimimi: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais*. Florianópolis, 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina. - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

WANDERLEY, S. M. de A. I. Narrativa midiática e narrativa didática de história: caminhos entrecruzados na contemporaneidade. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 3, 2013, pp. 217-234.

WANDERLEY, S. Didática da história escolar. Um debate sobre o caráter público da história ensinada. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (Orgs.). *História Pública em Debate: Patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 95-108.

WANDERLEY S. Narrativas contemporâneas de História e Didática da História escolar. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 207-217.

APÊNDICE A – Apresentando o artefato didático histórico – Guia didático *on-line*

Diz o provérbio que “não existe vento favorável para quem não sabe aonde vai” e ele se aplica muito bem à navegação na *web*. É preciso entender que a tecnologia, em si mesma, não é mais do que um recurso em potencial. O que a torna importante no processo de aprendizagem é a intencionalidade do professor, a clareza metodológica acerca da sua funcionalidade, os objetivos de aprendizagem que orientam o seu uso na proposta histórica e pedagógica em curso num dado contexto escolar. (Caimi e Nicola, 2015, p. 68).

O produto desta pesquisa consiste em um guia *on-line*: “Memes no Ensino de História: um diálogo possível” destinado aos professores que pretendem apropriar-se destas peças digitais e aplicá-las em suas aulas, na perspectiva de desenvolver uma aprendizagem histórica escolar mais significativa. Pretende-se com este material auxiliar os professores a ressignificarem as suas práticas, e, quando possível, integrarem esta produção midiática ao arsenal de estratégias que possibilitam a aprendizagem da História escolar.

Objetiva-se com este material divulgar algumas propostas didático-históricas que podem ser desenvolvidas com os memes nas aulas de História. Por isso, este Guia tem como objetivo apenas orientar e sugerir a partir de minhas experimentações baseadas na Didática da História e que deram origem ao projeto *Memes no Ensino de História*. Por isso, ficará a critério do professor(a)/leitor(a) adaptar as propostas de acordo com a sua realidade e perspectiva de aprendizagem.

Entendendo que o desenvolvimento do pensamento histórico precisa ser objeto do ensino de História, este Guia dialogou com pesquisadores como Caimi, Cainelli, Cerri e Rösen. A metodologia aplicada foi a de aulas-oficina, tendo em vista ser este um método capaz de dar protagonismo ao aluno quando relaciona a teoria aplicada em sala de aula com a prática motora, ressignificando o papel do professor e da participação ativa do aluno e criando um espaço de trocas, de diálogos e de aprendizagens significativas.

A organização do Guia Didático *on-line* está estruturada em 4 partes: 1) Apresentação ao professor/leitor; 2) Fique por dentro; 3) Antes de memear, é bom lembrar; 4) Propostas de atividades.

A primeira seção abrange uma breve apresentação direcionada ao professor, a fim de esclarecer os diálogos possíveis dos memes com o Ensino de História. O objetivo é inserir o docente dentro dos pressupostos teóricos que envolvem a pesquisa proposta.

Já a seção “Fique por dentro”, foi organizada na perspectiva de apresentar dicas ao professor de como colocar em prática as propostas didático-históricas. Pensa-se que indicações de *sites* de elaboração de memes, tal como para pesquisas sobre o tema, sejam interessantes e motivadoras, já que auxiliam nas demandas necessárias ao planejamento da aula.

O item “Antes de memear, é bom lembrar!” consiste em uma retrospectiva das ideias esclarecidas na apresentação, com a finalidade de reforçar questões importantes a serem lembradas pelo professor antes de aplicar os memes em sua prática pedagógica.

Por fim, o guia reúne dicas de quatro possíveis atividades com memes que foram experienciadas, a partir de aulas-oficina, nas turmas do Ensino Fundamental II. Nesta seção, enfatiza-se os objetivos de cada atividade, algumas orientações ao professor e as etapas de execução das propostas.

Finalizando, são apresentadas referências bibliográficas que permitem aos professores produzirem seus próprios diálogos com pesquisadores de diferentes áreas que têm o meme como objeto de investigação.

Link de acesso ao Guia Didático:

https://drive.google.com/file/d/1ZEH0h0YKEEXvLq2cxDBD4o3rUv_4N1Gt/view?usp=sharing

APÊNDICE B – Formulário digital: uso dos memes *no ensino de História*

Formulário Digital: Os usos de memes no ensino de história



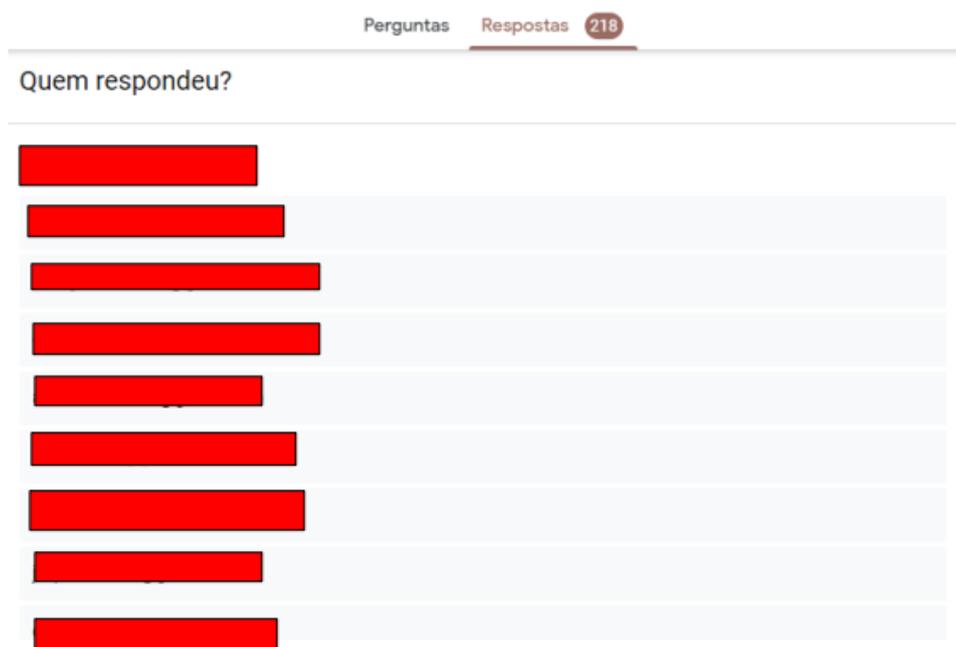
Legenda: Capa do Formulário

Não está aceitando respostas

Mensagem para os participantes

Este formulário não aceita mais respostas

Legenda: Com o fim do preenchimento do formulário a imagem acima.



APÊNDICE C – Orientações para os alunos – Proposta 1/ANO 2020



#PARTICIPE

PROJETO MEMES NO ENSINO DE HISTÓRIA

1.0 – Ambientação

Para Dennett (2002), “um meme é um pacote de informações com atitude”. O meme viaja muito e viaja rápido, porque viaja leve. Precisa dizer o bastante usando muito pouco, fazer uma entrega rápida de sentido com poucas demandas e exigências. O meme, portanto, é a linguagem básica de uma cultura da velocidade, da disseminação e, ao mesmo tempo, da fragmentação de identidades é da tribalização do mundo.

Chagas, Viktor. A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. EDUFBA, Salvador, 2020.

1.1 – Memes estão definitivamente na moda. Nós abrimos nossa caixa postal e recebemos uma correntinha de e-mail, acessamos um site de rede social e nos deparamos com uma imagem legendada, dali uns dois minutos chega um vídeo viral. A palavra é um neologismo, o campo de estudos é recente, mas o fenômeno não se circunscreve à cultura do compartilhamento contemporânea. Os memes têm história...

<https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>

1.2 (...) o folclore, a moda, a gastronomia e praticamente tudo o que conhecemos no nosso ambiente cultural são memes. Dos jeans rasgados à tradição de cantar nas festinhas de aniversário “Parabéns a você” (que aliás é uma canção protegida por direito autoral). É claro que há uma série de críticas a esta visão, mas se queremos entender o que é um meme hoje, precisamos, antes de mais nada, compreender que os conceitos também se atualizam, se ressignificam e se subvertem.

<https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>

1.3 – Visite a página: #MUSEUdeMEMES para entender melhor o universo dos memes.

2.0 – Como participar?

Os alunos deverão elaborar um meme que apresente a sua história, ou seja, uma narrativa capaz de expressar os seus sentimentos, medos, alegrias, angústias, aprendizagens e possíveis outros que, neste momento de pandemia do coronavírus, estão presentes.

2.1 – Use imagens criativas e com humor, caso seja a sua vontade.

2.2 – Cuidado com textos ou imagens ofensivas que estejam ligadas às questões políticas. Não utilize palavras ou imagens inapropriadas ao ambiente escolar.

2.3 – Procure expressar o seu próprio sentimento.

2.4 – Seja criativo e desperte para o uso da tecnologia de modo positivo.

2.5 – Faça a postagem dos memes no *Instagram*: @memes_na_historia via DIRECT.

2.6 - Caso você não possua uma conta no *Instagram*, envie para a sua professora pela **Plataforma da Microsoft Teams**. Existe também a opção de enviar pelo e-mail= **cintiabenak@yahoo.com.br**

2.7 – Entregar até 02 de junho.

3.0 – Como elaborar seu meme?

3.1 - Utilize as diversas ferramentas disponíveis na *web*.

3.2 – Possíveis aplicativos:

- **“Memegen”** é a ferramenta para a criação de memes da *Imgur*. É um gerador de memes muito eficiente, que possui um menu em cascata selecionável que você pode utilizar para escolher: o seu meme, exemplos mais populares desses memes, e possui a habilidade de criar um meme totalmente novo. Quando você terminar de criar, a sua imagem poderá ser enviada diretamente para o *Imgur* para ser compartilhada e incorporada em páginas *web*.
- **A página web da Livememe** é uma coleção dos mais populares personagens virais da atualidade da Internet. Clique na imagem que preferir, adicione suas legendas e clique em “Generate” (gerar), em seguida, clique com o botão direito do mouse e escolha a opção “salvar imagem como...”.
- O **Meme Dad** gera memes sem marca d’água e é livre de anúncios. A sua estrutura é semelhante à da Livememe e foi concebido especificamente para a funcionalidade conjunta com o *Reddit*. Escolha a imagem, ou use a caixa de pesquisa para encontrar uma imagem específica para o seu meme, legende-a, e em seguida clique em “Create” para criar o meme. Salve para o seu computador, ou compartilhe no *Reddit* (se possuir conta no mesmo).
- O **Meme Generator Free** tem um banco de dados com quase mil imagens de memes prontas para você usar. Infelizmente, a ampla maioria está em inglês, o que pode ser um limitador nesse sentido. Porém, há ferramentas também para você criar as suas próprias montagens. Use as fotos do arquivo ou as suas, adicione textos e compartilhe o conteúdo com facilidade em redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Entre outros recursos, há a possibilidade de adicionar stickers e ajustar as fontes de texto em cor e tamanho.
- Embora o nome tenha inspiração no *Instagram*, o **Instameme** é na verdade uma ferramenta de criação de memes com um banco de dados enorme. Segundo os desenvolvedores, há mais de 5 mil imagens disponíveis para edição – entre elas algumas das mais clássicas da Internet e que provavelmente você já deve ter recebido alguma vez. Entre os recursos do aplicativo, está a possibilidade de incluir emojis, emoticons e stickers. O editor de textos é simples e intuitivo e torna muito fácil o uso da plataforma. Outra possibilidade muito útil é a de trabalhar com camadas e adicionar planos de fundo às suas fotos antes de finalizar a criação do meme.

- Feito por brasileiros e para brasileiros, a principal vantagem do app **Gerador de Memes** é o fato de estar 100% em português. Relativamente novo, o app conta com um banco de imagens limitado – pouco mais de 100 fotos –, mas entre elas estão algumas das mais usadas em língua portuguesa. O editor é bastante simples. Você pode utilizar as suas próprias imagens, adicionar texto sobre elas e mudar a cor da fonte. Não há opções para incluir stickers ou emojis, o que o torna mais prático e simples, mas muitos usuários podem sentir falta de alternativas para criação de conteúdo.



O MAIS INDICADO - MAIS FÁCIL DE MANUSEAR.

4.0 – Resultados

4.1 - Os memes serão postados na página do *Instagram* @memes _na_história, desde que estejam dentro da normativa apresentada.

4.2 – Todos os alunos participantes serão contemplados pela professora Cíntia Beňák no retorno das aulas presenciais. Enquanto isso não ocorre, iremos compartilhar nossos sentimentos e aprimorar a nossa empatia.

4.3 – Os alunos participantes serão pontuados pela atividade elaborada.

4.4 – Não haverá uma classificação específica, mas teremos uma comitiva de julgadores, composta por integrantes da Instituição escolar, que irá escolher os três memes mais significativos e, claro, que estejam dentro do regulamento apresentado.

4.5 – Critérios que serão analisados:

1) Identificação com o tema proposto; 2) A construção da narrativa histórica, a partir dos códigos inseridos no meme; 3) O humor

Nova Iguaçu, 19 de maio de 2020

Cíntia Beňák de Abreu



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Memes

na História

Também com MEMES se ensina e se aprende HISTÓRIA

Guia didático para professores

Cíntia Beñák de Abreu

Orientação: Sonia Wanderley

Ano 2020

Sumário

Apresentação	1
Fique por dentro!	5
Antes de Memear, é bom lembrar.	7
Proposta 1	8
Proposta 2	11
Proposta 3	15
Proposta 4	18
Referências Bibliográficas	21

Caro professor,

Você sabe o que são memes? Já se comunicou com alguém enviando gifs ou palavras que tenham se popularizado nas mídias digitais? Já postou alguma hashtag nas redes sociais, a fim de demonstrar adesão a uma ideia? Cantou o famoso “Parabéns para você” em alguma comemoração de aniversário? Já viu uma imagem legendada com personagens de filmes, novelas e até figuras públicas? Deu boas risadas com imagens de gatos fofinhos ou tirinhas com piadas satíricas?

Com certeza, para algumas dessas perguntas, a sua resposta foi positiva, tendo em vista que os memes são um fenômeno da Internet nos últimos tempos. Eles estão em destaque principalmente nos suportes digitais e fazem parte da cultura contemporânea. Esse gênero textual surge de uma demanda comunicacional possibilitada pelo desenvolvimento e “popularização” das redes sociais e dos meios midiáticos. Embora possa apresentar conteúdos variados, alguns mais efêmeros e irrelevantes, outros mais engajados política e socialmente, o que importa é que já fazem parte da realidade comunicativa nos dias de hoje, sendo compartilhado, curtido e replicado em vários espaços, inclusive na escola.

O termo meme está associado à cultura digital, mas a expressão não se limita a essa definição. A origem do termo relaciona-se aos trabalhos de Richard Dawkins, biólogo que, em 1976, publicou o livro “O Gene Egoísta”. No livro, o autor compara a evolução da genética, com leis que regem a seleção e reprodução dos genes, à ideia de que haveria também, seguindo princípios semelhantes e independentemente da vontade consciente dos indivíduos, uma evolução da cultura. Assim, diz Dawkins(2001), explica-se evolutivamente a produção e a reprodução da cultura. À unidade responsável por essa evolução cultural, em comparação ao gene, Dawkins(2001) dá o nome de meme.

Chagas (2020) introduz a ideia de que o meme é um replicador, tal como um gene, de uma unidade de transmissão que transporta informações tal como os genes, só que no caso dos memes não são informações biológicas, mas culturais. Como uma unidade que se replica, como forma de sobreviver diante de outras possibilidades, ou outros memes, alguns deles, vitoriosos nesse processo, contaminam as pessoas com determinadas práticas culturais que, nesse caso, viralizam. Como replicadores, são naturalmente selecionados, de maneira que as crenças ou ideias mais bem-aceitas por determinados

grupos sociais são as que se propagam com maior êxito. Logo, sob esse ponto de vista, as ideias, bordões, modos de vestir, pensar, cozinhar, construir e fazer que competiram entre si, para se afirmar no caldo cultural humano, são os memes que geralmente se propagaram com mais êxito e com mais eficácia pelas pessoas.

Os memes da cultura digital, enquanto gênero textual, trabalham com diferentes linguagens e semioses, exigindo do interlocutor uma complexa rede de inferências. Isso se deve, especialmente, por ele exigir a utilização de uma imagem já conhecida pelos grupos entre os quais o meme vai circular, ancorando-se no processo de intertextualidade. Intertextualidade consiste em um texto que, de forma implícita ou explícita, remete-se a um outro texto já existente. A escolha dessas imagens, que vai de personagens infantis a personagens criados em obras ficcionais, como filmes ou séries, até personalidades públicas conhecidas na mídia, tem, geralmente, uma íntima relação com a intencionalidade que se pretende criar ao inserir um texto escrito à essa imagem escolhida. Embora o meme seja um texto curto, aparentemente breve, ele mobiliza diferentes informações e exige do leitor participar do contexto de significados que constituem o seu sentido. Isso nos permite afirmar o quão complexo pode ser a análise de um meme. Suas narrativas são carregadas com diferentes semioses e com diferentes recursos de linguagem, como a ironia, a intertextualidade, as construções conotativas, mesmo sendo um texto aparentemente direto. Por estas razões, esse Guia Didático se propõe a pensar usos didáticos do meme, entendido como uma linguagem digital com forte potencial para produção de narrativas históricas.

Segundo Rüsen (2001), o pensamento histórico, atrelado à necessidade humana de interpretar o tempo no sentido de forjar identidades, fundamenta-se em um conjunto de operações (experiência, interpretação, orientação e motivações) que precisam ser conectadas e inseridas em uma lógica narrativa de apresentação para estruturar o pensamento e conferir sentido aos eventos históricos. As narrativas originárias desse processo são as narrativas históricas. É importante entender que tais narrativas não são produzidas apenas nos ambientes acadêmicos ou escolares. Elas são produzidas por diferentes instâncias sociais que buscam interpretar o tempo e forjar identidades, situando-nos no tempo. Entre essas instâncias encontram-se as mídias. Daí afirmarmos a possibilidade de um meme constituir-se como uma narrativa histórica.

Para além disso, nossos alunos, imersos em um caldo cultural midiaticado, são consu-

midores e produtores de memes. Torna-se, então, pertinente que a escola se aproprie dessa linguagem e, a partir de uma reflexão didática, proponha-se a pensar essas narrativas históricas produzidas em ambientes públicos e sem a metódica historiográfica. Afinal, elas podem e estão produzindo sentidos e orientação aos alunos, conduzindo-os a pensar e agir de formas variadas diante das coisas que acontecem no mundo. A linguagem memética, apropriada pela história escolar e mediada por seus objetivos, pode vir a se constituir em um novo formato de se narrar o saber histórico escolar. Isso não significa abandonar as formas mais tradicionais de comunicar esse saber na escola, mas, sem dúvida, por permitir utilizar formatos próximos à cultura juvenil, facilita que o processo de ensinar e aprender história na escola conduza e direcione nossos alunos “para fora, a fim de prepará-lo para conviver com o diferente, com o estranho, com a alteridade, com a descontinuidade, com a mudança” (Albuquerque Júnior, 2016, p. 25).

Nessa perspectiva, o guia didático baseia-se em sugestões de possíveis usos dos memes no Ensino de História. É resultado das experiências didático-históricas com memes que realizei nas turmas do Ensino Fundamental II em uma instituição privada da Baixada Fluminense, especificamente no município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. As atividades foram aplicadas em turmas do 6º e 8º anos, mas as sugestões podem se estender a outras séries da educação básica. Resultado de uma pesquisa acadêmica, como requisito para a titulação de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, PROFHISTÓRIA¹, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, este material apresenta como eixo principal motivar outras práticas com memes que possam estimular tantos outros professores que estão em salas de aulas deste país e que pretendem dar significado ao que ensinam de História a seus alunos.

Destaco que a escolha do método adotado, as aulas-oficina, possibilita a interação professor- aluno de forma mais ativa, transformando a sala de aula em um espaço no qual as trocas, os diálogos e a colaboração coletiva acontece em torno da produção de conhecimento e não da simples assimilação de informações.

Portanto, você, professor, poderá informar-se das sugestões e posteriormente ressignificá-los a partir de sua perspectiva de aprendizagem. Se a sua escola não apresentar possibilidades de utilização de recursos tecnológicos variados ou se seus alunos não

1 - É um programa de pós-graduação *stricto sensu* reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação (MEC).

possuírem essas ferramentas, isso não será um impedimento ao uso da propostas presentes neste Guia. Há a possibilidade de se adequar quaisquer das atividades sugeridas à “lógica do digital”, que pode estar presente em seu planejamento, mesmo que sem utilização do aparato tecnológico digital. Esse conceito é defendido pela professora Marcella Albaine Costa em sua tese de doutorado, ao especificar que muitas de suas experiências com o digital ocorreram sem o uso da tecnologia digital: “O que se pode observar, mediante os trabalhos compartilhados, foi muito do ‘digital no papel’ e do ‘papel no digital’, o que vem a quebrar paradigmas” (COSTA, 2019, p. 183). Isso significa que a ausência de canais digitais não impedem que as narrativas meméticas estejam presentes nas aulas, uma vez que podem ser utilizados outros recursos que não os canais digitais para sua abordagem e produção. O papel, as canetas coloridas e o velho quadro-negro, verde ou branco darão conta de serem os suportes para aplicação da “lógica digital”, que exige trabalho colaborativo, conhecimento em teias e não linear e, principalmente, o repensar do papel do professor – não como dono do conhecimento que vai ser “passado”, mas mediador da construção coletiva de um conhecimento que mobiliza criticamente experiências/saberes diversos científicos ou não.

Espero que a partir da leitura deste material, possamos escrever uma história escolar embasada numa perspectiva de construir sujeitos capazes de conviver com a diversidade e a diferença de pensamentos e valores sociais, com o que não é familiar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016). Aproprie-se dos memes que estão online ou os crie, mas não os ignore. Memalizar pode vir a ser mais uma importante e eficiente ferramenta de provocar nos nossos alunos uma “saída do nosso tempo para dar um passeio por paisagens e tempos, cenários e cenas, personagens e pessoas que habitaram outros tempos.” (p. 26)

O professor de História é um deslocador, e nisso é um educador: ele desloca os alunos de suas temporalidades para que, através da experimentação de outros tempos, eles possam retornar a seus tempos transformados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 27).

Fique por dentro!



1

Que os memes são uma febre entre os internautas não nos resta dúvidas, mas criá-los, de repente, seja uma dúvida. Então, não tenha medo, assista a diversos tutoriais no Youtube ou faça uma breve busca no Google. Eles indicarão caminhos mais fáceis. Minha sugestão é o site: Gerar Memes². Ele é fácil, gratuito e apresenta imagens de todos os tipos que podem ser apropriadas para atividades escolares.

² Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/>. Acesso em: 12 novembro 2020.

Memes com fotos de alunos ou integrantes da escola não são pertinentes à aprendizagem. Evite-os e não incentive seus alunos a construir esse tipo de meme em função dos danos que estes podem provocar às individualidades e diferenças existentes no ambiente escolar. Vamos evitar o bullying.

2

Procure evitar o uso em suas aulas de memes que carreguem narrativas que propaguem estereótipos e preconceitos. Busque construir identidades sensíveis e empáticas com seus alunos.

3

5

Memes de teor negacionista, irracionais ou anticientíficos não condizem com as bases do pensamento histórico, portanto, não são bons exemplos para o aprendizado histórico escolar. Não os divulgue.

Visite o site do #MUSEUdeMEMES³ e se familiarize com universo dos memes. O projeto é bastante interessante, pois coleta, monitora e organiza referências bibliográficas relacionadas à pesquisa acadêmica sobre memes, comunidades virtuais e conteúdos gerados por usuários. Explore o web museu!

3 Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/> Acesso em: 25 novembro 2020.

Existem alguns grupos nas redes sociais que exploram memes com narrativas de sentido histórico. Indico a página “História no Paint” por ser um projeto bastante comprometido com a divulgação da História através dos memes. A página é muito elogiada pelos alunos, já que textos criados denotam muito humor, estimulando a aprendizagem histórico escolar, além de outros recursos com a linguagem que podem contribuir também com uma leitura mais crítica dos nossos alunos.

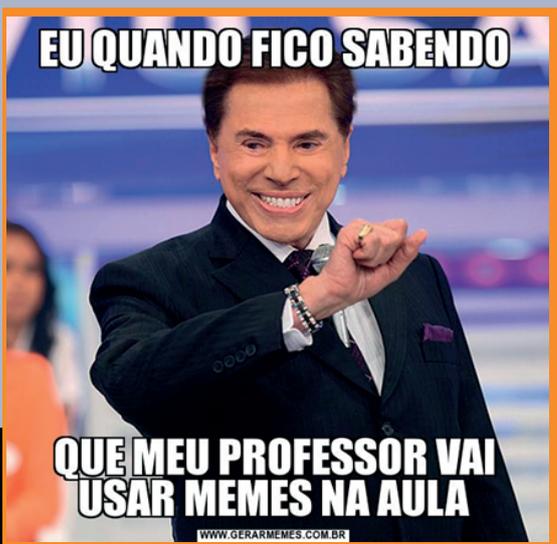


Figura 1: Meme Image Macro

Descrição: Eu quando fico sabendo / Que meu professor vai usar memes na aula

ANTES DE MEMEAR,

É BOM LEMBRAR!

1 Todas as propostas didático-históricas apresentadas neste guia resultaram de minhas experiências de aprendizagens com memes, logo, podem e devem ser ressignificadas de acordo com a realidade de cada professor e de cada instituição.

2 Torna-se de grande importância, antes de iniciar qualquer atividade com memes em turmas do Ensino Fundamental II, conscientizar os educandos quanto a funcionalidade da linguagem memética nos tempos digitais. Será bastante relevante apresentar como este recurso trata-se de uma linguagem rápida, dotada de humor, mas que precisa ser decodificada, interpretada. Essa linguagem não é neutra, ela é histórica! Assim, ao escolher um meme procure seguir esses passos: 1) Verificar as características da página onde ele foi encontrado; 2) Identificar os elementos imagéticos e textuais e seus possíveis significados; 3) Expor o contexto das imagens e relacioná-las ao tempo presente, como também ao passado a que se referem; 4) Relacioná-lo a discussões historiográficas sobre a temática abordada, sejam elas acadêmicas ou escolares. (CADENA, 2018)

3 Reforce com os alunos que os memes estão em todos os lugares, ocupam vários espaços e podem carregar tanto uma mensagem importante que remeta, por exemplo, a uma crítica social, provocando reflexões importantes ou a mensagens que estimulem a propagação da violência, do ódio ou de notícias falsas.

“Aprender História seria: discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e espaços diversos”.
(CAINELLI, 2010)

Proposta 1

TÍTULO: Historiar com memes

Público-alvo: 6º, 7º, 8º e 9º anos

Objetivos

- Orientar de forma lúdica a leitura das narrativas meméticas;
- Observar e analisar de forma crítica os discursos que o meme propaga;
- Apropriar as narrativas históricas públicas dos memes à realidade escolar com a finalidade de estimular o pensamento histórico;
- Orientar o aluno a dar sentido à sua existência no tempo;
- Desenvolver identidades para si que se orientem no tempo, reconhecendo a complexidade da relação entre passado, presente e futuro na orientação dessas identidades.

Orientações ao professor:

1. Essa atividade poderá ser desenvolvida com qualquer temática proposta pelo planejamento curricular de História, desde que a narrativa memética esteja inserida no contexto de aprendizagem pretendido pelo professor e seja propícia ao ambiente escolar.

2. Os memes podem ser encontrados na Internet aleatoriamente através da busca pelo tema ou em grupos das redes sociais.

3. Os memes podem ser inseridos em slides, folha de exercícios, projetados no quadro branco e avaliações. Podem te ajudar a introduzir um determinado tema ou encerrar uma aula para fins de síntese.

4. Em caso de ausência de recursos tecnológicos em sua escola, os memes podem ser impressos pelo professor e distribuídos aos alunos ou fixados no quadro/mural.

ETAPA 1: Exposição do meme

1) Ao final da aula expositiva, projetei no quadro branco um meme que carregava uma narrativa de sentido histórico que referenciava à crise do Segundo Reinado e ao processo de Proclamação da República.

2) Neste exemplo, a peça memética atendia a proposta de ilustrar minha aula expositiva, mas acabou também sendo um elemento que propulsionou uma síntese dos temas anteriormente abordados.

MEME SUGESTIVO

**Monarquistas chorando
porque o Imperador se foi**

**O povo brasileiro
bestializado sem entender nada**



ETAPA 2: Dialogando com o meme

Primeiramente, foi oportunizado aos alunos tecer comentários acerca do meme. Em seguida, sob minha intervenção, dialogamos sobre as possíveis relações do meme com os temas que estavam sendo abordados nas últimas aulas. Levantamos comentários sobre os grupos sociais do período que estavam sendo identificados a partir da imagem, assim como destacamos a imagem do gato e seu respectivo sentido e relação com as classes populares da época. Aproveitamos a oportunidade para analisar os diferentes pontos de vista que existem quando se trata do conhecimento histórico com a finalidade de identificar que a História posta nos livros foi escrita por alguém, mas que por detrás dessa versão exposta existem outras Histórias de sujeitos que produziram vestígios mais foram silenciados.

Algumas dicas

1. Caso a turma seja grande, o professor poderá apresentar a opção em dividi-la em grupos e direcionar uma certa quantidade de memes para cada grupo formado e solicitar que os discentes produzam um texto dissertativo em torno do conteúdo trabalhado e sua respectiva associação com possíveis memes expostos;
2. Os alunos podem criar seus próprios memes, após a contextualização realizada pelo professor. Após essa etapa, as produções podem ser compartilhadas nos ambientes virtuais para uma possível verificação do professor quanto à competência narrativa do aluno;
3. Os memes podem ser aplicados no início da aula como uma avaliação diagnóstica;
4. Os alunos poderão formular perguntas e respostas acerca dos memes apresentados, identificando as diversas narrativas que existem no meme;
5. Caso seja opção do professor criar os próprios memes, estes podem ser disponibilizados no ambiente online, com o intuito de gerar interesse aos educandos e à comunidade escolar, para fins de trocas e diálogos;
6. Uma vez apresentada a temática aos alunos, o professor poderá solicitar que eles busquem pelo ciberespaço outros memes históricos que possam dialogar com a aprendizagem, configurando sentido ao conhecimento histórico, a partir de analogias.

Proposta 2

TÍTULO: Memes contam histórias?

Coronavírus: O presente por meio dos memes

Público-alvo: 6º, 7º e 8º anos

Objetivos

- Estimular os alunos a contarem suas histórias através dos memes, relacionando a temporalidade do presente com a produção de narrativas que sejam capazes de documentar e registrar as memórias individuais;
- Criar memes que envolvam narrativas que sejam significadas a partir da construção de identidades de si e do outro;
- Produzir memórias deste tempo presente e divulgá-las nas redes sociais;
- Dar significado prático ao aprendizado histórico a partir da produção do aprendiz;
- Estimular o desenvolvimento do pensamento histórico para construir sujeitos capazes de criticidade frente as informações, ideias, dados e imagens.

Observação

Esta atividade foi realizada no período da pandemia do Covid19 com o intuito de registrar através dos memes como a doença está sendo encarada pelos alunos. O pressuposto fundamental desta atividade, embora no formato remoto, foi documentar e produzir arquivos que registrassem a memória deste período. Essa atividade pode ser adaptada a outras realidades e a outras temáticas.

Etapa 1

Os alunos foram estimulados a participar, através de posts publicados na conta do Instagram @memes_na_historia. Criamos um perfil próprio para o desenvolvimento do projeto em questão com a finalidade de aproximar as relações aluno/professor e promover aprendizagens históricas significativas, a partir de trocas, diálogos e construções de análises quanto aos memes pré-selecionados ou quanto aos

sugeridos pelos alunos. Com objetivos de esclarecer as regras da atividade, optei em organizar um pequeno roteiro, esclarecendo alguns possíveis significados para o termo meme, os objetivos da proposta de atividade, dicas de como elaborar um meme com indicação de sites e sobre a divulgação dos resultados.

Reservei um espaço da aula para explicar a atividade e ler com os estudantes as orientações, que foram disponibilizadas na plataforma de aulas, na conta do Instagram e pelo envio do QRcode.

Exemplos de postagens de incentivo aos discentes



Figura 2



Figura 3

A arte da postagem (Figuras 2 e 3) foi elaborada no aplicativo Canva (versão gratuita). O mesmo pode ser instalado no celular em formato de aplicativo ou pode ser usado online pelo computador.

Etapa 2

Foi sugerida aos alunos a opção de enviar as produções meméticas pela conta do Instagram ou para o meu e-mail pessoal. Torna-se bastante interessante oferecer mais de uma opção de envio para que os alunos se sintam seguros, caso não dominem um dos recursos ofertados.

Etapa 3

Foi estipulado um período de duas semanas de prazo a fim de proporcionar aos estudantes bastante flexibilidade para que cumprissem a atividade sugerida.

Etapa 4

Postagem gradativa dos memes na conta do Instagram sem fazer referência aos nomes dos alunos. Achei mais interessante não revelar os nomes, a fim de manter a privacidade de cada um deles, principalmente por estarmos vivendo um período de ensino remoto que, por si próprio, já ocasionou algumas dificuldades.

Caso o professor não tenha uma rede social própria para postagem, o mesmo poderá, de repente, sugerir a direção da escola para que seja postado na conta profissional da instituição de ensino como

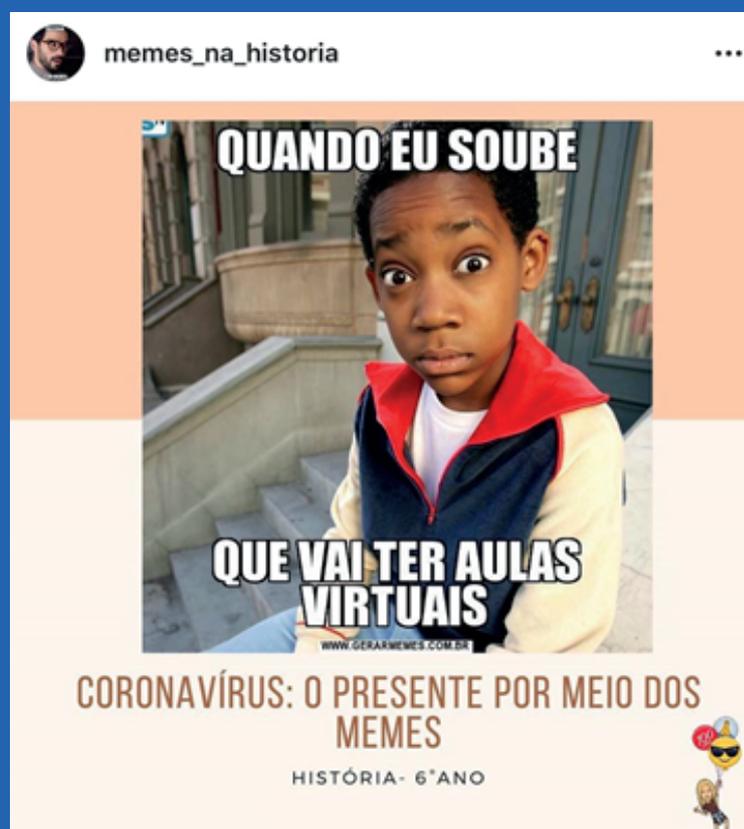
demonstração de projeto pedagógico ou, na ausência de recursos tecnológicos, imprimir os memes e depois organizá-los em um mural.

Cada aluno obteve a oportunidade de contar a sua própria história através do registro dos memes, portanto, é necessário estar sempre lembrando aos discentes que os memes, na maior parte das vezes, são dotados de humor, logo, não podem servir de pretexto para brincadeiras impróprias entre o grupo e propagação de discriminação e de preconceitos.

Etapa 5

Minha proposta inicial era postar os memes na página do Instagram, desde que estivessem dentro da normativa apresentada. Critérios que seriam analisados para publicação: (1) identificação do tema geral, (2) identificação das referências presentes (outro meme, fala ou imagem), (3) sentido do humor atribuído, (4) eventuais relações com temas atuais. Sem uma classificação específica, a partir de uma comissão de julgadores, composta por integrantes da escola, seriam escolhidos os três memes mais significativos e que estivessem dentro da proposta. Em seguida, haveria a postagem dos memes escolhidos na intenção de que ele se replicasse pelas redes. Por questões administrativas, esse planejamento inicial não ocorreu, mas pode ser um caminho a ser seguido. De forma mais simples, eu mesma fiz a seleção dos memes e os publiquei nas redes.

FORMATO DE PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM



Proposta 3

TÍTULO: Varal dos Memes

Público-alvo: 6º ano

Objetivos

- 1) Competência 4 da BNCC: Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- 2) Dentro da perspectiva da lógica do digital, estimular a produção de uma escrita da História escolar através da linguagem memética a fim de desenvolver a consciência histórica dos alunos e da importância do reconhecimento das diferenças.
- 3) Construir narrativas meméticas que tenham a finalidade de incentivar a adesão à campanha de proteção aos povos indígenas.
- 4) Incentivar a promoção de identidades com maior autonomia e evitar identidades não-razoáveis.

Etapa 1

A primeira etapa envolveu uma pesquisa direcionada a sites de campanhas em defesa dos povos indígenas e ao endereço

eletrônico da FUNAI . Pretendia-se com esta tarefa divulgar, frente a turma, organizações que direcionam campanhas de proteção e preservação da cultura e da história indígena. Especificamente no site da FUNAI, os alunos foram convidados a mergulhar nas informações oferecidas e a refletir acerca dos objetivos desta instituição como órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Explore bastante o site, temos muitas informações interessantes que promovem aprendizados históricos de relevância para o aluno e que despertam curiosidades quanto aos povos nativos do Brasil. O maior atrativo do site para o grupo foram os cânticos indígenas.

Etapa 2

Envio do modelo de camiseta online para os estudantes. Neste caso, divulguei no momento da minha aula, modelo remoto. Caso as aulas estejam no modelo presencial, as camisetas virtuais podem ser copiadas e distribuídas para os alunos e depois, a partir de fotos, retornar ao

mundo virtual. O e-mail e o WhatsApp são ferramentas importantes na divulgação, mas isso é uma opção de cada profissional.

Orientação aos alunos para criar uma hashtag que promova uma campanha no ciberespaço em prol da defesa dos povos nativos do Brasil com a finalidade de divulgá-la a partir de compartilhamentos e curtidas.

Os alunos que apresentaram alguma dificuldade com os recursos tecnológicos foram orientados a imprimir o modelo de camiseta e depois cortar, pintar e escrever suas hashtags (Uso da lógica do digital). Outra opção oferecida centrou-se na possibilidade de elaboração da camiseta através de aplicativos online.

Modelo das camisetas



Etapa 3

Exposição das camisetas online no varal dos memes na conta do Instagram, com a proposta que todos os integrantes do grupo tivessem acesso às hashtags criadas. Uma outra opção é fazer uma exposição no mural da escola, caso não se tenha acesso aos recursos tecnológicos.

FORMATO DE PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM



Varal dos memes

6º ano - História



@memes_na_historia



Varal dos memes

#ajudemosindigenas
#respeito



@memes_na_historia



Varal dos memes

#cuidadanossa historia



@memes_na_historia



Proposta 4

TÍTULO: Memes em ambientes colaborativos

Público-alvo: 6º, 7º e 8º anos

Objetivos

- 1) Competência 4 (História) da BNCC: Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários;
- 2) Orientar de forma lúdica a leitura das narrativas meméticas;
Incentivar os alunos a aprender, colaborar e participar ativamente de novos ambientes digitais;
- 3) Desenvolver o pensamento histórico dos alunos a partir da leitura dos memes;
- 4) Promover um aprendizado histórico significativo que oriente o indivíduo em relação a si e ao outro (identidade e alteridade);
- 5) Estimular o letramento histórico dos alunos.

Etapa 1

Nesta etapa, o meme escolhido, a partir dos critérios anteriormente relatados, foi inserido na tela inteligente do ambiente colaborativo, Jamboard. O Google Jambo-

ard é um quadro branco inteligente que se conecta ao ecossistema do buscador, em especial o G Suíte, a suíte de soluções corporativas do Google. Tela inteligente que possibilita o acesso rápido às imagens de uma pesquisa no Google, que permite salvar os trabalhos na nuvem em tempo real e que reconhece, através de uma ferramenta, as formas de escrita à mão de fácil leitura, possibilitando elaborar reuniões e rabiscar no quadro. A intenção foi incluir todos os alunos no mesmo ambiente participativo e estimulá-los a uma aprendizagem acessível e visível a todos. É uma ferramenta criativa e capacitada a promover a autonomia dos alunos, a criatividade com a colaboração para coletar ideias

Etapa 2

O link de acesso da tela foi enviado aos alunos e estes, após um clique, já estavam aptos a navegar pela tela interativa. De fácil manuseio, tanto para o professor como para os alunos, a ferramenta foi uma opção para a atividade desenvolvida. Os alunos foram

levados a comentar, analisar, refletir, ressignificar a narrativa apresentada pelo meme.

As respostas criadas pelos alunos eram digitadas em quadrado, onde se podia escolher a cor e o tamanho. O movimento destes quadrados pela tela branca também era permitido, logo, em torno do meme e da questão proposta, havia a construção de um design com cores e formatos. Esse momento foi reservado a trocas, reflexões, análises e construções de respostas ao questionamento proposto. Mediados pelas minhas intervenções, o meme, gradativamente, foi ganhando significados, a partir da construção de outras narrativas de sentido histórico para os estudantes que foram ocupando o quadro.

Meme sugestivo



Importante

Caso o professor não apresente o ambiente virtual proposto, o mesmo poderá desenvolver a atividade utilizando a "lógica do digital". Sugiro que o meme seja impresso, se possível em formato colorido, e depois seja colado em uma cartolina ou qualquer papel acessível. Em seguida, as respostas podem ser organizadas em torno do meme.

Etapa 3

Análise coletiva das produções escritas. Ao fim dessa etapa, imbuídos de autonomia, os "avatares/alunos" escolheram o fundo da tela, a cor dos quadrados, o tamanho das postagens, ou seja, configuraram a tela de acordo com a escolha do grupo

Etapa 4

O instante final consistiu na conclusão da atividade e da reflexão em torno do momento de partilha da aprendizagem. Foi demonstrada ao grupo a relevância de se preservar e respeitar a resposta de todos os membros, pois a atividade permitia o compartilhamento da tela entre todos, deixando-os aptos a apagar quaisquer postagens realizadas por algum aluno. Ao final, em comum acordo com as turmas, a imagem do quadro interativo foi salva em formato PDF e compartilhada via chat da plataforma de estudos.

Que os indígenas tem seus direitos, eles tem direitos as suas próprias terras, e todos os direitos que todos nós temos.

se alguém não aceita que as terras dos índios sejam invadidas, não deverá invadir as terras dos mesmos.

se você e contra invasão não invada a terra dos indígenas

601

QUE MUITAS PESSOAS CONSIDERAM INDÍGENAS MENOS RESPEITÁVEIS QUE OUTRO POVOS

QUE OS COLONIZADORES NÃO RESPEITARAM OS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DA ÉPOCA E HOJE EM DIA ACONTECE A MESMA COISA MESMO ESSAS TERRAS REDUZIDAS

Se você e contra a invasão ,não invada as terras dos outros

A crítica é que mesmos tendo leis contra a ocupação de terras indígenas elas são ocupadas e não é feito quase nada contra

Ele diz que você não gostaria que invadissem a sua terra e você invadiu a terra dos indígenas



QUE AS PESSOAS SÃO CONTRA A INVASÃO DE TERRA MAS INVADEM AS TERRAS INDÍGENAS

Que os indígenas tem direito as suas próprias terras. Devemos respeitar os direitos deles.

que invadir as terras indígenas é igual invadir a propriedade de alguém. Arthur Dantas

Ela está fazendo uma crítica com quem é contra a invasão, mas invade a terra dela.

ela esta dizendo que as pessoas que invadem as terras indígenas não gostam de serem invadidos mas invadiram as terras dos indígenas o feitico virou contra o feiticeiro Giovana Lima

ela está fazendo uma crítica social para as pessoas que invadem as terras indígenas

Que os indígenas são os verdadeiros proprietários das terras brasileiras



602

FUJA DA CAVERNA

Nós não queremos que invadam nossas propriedades, porém a civilização, não se importa com isso na hora de invadir e destruir a propriedade dela.

pois ela está querendo dizer que estão invadindo as terras do povos indígenas então ela tá querendo dar um lição que "não faça com o outro o que não queria que fizesse com você"

pare de invadir as terras dela denuncia

Significa que ela acha que a gente invadiu as terras dela, que nós tomamos dela.

Na minha visão,a pessoa com quem ela está falando está invadindo a propriedade dela -Pedro C. =3

ELA QUER A TERRA DELA SEM INVASORES

que nós somos os invasores

ela esta dizendo que as pessoas que invadem as terras indígenas não gostam de serem invadidos mas invadiram as terras dos indígenas o feitico virou contra o feiticeiro giovana lima

ela quis dizer que nós estamos invadindo sua terra ,e esta pedindo para parar de invadir seu espaço

Ela quer viver em paz sem sofrer uma tragédia

que estamos invadindo a terra dela

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. de. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História? In: GABRIEL, Carmen Teresa; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim; MONTEIRO, Ana Maria. (Orgs.). Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2016, v. 1, pp. 21-42.

CADENA, S.R.G. Narrativas digitais e a história do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de História. Recife, 2018. 214f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

CAINELLI, M. R. O que se ensina e o que se aprende em História. In.: História: ensino fundamental. OLIVEIRA, M. M. D (Coord). Coleção explorando o ensino: História, vol. 21. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAINELLI, M. R.; BARCA, I. A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, 2018.

CHAGAS, V. A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

COSTA, M. A. F. da. Ensino de História e Historiografia escolar digital. Rio de Janeiro, 2019. 232 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

DAWKINS, R. O Gene Egoísta. (1979) Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>

#MUSEUdeMEMES. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>

RÜSEN, J. Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, J. Rüsen e o ensino de história. [Schmidt, M.A; Barca, I.; Martins, E. R. (org)]. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.